UNIVERSIDADE FEDERAL PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

MICHELE BEZERRA COUTO DE LIMA

SIGNIFICADOS DA MATERNIDADE E PRÁTICAS DE ABANDONO E INFANTICÍDIO:

itinerários e opiniões de mães envolvidas e rede pública de atendimento em Pernambuco

Recife
2010

MICHELE BEZERRA COUTO DE LIMA

SIGNIFICADOS DA MATERNIDADE E PRÁTICAS DE ABANDONO E INFANTICÍDIO:

itinerários e opiniões de mães envolvidas e rede pública de atendimento em Pernambuco.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Linha de pesquisa: Gênero, saúde e sexualidade.

Orientadora: Profa. Dra. Marion Teodósio de Quadros

Coorientadora: Profª Drª Roberta Bivar Carneiro Campos

Recife
2010

Catalogação na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

L732s Lima, Michele Bezerra Couto de.
Significados da maternidade e práticas de abandono e infanticídio : itinerários e opiniões de mães envolvidas e Rede Pública de Atendimento em Pernambuco / Michele Bezerra Couto de Lima. – 2018.
166 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Profª. Drª. Marion Teodósio de Quadros.
Coorientadora : Profª. Drª. Roberta Bivar Carneiro Campos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2018.
Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Antropologia. 2. Maternidade. 3. Infanticídio. 4. Menores abandonados. I. Quadros, Marion Teodósio de (Orientadora). Campos, Roberta Bivar Carneiro (Coorientadora). II. Título.

301 CDD (22. ed.) UFPE (BCFCH2018-112)

MICHELE BEZERRA COUTO DE LIMA

SIGNIFICADOS DA MATERNIDADE E PRÁTICAS DE ABANDONO E INFANTICÍDIO:
itinerários e opiniões de mães envolvidas e rede pública de atendimento em Pernambuco.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovada em: 03/05/2010.

BANCA EXAMINADORA

_____
Profa. Drª Marion Teodósio de Quadros (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

_____
Profª. Drª. Lady Selma Ferreira Albernaz (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

_____
Profª Drª Mónica Lourdes Franch Gutiérez (Examinadora Externa)
Universidade Federal da Paraiba

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial às minhas irmãs Gizely e Giselda, pelo apoio, dedicação e carinho, sem elas não teria superado as dificuldades e alcançado meu objetivo.

Às minhas filhas, Vitória e Pietra, pelo carinho, paciência e compreensão.

À Heitor Salvador pelo apoio e incentivo no início desta jornada e por ser referência para seguir em frente.

Ao meu primo Alex por seu carinho e companheirismo durante a pesquisa de campo.

Às minhas amigas: Ana Claudia, Dayse Luna, Jeíza Saraiva, Karina Leão, Luciana Lima, Palloma Cavalcanti, Valdenia Santos, por terem compartilhado comigo as dificuldades, as alegrias, as tristezas, as tensões e participações nos momentos decisivos.

À Mariana Figueiroa por sua amizade, carinho e assessoria jurídica sempre quando necessário.

À minha amiga Érica Sá por compartilhar comigo todos os momentos de construção deste trabalho, as angústias, as dificuldades, as alegrias, os choros, encontros e desencontros, o companheirismo, as conquistas e realizações.

À Professora Marion Teodósio pela paciência, por sua experiência profissional e contribuições na construção deste trabalho.

À Professora Roberta Campos pelo incentivo, conselhos e pela importância da sua contribuição nos momentos decisivos.

Ao CNPq pelo financiamento desta pesquisa.

A maternidade extrapola, portanto, dados simplesmente biológicos; ela possui um intenso conteúdo sociológico, antropológico e uma visível presença na mentalidade histórica.

Mary Del Priore

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma investigação acerca dos casos de abandono de recém-nascido e infanticídio que foram veiculados na mídia brasileira no período de 2006-2008. O objetivo da pesquisa está pautado em analisar os significados da maternidade relacionados a práticas de abandono e infanticídio para mulheres envolvidas e rede pública de atendimento em Pernambuco. Assim, buscamos: i) caracterizar os casos em tela e as mães envolvidas; ii) evidenciar as concepções existentes e a interpretação dos agentes públicos sobre abandono e infanticídio; iii) identificar os significados da maternidade, bem como suas relações com práticas de abandono e de infanticídio nas falas das mães e dos agentes públicos da Saúde, Assistência Social e do Direito. A metodologia abordada foi de cunho qualitativo. A pesquisa de campo se dividiu em duas etapas. Na primeira etapa foi realizada a coleta de dados sobre os casos de abandono e infanticídio veiculados na mídia em todo o Brasil. A partir desta coleta, o estado de Pernambuco foi eleito para realizar a pesquisa empírica, considerando o curto espaço temporal para realizar um trabalho deste nível e pela ausência de pesquisas direcionada ao estudo deste fenômeno. Deste modo, se observou a incidência dos casos em quatro regiões do estado de Pernambuco (Litoral, Zona da Mata Sul, Agreste e Sertão), simultaneamente foram realizadas visitas em delegacias e no Ministério Público para localizar os inquéritos policiais e processos criminais. Na segunda etapa foram realizadas entrevistas abertas e em profundidade com duas mães, uma avó, uma amiga e com os agentes públicos de delegacias, Ministério Público, Secretaria de Saúde e Secretaria de Assistência Social. As análises realizadas apontam que o modelo afetivo/normativo da maternidade intensiva evocado por nossa sociedade pode ser reforçado diante da prática de abandono e infanticídio através do discurso normatizador e naturalizante das representações da maternidade. Também demonstram que as categorias abandono e infanticídio podem ser resignificadas pelos Operadores do Direito como símbolo de uma ação punitiva maior para as mães que desviam as normas e os valores supremos da nossa sociedade. Focalizar as mães envolvidas em práticas de abandono e infanticídio e classificá-las como criminosas sem considerar os outros atores e instituições envolvidas – como o companheiro, familiares, os agentes governamentais, as políticas direcionadas ao apoio à gravidez e à maternidade – significa enfocar apenas um dos atores (a mãe) que possuem um papel importante na construção dessa realidade.

Palavras-chave: Maternidade. Abandono. Infanticídio.

RÉSUMÉ

Ce travail est le résultat d'une enquête sur le cas des nouveau-nés abandonnés et l'infanticide qui ont été véhiculées dans les médias brésiliens sur la période 2006-2008. L'objectif de la recherche est guidé dans l'analyse de la signification des pratiques de maternité liés à l'abandon et l'infanticide pour les femmes concernées et de la fonction publique dans le Pernambuco. Ainsi, nous cherchons à: i) de caractériser les cas d'espèce et les mères concernées, ii) mettre en évidence les conceptions existantes et l'interprétation des agents publics au sujet de l'abandon et l'infanticide, iii) identifier les significations de la maternité et de leurs relations avec les pratiques d'abandon et de l'infanticide dans le discours des mères et des fonctionnaires de la Santé, aux Services sociaux et la loi. La méthodologie a été discuté qualitative. La recherche sur le terrain a été divisé en deux étapes. La première étape a été menée pour recueillir des données sur les cas d'abandon et l'infanticide véhiculée par les médias dans tout le Brésil. De cette collection, l'état de Pernambuco a été élu pour mener des recherches empiriques, compte tenu du court délai pour faire un travail de ce niveau et le manque de recherche visant à étudier ce phénomène. Ainsi, il semble que l'incidence des cas dans quatre régions de l'état de Pernambuco (Litoral, Zona Mata Sul, Agreste e Sertão), deux visites ont été effectuées par la police et les procureurs de trouver les enquêtes policières et des poursuites pénales. Dans la deuxième étape et ont été interviewés en profondeur avec deux mères, une grand-mère, une amie et avec des fonctionnaires de police, les procureurs, Secrétaire de la Santé et Ministère des affaires sociales. Les analyses montrent que le modèle affectif/maternité intensive normative évoquée par notre société peut être renforcée avant la pratique de l'abandon et l'infanticide par le discours des représentations normatives et naturaliste de la maternité. Ils démontrent également que l'abandon et l'infanticide catégories peuvent être porteurs de nouveaux sens de la loi comme un symbole d'une action punitive plus élevé pour les mères qui s'écartent des règles et des valeurs suprêmes de notre société. Focus sur les mères impliquées dans des pratiques de l'infanticide et l'abandon et de les classer comme des criminels sans tenir compte des autres acteurs et institutions impliqués - en tant que partenaire, la famille, des représentants du gouvernement, des politiques visant à soutenir la grossesse et la maternité - des moyens de focalisation sur un seul acteurs (la mère) qui ont un rôle important dans la construction de cette réalité.

Mots-clés: La maternité. L'abandon. L'infanticide.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema da rota percorrida pelos casos de abandono e infanticídio 31
Figura 2 - Incidência dos casos de abandono e infanticídio por estado brasileiro 51
Figura 3 - Manuais e guias sobre maternidade 93

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Casos de Abandono e Infanticídio por Região do Brasil de 2006 a 2008 50
Gráfico 2 - Incidência anual de casos de abandono e infanticídio por região brasileira 52
Gráfico 3 - Crianças envolvidas em casos de abandono e infanticídio por sexo 54
Gráfico 4 - Percentual dos casos por categoria no período de 2006-2008 55
Gráfico 5 - Mães envolvidas em práticas de abandono e infanticídio 55
Gráfico 6 - Perfil das mulheres envolvidas por idade 56
Gráfico 7 - Tipificação dos casos segundo os Operadores do Direito 58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Casos de abandono e infanticídio no estado de Pernambuco no período de 2006-2008 28
Quadro 2 - Total de entrevistas realizadas em Pernambuco 36
Quadro 3 - Previsões de enquadramento de conduta típica do Código Penal Brasileiro 58

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CICA	Centro Integrado da Criança e do Adolescente
CPB	Código Penal Brasileiro
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
GPCA	Gerência de Polícia da Criança e do Adolescente
MPPE	Ministério Público de Pernambuco
NOFE	Núcleo de Orientação e Fiscalização de Entidades
OEA	Organização dos Estados Americanos
ONG's	Organização Não Governamentais
PAISM	Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher
RRM	Recife e Região Metropolitana
SDS	Secretaria de Defesa Social
SERES	Secretaria Executiva de Ressocialização

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14
1.1 A maternidade intensiva 16
1.2 Abandono e infanticídio no Brasil 20
2 DELINEANDO O CAMPO – OBJETO, MÉTODOS E LIMITES.....24
2.1 Caracterização geral dos casos encontrados na mídia 24
2.2 Elementos norteadores da pesquisa de campo 26
2.3 As fases da pesquisa de campo 27
3 AS FACES DO ABANDONO E O INFANTICÍDIO – PERFIL, REDE E CONCEPÇÕES.....39
3.1 Concepções sobre abandono e infanticídio 39
***3.1.1 Sobre o abandono* 40**
***3.1.2 Sobre o infanticídio* 47**
3.2 Perfil dos casos de abandono e infanticídio veiculados no Brasil durante 2006-2008 50
3.3 Os agentes públicos, representações e significados da maternidade 63
4 CONTINUIDADES E TRANSFORMAÇÕES DAS EXPERIÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES DA MATERNIDADE.....72
4.1 Experiências e sentimentos – relatos das mães envolvidas em práticas de abandono e infanticídio em Pernambuco 73
***4.1.1 Do abandono* 73**
***4.1.2 Do infanticídio* 81**
***4.1.3 Regras e práticas, a ordem moral e o vivido – uma análise das experiências e sentimentos de Monique e Laura* 88**
4.2 A busca pela perfeição: manipulação do self materno – representações e significados da maternidade nos casos de abandono e infanticídio em Pernambuco 90
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 96
REFERÊNCIAS 102
APÊNDICE A - CASOS DE ABANDONO E INFANTICÍDIO NO PERÍODO DE 2001-2005 127

ANEXO A - LAUDOS DE PERÍCIA TANATOSCÓPICA 128
ANEXO B - ELATÓRIOS DE INQUÉRITO POLICIAL 133
ANEXO C - ALGUNS DADOS E ESTATÍSTICAS 137
ANEXO D – RELATÓRIO DAS TIPIFICAÇÕES *VERSUS* DENÚNCIAS – MPPE 139
ANEXO E - RELATÓRIO DE PROCESSOS DISTRIBUÍDOS – 2ª VARA DA INFÂNCIA E JUVENTUDE/TJPE 142
ANEXO F - CRIMES PRATICADOS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES 145
ANEXO G - NOTÍCIAS DE CASOS DE ABANDONO E INFANTICÍDIO NOS ANOS ANTERIORES 146
ANEXO H - NOTÍCIAS DOS CASOS DE ABANDONO E INFANTICÍDIO VEICULADO NO BRASIL NO PERÍODO DE 2006-2008 148
ANEXO I - GUIAS E MANUAIS SOBRE MATERNIDADE 158
ANEXO J - DIVISÃO DO RECIFE POR REGIÃO POLITICAMENTE ADMINISTRATIVA – RPA 165
ANEXO K - PROCESSOS, INQUÉRITOS E LAUDOS (NÚMEROS DE IDENTIFICAÇÃO) 166

1 INTRODUÇÃO

O debate sobre maternidade no Brasil e em outros países constitui-se como objeto transversal na discussão suscitada por vários autores que se dedicam ao estudo de Gênero e Família. Sobretudo, a temática vem sendo amplamente discutida e recebendo maior relevância, nas últimas décadas, permeando outros setores tal como a medicina, o Estado e a mídia.

A proposta de estudar o abandono de crianças e o infanticídio surgiu das minhas observações e aprofundamento bibliográfico no tocante as questões que perpassam gênero, família e maternidade, tornando perceptíveis as diferentes atitudes maternas, como práticas culturais e um instinto inato à natureza feminina. Observamos, no imaginário ocidental, uma lógica biologizante que implica numa maternidade desejada por todas as mulheres, que perpassa o instinto e, como conseqüência "natural" deste instinto cabe, quase que exclusivamente, à mulher o cuidado com a prole (BADINTER, 1985; DEL PRIORI, 1995; CHODOROW, 2002; GARCIA; LOPES 2003; PAIM, 1994).

A partir da experiência de iniciação científica durante a graduação em Ciências Sociais[1] tornou-se evidente que as experiências vivenciadas pela mulher no período da gestação, parto e puerpério têm implicações para o modo como as mães vivenciam o sentimento do amor materno. As atitudes maternas que não condizem com o ideal de maternidade, aspirado por nossa sociedade, também fazem parte das diversas formas de vivenciar o amor materno (exposição do desconforto da gravidez, inexpressividade de felicidade constante), que se apresenta de forma tão variável e suscetível como qualquer sentimento. Entretanto, o amor da mãe por sua/seu filha/o é visto por nossa sociedade como algo inato e instintivo que vai aflorar no momento em que a mulher se torna mãe, não considerando que esse sentimento esteja sujeito a variações ou questionamentos.

Os casos de abandono de crianças e infanticídio ganham forte conotação, tanto pela violência praticada com a criança, quanto pelo fato de ter sido cometido pela mãe. A proposta aqui apresentada não pretende tomar os exemplos de abandono e de infanticídio como prova

[1] Pesquisas PIBIC/CNPq desenvolvidas na graduação em Ciências Sociais-UPFE sobre as experiências da maternidade, seus afetos e sensações em camadas médias e classes populares em Recife como parte de um projeto maior coordenado pela Prof. Drª Roberta Bivar Carneiro Campos.

da inexistência do amor, mas investigar e compreender de que modo as relações sócio-afetivas, especialmente que dizem respeito às convenções sociais relacionadas à maternidade influenciam o comportamento das mães.

Como pensar que a mãe ao invés de amar, cuidar e zelar pela saúde física e cognitiva da/o sua filha/o cometeria tal ato? Falar de abandono e infanticídio nos faz refletir sobre estas questões tornando imprescindível compreender como o amor materno, juntamente com as transformações na família e a estrutura do Estado estão inter-relacionadas e influenciam na construção do *self materno* e dos significados da maternidade. Pensando nestas questões este trabalho tem o objetivo de analisar os significados da maternidade relacionados a práticas de abandono e infanticídio para mulheres envolvidas e rede pública de atendimento em Pernambuco, tomando como referência os casos veiculados na mídia brasileira no período de 2006-2008.

O interesse em abordar as questões que envolvem o abandono e o infanticídio foi despertando na medida em que os casos eram veiculados na mídia. A leitura das notícias veiculadas estimulou o surgimento de questões que foram influenciadas por comentários que vinham de colegas, familiares, amigas/os e desconhecidas/os em conversas corriqueiras de elevador, transporte público, *blogs* e outros espaços.

As observações foram apontando características comuns entre os casos, entretanto ficou perceptível que não havia uma reflexão maior acerca deles. Ao iniciar a pesquisa houve uma maior apropriação dos casos veiculados, proporcionando uma reflexão sobre questões que até então estavam omissas pelas palavras dos meios de comunicação, questões que carregam e imprimem em cada caso sua singularidade (as experiências e os fatos cotidianos).

O trajeto da pesquisa foi se delineando a partir do movimento de maior apreensão do objeto. No primeiro momento foi importante delimitar o período a ser abarcado, assim, o universo da pesquisa está delimitado aos casos de abandono e infanticídio cometidos no período de 2006-2008 que foram veiculados na mídia nacional (jornais impressos, telejornais, Internet). Em seguida, tornou-se imprescindível identificar, em cada caso, a história de vida das mulheres (relatadas por vozes dissonantes) através de um olhar aprofundado e que trouxesse à luz situações que comumente são veladas, invisibilizadas.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa foi de caráter qualitativo. Os elementos utilizados para o início da investigação foram as manchetes dos jornais

impressos locais[2] e as notícias divulgadas nas páginas de jornais através da Internet[3]. A partir do levantamento realizado nestes meios de comunicação verificou-se a veiculação média de 114 (cento e quatorze) casos de abandono de recém-nascido e infanticídio no Brasil, dos quais 12 (doze) ocorreram em Pernambuco, estado tomado como referência para esta pesquisa por considerar o curto espaço temporal para realizar um trabalho deste nível e pela ausência de pesquisas direcionada ao estudo deste fenômeno.

1. 1 A maternidade intensiva

O amor materno, tal como hoje concebemos, começa a ser construído a partir das mudanças referentes aos cuidados com a criança que ocorreram por volta do século XVIII. Durante esse período a criança não tinha nenhum direito essencial, tal como outorgamos atualmente. As transformações que ocorreram na família juntamente com as políticas higienistas foram fundamentais para que a criança passasse a ocupar um lugar cada vez mais privilegiado na sociedade ocidental, atribuindo maior relevância e visibilidade ao amor materno. A ideologia do amor materno se constituiu a partir de três discursos inter-relacionados (Estado, Igreja e Medicina), que operaram como meio de normatizar o comportamento feminino (ARIÈS, 1981; BADINTER, 1985; DEL PRIORE, 1995; COSTA, 1999).

O discurso adotado pelo Estado se volta para a manutenção e zelo da criança, que passou a adquirir um valor mercantil, visando mão-de-obra necessária para povoar suas colônias ou para a guerra, busca garantir ao menos sua sobrevivência. Neste sentido, as famílias foram estimuladas a manter suas crianças consigo, o que contribuía para criar um laço afetivo entre mães e filhas/os, de forma que não se via mais na criança o estorvo que ela representava a curto prazo, mas agora a força de produção a longo prazo. Além disso, as idéias de igualdade e de felicidade individual advindas do Iluminismo também contribuíram para que o conceito de amor materno florescesse, passando a família a se organizar em torno da criança, principalmente a mãe (ARIÈS, 1981; BADINTER, 1985; THERBORN, 2006).

A maternidade constitui-se, então, como um dos pilares que sustentam o patriarcado e também um componente inalienável da identidade feminina – a maternidade é ao mesmo

[2] Jornal do Comércio e Diário de Pernambuco.
[3] Folha de São Paulo, Diário do Nordeste, Jornal do Comércio, Globo.

tempo, um *lócus* de poder e opressão, auto-realização e sacrifício, reverência e desvalorização (STEVENS, 2007:24). Assim, as transformações ocorridas com o advento do capitalismo juntamente às idéias iluministas acarretaram profundas mudanças na organização familiar[4]. Pensar a mulher como mãe significa perceber que o fenômeno biológico da maternidade, sua função social e psicoafetiva, vai transformar-se ao longo dos séculos XVII E XVIII num projeto de Estado moderno que contava com o apoio da Igreja para disciplinar a mulher. Ela, que tinha apenas uma função biológica, assumiu o papel de educadora e passou a ter uma função social diretamente e linearmente associada pelos "laços naturais que unem mãe e bebê" (BARBOSA, 1999; CHODOROW, 2002; MOTTA, 2001).

Também, sob a influência da Psicanálise e admitida por ginecologistas, obstetras, cientistas sociais e psicólogos, fora delegada à mãe a responsabilidade pelo desenvolvimento emocional das/os filhas/os. Acreditava-se que as mulheres possuíam um instinto maternizante ou materno, sendo natural que maternem ou devam maternar, justamente por conta da construção sócio cultural de tais "laços naturais" como justificativa evidente e suficiente para a explicação desta "necessidade" (BARBOSA, 1999; CHODOROW, 2002; MOTTA, 2001).

O desenvolvimento do culto ao amor materno teve seu apogeu nos séculos XIX e XX. Devido às condições econômicas e políticas, o homem passou a se ausentar por um tempo maior da esfera doméstica e a entregar toda a responsabilidade desta à mulher. Desta forma, o desenvolvimento do capitalismo e da industrialização caracterizam o rompimento entre a esfera pública e privada, fazendo com que muitas feministas considerem este advento como uma das molas propulsoras da desigualdade de gênero. A mudança na organização de produção surgiu como um complexo de transformações e causou grandes mudanças na família e na vida das mulheres, que passaram a ter como atribuições principais o cuidado com as crianças e os homens. Surge, então, um novo tipo de família que traz consigo a ideologia do amor materno (BADINTER, 1985; DEL PRIORI, 2000; FONSECA, 2006; ROHDEN, 2003; SCAVONE, 2001).

Portanto, o amor materno se consolidou como ideologia reguladora da mulher, sendo esta enquadrada por uma estrutura social e política especifica. Este sentimento é concebido como algo instintivo, inato à natureza feminina, onde se afirma que a maternidade é uma característica universal e inerente à mulher, fazendo-a parecer como um sentimento natural

[4] De acordo com Therborn (2006), as instituições familiares são padronizadas por sistemas normativos mais amplos, porém incluem variantes que são introduzidas pelo costume local.

vivenciado por todas as mulheres independentemente da cultura[5] ou da condição sócio-econômica. Entretanto, os pressupostos desse amor podem sofrer variações, não somente entre as mulheres inseridas em realidades sociais diferentes, mas também em discursos e normatizações sociais (BADINTER, 1980).

Os sentimentos que surgem nas experiências da gravidez e da amamentação são elementos fundamentais para a construção do vínculo mãe-filha/o e levam a uma representação naturalizante da maternagem. Essas emoções são vistas como partes constituintes da maternidade e são essenciais para que se possa compreender como se dá a construção do *self materno* e a significação da maternidade para as mulheres como meio de construção de uma identidade feminina (CHODOROW, 2002).

A maternagem se tornou tão naturalizada para nós, que condiciona de maneira sistemática a vida social. Em conseqüência, consideramos que toda mulher instintivamente deseja ser mãe e tenha que maternar. Os papéis desempenhados pela mulher adquiriram significação psicológica e ideológica, definindo com intensidade sua vida, de forma que a apresentação de nuances femininas diferentes das estabelecidas socialmente causam certo estranhamento.

Nancy Chodorow (2002) afirma que a maternagem das mulheres é algo que se propaga e se reproduz por meio de mecanismos psicológicos e sociais. Para a autora, os processos pelos quais a maternagem é reproduzida acabam gerando tensões e forças que podem abalar o sistema sexo-gênero vigente. Estes mecanismos aparecem na medida em que a pré-disposição feminina para gerar filhas/os é utilizada para justificar e legitimar a desigualdade existente entre homens e mulheres como natural (CHODOROW, 2002; SCAVONE, 2001).

Elizabeth Badinter, em *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (1985), explicita que o amor materno é uma construção cultural e não instintiva da natureza feminina. Badinter concebe o amor materno como incerto, frágil e imperfeito, justificando as diferentes faces da maternidade no decorrer da história. Contudo, as explicações baseadas nas diferenças biológicas são mecanismos para legitimar a opressão e a desigualdade. O amor materno, para Badinter, é uma construção cultural e que pode apresentar diversas facetas no contexto social no qual as mulheres experienciam os símbolos e significados da maternidade como realidade.

[5] Margareth Mead (2000), em Sexo e temperamento, explicita como o comportamento humano pode variar de uma organização social à outra, de forma que a padronização do comportamento constrói uma idéia generalizante de que homens e mulheres são predispostos a determinadas ações, gostos e temperamentos.

Chodorow e Badinter apesar de percorrerem caminhos teóricos diferentes (psicanalítico e historiográfico) são importantes para este estudo porque as duas autoras dão subsídios para questionar o modelo de maternidade que é estabelecido socialmente e para observar o conflito que a mulher pode vivenciar ao tornar-se mãe. De modo geral, os autores até aqui mencionados, ajudam a compreender como a representação da maternidade está intrinsecamente relacionada a construções sócio-culturais e práticas que definem com perspicácia uma ideologia, na qual um discurso universalizante e naturalizante é tomado como verdadeiro e determinante, gerando um modelo afetivo/normativo de maternidade intensiva, que caracteriza-se por apresentar um modelo de mãe que é paciente, abnegada, dedicada, atenciosa, carinhosa, sacrificada, etc.

A representação cultural que se tem dos sentimentos maternos transmitidos de geração em geração mostram a dedicação da mãe à prole, às vezes, levada a extremos e abrangendo capacidade de renúncia em prol da preservação e sobrevivência das/os filhas/os diante dos perigos aos quais muitas vezes estão expostas/os. Porém, nem todas as mulheres possuem a mesma propensão à renúncia ou ao sacrifício em prol das/os filhas/os[6], especialmente se tais sacrifícios aparecem vinculados a algum tipo de submissão nas relações conjugais ou, por outro lado, ao não reconhecimento da paternidade e das responsabilidades daí decorrentes. Serão essas mães negligentes e sem amor?

Os poucos estudos existentes sobre abandono e infanticídio são de suma importância para subsidiar esta discussão, pois nos ajudam a elucidar os elementos que podem "fundamentar" tais práticas e como as noções podem variar de acordo com o contexto histórico social específico. Rita Laura Segato (2007) ressalta que só existem duas etnografias brasileiras que tratam do infanticídio em profundidade as de Kroemer (1994) e Dal Poz (2000). Também Beltrão; Souza; Fernandes; Oliveira (2009) apontam a escassez de trabalhos sobre estas "práticas" e o desconhecimento das noções e valores que são revestidas, em contextos sociais e culturais diferenciados, pode demonstrar preconceitos em relação às sociedades tradicionais.

Durante as visitas realizadas em instituições públicas (Delegacia, Secretaria de Defesa Social, Varas de crimes contra a criança, Central de Inquéritos – Ministério Público de Pernambuco, etc), observou-se a inexistência de estatísticas ou a insuficiência de informações sobre as tipificações de abandono de recém-nascido e infanticídio.

[6] Quando falo em sacrifício estou colocando em referência o modelo afetivo/normativo de maternidade intensiva com os valores Iluministas de bem-estar, satisfação pessoal e individualidade.

A escassez de trabalhos sobre abandono e infanticídio no Brasil, assim como a falta de divulgação de dados oficiais que informam a respeito, deve-se à dificuldade que a sociedade ocidental tem em lidar com práticas cuja existência põe em xeque o valor moral da maternidade.

1.2 Abandono e infanticídio no Brasil

Como já foi explicitado o amor materno é modelado social e culturalmente. A existência de variações do sentimento materno pode ser mais bem observada aqui no Brasil a partir dos séculos XIX e XX, onde a criação das Santas Casas de Misericórdia e o sistema das Rodas de Expostos assumem parte do papel do Estado no acolhimento de crianças abandonadas. Com isso se evidencia que o amor materno pode ser resignificado de acordo com o contexto social. Este tipo de abandono, em sua maioria, tende a ser justificado, quase que exclusivamente, por dois elementos: a situação sócio-econômica e a moral. O destino das crianças nascidas em situação de pobreza e/ou cujas famílias tivessem dificuldades de criarem seus filhos era o encaminhamento para instituições como se fossem órfãs. Neste período, a honra estava acima de qualquer coisa e por isso, se admitia que uma criança fruto de um relacionamento de concubinato ou filha/o de mãe solteira, pudesse ser abandonada (MOTTA, 2001; RIZZINI, 2004).

Antes das Rodas de Expostos[7] as crianças eram abandonadas em calçadas, florestas, terrenos baldios e praias, o que caracteriza uma modalidade "selvagem"[8] de abandono. Desta forma, a Roda de Expostos pode ser entendida como uma possibilidade de sobrevivência das crianças abandonadas, onde mantinham em anonimato o/a autor/a do abandono. A forma de atendimento aos abandonados começou a sofrer mudanças a partir do século XX, com o processo de organização da assistência à infância e a interferência da ação normativa do Estado no que diz respeito a sua prosperidade e segurança (MOTTA, 2001; RIZZINI, 2004).

[7] Segundo Motta (2003:53) a roda de expostos era um dispositivo instalado na parede lateral ou frontal das Santas Casas de Misericórdia. Consistia num cilindro que unia o interior da Santa Casa à rua. Era aberto num de seus lados, onde a criança era depositada, para em seguida ser girado sobre seu próprio eixo, levando a criança para "dentro" dos muros, quando então o "expositor" tocava uma sineta para avisar à rodeira que uma criança havia sido exposta. Foram instaladas no Brasil ainda no período Colonial, atravessaram o Império, chegando à República. A última Roda foi desativada em 1950.

[8] Este termo é usado por Motta (2001) para designar o abandono que compromete a saúde física da criança.

Ao iniciar este trabalho sentiu-se a necessidade de entender o significado do abandono e o que compreendemos por infanticídio. Nesta busca verificou-se que a palavra abandono pode ter vários significados, sendo importante perceber esta multiplicidade para que se possa discernir o tipo de abandono de crianças abordado nesta pesquisa. Sobre o infanticídio registrou-se uma discussão que toca as sociedades tradicionais e também criminaliza esta prática em outras categorias jurídico-policiais.

Em seu sentido etimológico, a palavra abandono pode ser entendida como o ato de deixar, largar, desamparar; desistir de; desprezar, menosprezar. E a palavra infanticídio é originada da palavra em latim *infanticidium*, significa assassínio de recém-nascido; morte dada voluntariamente a uma criança; morte do próprio filho, sob a influência do estado puerperal, durante o parto ou logo depois (FERREIRA, 2004).

Para melhor compreensão das nuances que a concepção de abandono pode assumir se faz necessário apontar três tipos de abordagens realizadas. A primeira, trabalhada por Maria Antonieta Pisano Motta (2001), desconstrói o significado pejorativo que foi atribuído socialmente, durante várias décadas, ao termo abandono resignificando-o para "entrega". A segunda, apresentada a partir da discussão realizada por Claudia Fonseca (1996), trabalha a noção de "circulação de crianças" para designar a situação em que os cuidados referentes à criança são realizados por outra pessoa que não seja a sua própria mãe. A terceira, problematizada por Nancy Scheper-Hughes (1997), aborda a concepção de "negligência seletiva" para os casos em que algumas crianças não recebem das suas mães os cuidados necessários relacionados à infância[9].

No entanto, os casos de abandono de crianças abordados neste trabalho se diferenciam das concepções apresentadas por Motta, Fonseca e Scheper-Hughes porque não se confundem com entrega, não há perspectiva de manutenção da criança e não há uma falta de atenção aos cuidados cotidianos relacionados ao bebê, no processo de convivência entre a mãe e o recém-nascido, necessariamente. Nos casos em tela, estamos nos referindo a recém-nascidas/os que são expostas/os ou abandonadas/os em locais de difícil acesso, ermos, em situações de risco de vida iminente e há a intenção de abandonar o bebê.

[9] A Convenção sobre os Direitos da Criança em seu Art. 24 diz que os Estados Partes garantirão a plena aplicação desse direito e, em especial, adotarão as medidas apropriadas com vistas a: b) assegurar a prestação de assistência médica e cuidados sanitários necessários a todas as crianças, dando ênfase aos cuidados básicos de saúde.

Apresentando um significado muito próximo ao de abandono, o infanticídio é uma prática condenada moral e juridicamente na sociedade ocidental moderna[10], passando a assumir novas categorias diante do fato consumado. Portanto, considerando as características dos casos observados e analisados, neste estudo será empregado o sentido etimológico da palavra abandono e infanticídio. Porém, os casos de abandono serão apresentados como "abandono absoluto", uma vez que não deixa dúvidas quanto a intenção e as conseqüências da ação. Enquanto que o infanticídio será apresentado como tal, tendo em vista, que estes não se configuram de outra maneira.

As observações trazidas com a literatura chamam a atenção para a existência de uma lógica própria a cada grupo, cujas dimensões sociais, históricas e culturais influenciam nos significados da maternidade. A maneira como conceituamos a noção de abandono de crianças e infanticídio, assim como a maternidade, varia de acordo com o sistema político e econômico dominante e muda nos diferentes contextos históricos, possibilitando vários significados e concepções (BADINTER, 1985; DEL PRIORI, 2000; MOTTA, 2001; ROHDEN, 2003; PEDRO, 2003; STEVENS, 2007).

O levantamento dos dados sobre os casos em questão apontaram que as mães, envolvidas não eram, em sua maioria, adolescentes ou primíparas, e sim mulheres jovens e adultas (entre 14 e 46 anos), de classes populares e com relacionamento estável ou em processo de separação. A partir destas proposições se caracterizou as trajetórias afetivas, a experiência da maternidade e rede de serviços das mulheres envolvidas em práticas de abandono e infanticídio. Também foram identificados os sentimentos, dilemas, tensões e os significados de maternidade compartilhados pelas mulheres e sua rede de serviços. Com isso buscou-se analisar as possíveis relações entre essas práticas e as noções e valores sobre maternidade que são acionadas pelos agentes públicos (relacionados ao apoio a gravidez, parto, maternidade e ao encaminhamento dos casos de abandono e infanticídio) e as próprias mães que o cometeram.

Desse modo, a estrutura deste trabalho se apresenta da seguinte maneira: no primeiro capítulo apresentamos o percurso metodológico para se chegar às mulheres envolvidas nos casos de abandono de crianças e infanticídio tendo em vista as várias dificuldades encontradas no acesso à informação e às mães. No segundo capítulo, expomos as concepções sobre abandono e infanticídio, exploramos os significados de maternidade dos agentes públicos da

[10] Para melhor elucidar as práticas de infanticídio consultar Rohden (2003) e Pedro (2003).

Secretaria de Assistência Social, Secretaria de Saúde e do Ministério Público relacionando-os com os casos de abandono e infanticídio, também traçamos o perfil dos casos de abandono de recém-nascido e infanticídio veiculados na mídia nacional. Por fim, no terceiro capítulo apresentamos o relato das mulheres envolvidas, explorando as experiências e sentimentos vivenciados durante a gravidez e sua relação com as práticas de abandono e infanticídio.

2 DELINEANDO O CAMPO – OBJETO, MÉTODO E LIMITES

A realidade não se apresenta tal como se é, a realidade é caótica, a realidade é desordenada e cabe ao pesquisador organizá-la e dar sentido.

Autor desconhecido

Neste capítulo serão abordadas as questões pertinentes que envolveram a pesquisa de campo. Busco explicitar os principais entraves vivenciados durante o processo de coleta de dados e informações sobre os casos de abandono e infanticídio em Pernambuco e aponto quais as estratégias adotadas para atingir o objetivo da pesquisa.

A partir dos dados e informações coletadas foi possível traçar o caminho percorrido pelos casos divulgados, identificando os agentes e instituições públicas envolvidas e/ou acionadas diante de um caso de abandono e/ou infanticídio. Também foi possível, de forma geral, caracterizar os casos divulgados pela mídia brasileira.

2.1 Caracterização geral dos casos encontrados na mídia

As observações apontaram características comuns entre os casos (local do abandono, conflitos familiares e conjugais, etc), evidenciando que não havia uma reflexão maior sobre casos assim caracterizados. Com o levantamento dos casos tornou-se possível refletir sobre questões que até então estavam omissas pelas palavras dos meios de comunicação, questões que carregam e imprimem em cada caso sua singularidade (problemas psicossociais, violência da vida cotidiana, insuficiência de serviços do estado).

O trajeto da pesquisa foi se delineando na medida em que houve uma maior apreensão do seu objeto. A princípio foi necessário delimitar o período a ser observado, assim, o universo da pesquisa foi estabelecido a ocorrências de casos de abandono e infanticídio divulgados na mídia nacional durante o período de 2006-2008. A escolha em tomar, especificamente, os casos de abandono e de infanticídio veiculados na mídia como referência para a realização deste estudo se deu por compreender que estes casos são específicos e ganham uma forte conotação ao serem divulgados nos meios de comunicação de massa. Em seguida, tornou-se imprescindível identificar, em cada caso, a história de vida das mulheres,

relatadas por vozes dissonantes, através de um olhar aprofundado e que trouxesse à luz situações que comumente são veladas, invisibilizadas pelos meios de comunicação e documentos judiciais.

A coleta de dados foi composta pela pesquisa documental realizada nos jornais locais (Jornal do Comércio e Diário de Pernambuco) no Arquivo Público de Pernambuco e na Fundação Joaquim Nabuco, pela pesquisa virtual disponível no endereço eletrônico[11] da Folha de São Paulo, Jornal do Comércio, Rede Globo de Telecomunicações e Jornalismo, Diário do Nordeste e, também, em informações contidas nos relatórios dos Inquéritos Policiais e Processos de mulheres autuadas por crimes contra criança no Estado de Pernambuco no período de 2006-2008 na Vara de Crimes contra a Criança e Adolescente, Gerência de Polícia da Criança e Adolescente, Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco e Central de Inquéritos da Capital/ Ministério Público de Pernambuco. Estes dados foram coletados em outubro de 2008, fevereiro, março, maio e julho de 2009.

Os dados coletados a respeito do número de casos de abandono e infanticídio no Brasil, não foram provenientes de nenhuma fonte oficial. Descobri, ao longo da pesquisa de campo, que nenhuma instituição pública visitada[12] possuía estatísticas sobre estes casos. Por isso, estarei falando em números médios, já que os dados apresentados nesta pesquisa foram obtidos a partir da divulgação dos fatos em jornais impressos e Internet (inclusive vídeos que foram veiculados na mídia televisiva).

Diante dos dados coletados nos meios de comunicação de massa, verificou-se que no Brasil foram veiculados em média 114 (cento e quatorze) casos de abandono e infanticídio, sendo 12 (doze) deles ocorridos no estado de Pernambuco. Verificou-se que a Região Sudeste, especificamente o estado e cidade de São Paulo, registrou a maior incidência dos casos de abandono e infanticídio veiculados na mídia brasileira entre 2006 e 2008. Como será explanado, no Capítulo II, estes dados contradizem a idéia corrente no senso comum, de que os casos de abandono e infanticídio são mais freqüentes em regiões pobres (Norte e Nordeste) e estão associadas a um certo tipo de "atraso" que relaciona tais práticas a povos indígenas e rurais, como resquícios de barbarismo e selvageria.

A análise dos dados coletados evidencia que as mães envolvidas em práticas de abandono e infanticídio são, em sua maioria, mulheres jovens ou adultas com idade entre 14 e

[11]Os endereços eletrônicos dos jornais pesquisados foram: http://www.1.folha.uol.com.br; http://www.jconline.com.br; http://www.g1.globo.com; http://www.diariodonordeste.com.br

[12] 2ª Vara de Crimes contra a Criança e Adolescente, Polícia Civil, Conselhos Tutelares do Recife, Secretaria de Defesa Social/PE, 1ª Vara da Infância e da Juventude, Central de Inquéritos da Capital/MPPE.

46 anos e, na maior parte dos casos, têm outras/os filhas/os. Tais características também destoam da crença do senso comum, que atribui a incidência de casos de abandono e infanticídio a adolescentes e primíparas. Os casos encontrados nesta pesquisa referem-se a mulheres de classes populares, com relacionamento estável ou em processo de separação.

2.2 Elementos norteadores da pesquisa de campo

A existência de relacionamento estável pressupõe uma rede de apoio estabelecida, porque a mulher pode ter o apoio do marido, familiares (mãe, irmãs, irmãos, sogras, cunhadas/os, etc.), levantando uma série de questões a serem observadas e analisadas no desenvolvimento da pesquisa. A abordagem realizada através das redes (que Bott (1976); Fonseca (1996) chama de redes sociais e Scheper-Hughes (1997) chama de redes de solidariedade) tem como intenção clara ampliar o leque de questões para além do processo de culpabilização imputado às mães envolvidas em práticas de abandono e infanticídio, aprofundando o estudo da realidade que as rodeia.

Buscando compreender como as experiências da maternidade influenciam as práticas de abandono e infanticídio para as mães envolvidas e a rede pública de atendimento em Pernambuco, a metodologia adotada neste trabalho foi de caráter qualitativo. A pesquisa qualitativa permite ao pesquisador entender os mecanismos dos processos sociais, compreender e explicar através de um olhar diferenciado a subjetividade e sua relação com a realidade social, possibilitando a compreensão do modo de vida das pessoas.

Considerando a inviabilidade de participar da vida diária das mulheres envolvidas nas práticas de abandono de recém-nascido e infanticídio, pois as mulheres envolvidas nestas práticas, em sua maioria, não residem mais no local onde ocorreu o fato e algumas permanecem em unidades penitenciárias, optou-se como método de análise dos dados, a análise de conteúdo. Triviños (1987) define este método como

> um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens (TRIVIÑOS, 1987:160).

O uso deste método possibilitou a realização da análise de material textual – reportagens sobre os casos, inquéritos policiais, processos criminais, dados de entrevistas etc. Com isto, foi possível definir o material a ser analisado, selecionar as entrevistas ou partes relevantes com o intuito de solucionar as questões da pesquisa. O uso do diário de campo foi importante porque possibilitou relatar a aproximação, as experiências e os problemas com o campo.

Para realizar a pesquisa empírica se percebeu a necessidade de uma maior aproximação a diferentes pessoas envolvidas no percurso que inicia com a gravidez, ou antes dela, chegando aos serviços de assistência pré-natal e aos cuidados com o bebê recém-nascido, bem como a detecção dos casos de abandono e infanticídio, sua classificação e tipificação legal, o encaminhamento e julgamento efetivados, permitindo uma apreensão mais ampla da realidade da mulher. Assim, decidiu-se iniciar a pesquisa pela rede pública de atendimento.

Esta abordagem possibilitou o acesso a vários discursos sobre a questão, ampliando a percepção sobre as diferentes formas de ver a realidade e quais os problemas sociais que perpassam a vida da mulher, permitindo que o foco da discussão não seja a mãe, mas sim a situação que a motivou. Portanto,

> tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo. Parte de princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com uma macrorrealidade social (TRIVIÑOS, 1987: 138).

2.3 As fases da pesquisa de campo

Nesta perspectiva, a pesquisa de campo foi dividida em duas etapas. A primeira etapa abarcou a realização da coleta de dados sobre os casos que foram veiculados em jornais impressos, telejornal, Internet em todo o Brasil, também foi construída uma planilha com o objetivo de identificar as mães e a rede pública de atendimento envolvida. A partir desta coleta, enfoquei o estado de Pernambuco para realizar a pesquisa de campo, levando em consideração a ausência de pesquisas direcionadas ao estudo deste fenômeno e o curto espaço temporal para desenvolver um trabalho deste nível.

Primeira fase:

O levantamento dos casos através da mídia possibilitou o mapeamento do número médio de casos ocorridos, tendo em vista que foi inviável fazer esse levantamento nas instituições públicas do estado de Pernambuco, já que as mesmas não tinham estatísticas sobre casos de abandono de recém-nascido e infanticídio. Para abarcar com amplitude a incidência dos casos de abandono e infanticídio no Brasil foi necessário fazer o uso dos três meios de comunicação (jornais impressos, telejornais, Internet), pois se percebeu uma complementaridade entre as informações veiculadas.

Com os dados colhidos nesta primeira fase foi possível caracterizar os casos de abandono e infanticídio e dialogar com a literatura antropológica para formular uma definição conceitual mais precisa destes fenômenos, como será visto no próximo capítulo.

Segunda fase:

A segunda etapa envolveu a realização de entrevistas abertas e em profundidade com as mulheres envolvidas, uma pessoa da família e uma amiga de uma das mães entrevistadas, com agentes públicos da Secretaria de Saúde, Secretaria de Assistência Social e Operadores do Direito. A entrevista foi um instrumento importante na coleta de dados e englobou temas como trajetórias afetivas, experiências da gravidez, significados de maternidade, família e políticas públicas. Sua realização possibilitou entender o ponto de vista das mães sobre maternidade, afetividade, abandono e infanticídio e perceber qual a visão dos agentes do Estado acerca da maternidade, da classificação dessas práticas e do acompanhamento das mães.

Prevendo a impossibilidade de localizar e entrevistar todas as mulheres, tomou-se como estratégia o uso da planilha dos casos para que as entrevistas fossem realizadas apenas com os agentes públicos, entendidos aqui como constituintes da rede de atendimento à mulher, porque se percebia indispensável englobar na análise os períodos de assistência à gravidez, ao parto e ao atendimento neonatal tanto para ampliar a compreensão dos casos quanto para obter informações sobre mães que praticaram o abandono e o infanticídio (por exemplo, se elas haviam realizado o pré-natal, como havia transcorrido o parto e os cuidados da assistência neonatal). Neste caso, o uso das reportagens foi imprescindível para dar-me indicações de quais os serviços que procuraria porque informavam o local onde ocorreu o fato, em que condições a criança foi encontrada e para onde foi encaminhada, o nome da mãe (se houve identificação) e quais os agentes do estado foram acionados.

Uma outra questão se apresentou: como fazer o levantamento desses casos, tendo em vista que o período delimitado corresponde a dois anos. Com isso, percebeu-se ser necessário realizar o levantamento tanto pelo jornal impresso quanto pela Internet, um complementando o outro porque nem todas as notícias divulgadas na Internet foram divulgadas no jornal e vice-versa. Simultaneamente, foram realizadas visitas nas Instituições e serviços, em Pernambuco, que atuam no atendimento e acompanhamento destes casos, visando localizar os inquéritos e verificar como estão as situações das mães envolvidas.

A partir do levantamento dos casos de abandono e infanticídio veiculados na mídia em Pernambuco no período de 2006-2008, pude verificar uma média de 12 (doze) casos nas respectivas cidades: Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes, Rio Formoso, Camaragibe, Itapissuma, Araçoiaba, São Caetano, Lajedo, Saloá e Stª Maria Boa Vista. As informações recolhidas nas reportagens possibilitaram a construção de uma planilha para que as mães e a rede de atendimento fossem identificadas. Esta planilha serviu como base para nortear o mapeamento das informações que seriam recolhidas ao longo da pesquisa de campo, sendo constituída com as datas de veiculação dos casos, tipificação do caso, nome da mãe envolvida, região, município e agentes públicos envolvidos.

Quadro 1 - Casos de abandono e infanticídio no estado de Pernambuco no período de 2006-2008.

Data da Notícia	**Tipificação do caso**	**Mãe**	**Nº filhos**	**Região**	**Município**	**Agentes Envolvidos**
10/05/06	Abandono	X, 20 anos	02	Metropolitana	Itapissuma	Conselho Tutelar/Delegacia/ IMIP/Bom Pastor
20/06/06	abandono/infanticídio	Não identificada		Capital	Recife	Polícia Militar/IML/IC
11/09/06	Abandono	X, 31 anos	03	Metropolitana	Olinda	Polícia/Hospital/Conselho Tutelar/Abrigo
15/01/07	abandono/infanticídio	X, 37 anos	09	Metropolitana	Araçoiaba	Conselho Tutelar/GPCA/Bom Pastor
21/08/07	Infanticídio	X, 19 anos	01	Zona da Mata Sul	Rio Formoso	Polícia/Ministério Público/Bom Pastor
21/09	Abandono	X, 37	03	Metropol	Camaragibe	Maternidade

/07		anos		itana		Camaragibe/GPCA/ Bom Pastor
05/11 /07	Abandono	Não identifi cada		Agreste	Saloá	Hospital/Conselho Tutelar(Garanhuns)
01/12 /07	Infanticídio	X, 21 anos	01	Agreste	Lajedo	Polícia Militar/Presídio de Buíque
05/03 /08	abandono/infa nticídio	X, 32 anos	01	Agreste	São Caetano	Polícia Militar
31/07 /08	Abandono	X, 22 anos	02	Sertão	Stª Mª da Boa Vista	Hospital/Delegacia/Co nselho Tutelar
30/07 /08	abandono/infa nticídio	Não identifi cada		Metropol itana	Jaboatão	GPCA
19/08 /08	Abandono	Não identifi cada		Capital	Recife	GPCA/IMIP

Recife e Região Metropolitana Zona da Mata Agreste Sertão

Fonte: Reportagens do Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco e Folhaonline.

De posse destas informações, iniciei o período de visitas à rede pública de atendimento. As primeiras visitas foram ao Centro Integrado da Criança e Adolescente – CICA, onde se localiza a 2ª Vara de Crimes contra a Criança da cidade do Recife. Esse contato inicial foi extremamente importante porque fez com que outras questões presentes na pesquisa fossem percebidas, principalmente a necessidade em ter que definir qual o tipo de abandono que a pesquisa estava tratando[13]. Sendo assim, buscou-se fontes bibliográficas para fazer este discernimento e traçou-se outros caminhos dentro da rede de atendimento às mulheres que possibilitassem as informações necessárias à pesquisa.

Na primeira visita ao CICA recebi informações de que o Tribunal de Justiça do Estado trabalha por Comarca e não existe um órgão central que armazene as informações sobre crimes cometidos no Estado, ou seja, cada Comarca tem sua própria jurisdição. Diante da

[13] Esta discussão será abordada no Capitulo II.

descentralização do sistema jurídico, o levantamento dos inquéritos ou processos criminais teve que ser realizado por Comarca.

Os limites da pesquisa foram se circunscrevendo na medida em que os dados sobre os casos de abandono e infanticídio foram sendo coletados. Tive que traçar novos caminhos, ou melhor, vários caminhos. Ao realizar a coleta de dados dos casos, tinha em mãos os nomes das mulheres que foram divulgados nas reportagens e os locais para onde haviam sido encaminhadas. A partir destas informações iniciei a busca por Recife e Região Metropolitana, tendo em vista que o deslocamento seria menor para ter acesso a informações sobre as mulheres. Com o objetivo de contatar alguma mãe envolvida fui à Colônia Penal Feminina do Recife, porém nenhuma mulher encaminhada para esta instituição encontrava-se em reclusão. Portanto, tive que repensar de que forma localizar as mulheres envolvidas.

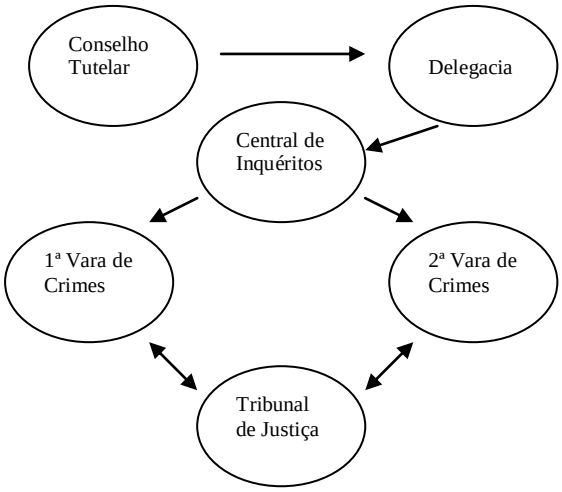
Como, na maioria dos casos há intervenção do Conselho Tutelar, foi realizada uma visita ao Conselho Tutelar da RPA 1[14] em Recife, no intento de coletar alguma informação detalhada sobre os casos de abandono de recém-nascido e infanticídio, porém esta foi uma investida mal sucedida tendo em vista que a partir dos dados que foram apresentados[15] nenhuma informação pôde ser repassada, pois no Conselho não havia nenhuma informação destes casos.

Sobretudo, nas visitas realizadas à 2ª Vara de Crimes contra a Criança e Adolescente, percebi que não existem estatísticas de abandono de recém-nascido e infanticídio, como também não há uma divisão ou identificação mais detalhada. Porém, isto não fica restrito à 2ª Vara de Crimes contra a Criança e Adolescente. A ausência desses dados também foi observada em outras instâncias públicas, tal como Secretaria de Defesa Social/PE, 1ª Vara da Infância e da Juventude-CICA, a Polícia Civil, os Conselhos Tutelares do Recife e Central de Inquéritos da Capital – MPPE, embora este último apresente uma melhor tipificação dos crimes ocorridos em Recife. Além das estatísticas e dados coletados a partir das visitas pessoais as instituições, as páginas eletrônicas das mesmas também foram visitadas em busca de informações e indicadores dos números de abandono e infanticídio[16].

[14] Recife é dividida em seis Regiões Politicamente Administrativas – RPA's, para saber as regiões e os bairros que englobam ver Anexo VIII.
[15] Nomes das mulheres, local da ocorrência, agentes públicos envolvidos que foram divulgados no jornal local.
[16] Alguns dados e estatísticas sobre a tipificação dos crimes contra a criança cedidos por algumas das instituições visitadas, ressaltando que as estatísticas da Polícia Civil foram retiradas do endereço eletrônico no dia 20 de junho de 2009 e estavam desatualizadas: http://www.policiacivil.pe.gov.br/gpca/vitim.html, podem ser melhor observados no Anexo III.

O redirecionamento da busca por informações mais concretas e palpáveis sobre as mulheres foi dado a partir conversa com o Promotor da 2ª Vara de Crimes contra Criança e o Adolescente, o qual me informou a rota que todo fato ocorrido percorre, ilustrada a seguir:

Figura 1 - Esquema da rota percorrida pelos casos de abandono e infanticídio



Fonte: conversa com o Promotor da 2ª Vara de Crimes contra a Criança e Adolescente

Ao ocorrer o fato, inicialmente, podem ser acionados o Conselho Tutelar ou a Delegacia, se o Conselho Tutelar for o primeiro a ser acionado, terá que acionar a Delegacia e/ou Ministério Público. Após o primeiro contato e investigações iniciadas, pode-se formar um corpo de informações que dá margem para se instaurar o inquérito policial.

Em visita a GPCA pude verificar, segundo informações do agente de policia, que nem todo caso ocorrido gera um inquérito policial, se as informações recolhidas com as investigações forem incipientes e não proporcionarem elementos necessários para sua instauração, o caso não gera inquérito. Entretanto, observei em dois resultados de laudo de Perícia tanatoscópica do ano de 2008[17] que apesar de terem fortes evidencias da prática de

[17] Apesar de não estarem no recorte temporal da pesquisa, dois exames Tanatoscópicos realizados nos anos de 2009, cedidos pela GPCA também foram observados.

violência contra bebês seguida de morte, por parte de suas mães [18], até a presente data nenhum inquérito foi instaurado[19].

Com a instauração do inquérito e conclusão das investigações, o inquérito é encaminhado para a Central de Inquéritos – Ministério Público de Pernambuco onde se formaliza o processo que segue, de acordo com a violação, para a Vara de Crimes, sendo analisado e, por sua vez, encaminhado para o Tribunal do Júri. Se houver necessidade de mais informações ou resoluções o processo retorna para a respectiva Vara que pode acionar novamente a Delegacia e o Conselho Tutelar com o objetivo de atender as demandas da linha investigativa do processo.

Portanto, após a conversa com o Promotor da 2ª Vara de Crimes contra a Criança e o Adolescente, o próximo passo a ser dado seria contatar a Central de Inquéritos – MPPE em Recife. Neste local o atendimento foi realizado pelo chefe do setor e ao explicar a estrutura e funcionamento da Central de Inquéritos, constatou-se que os processos não poderiam ser localizados com os nomes das mulheres e sim pelo número do inquérito policial (formalizado na delegacia).

As visitas realizadas a estas instituições mostraram que não há nenhum órgão ou setor do Ministério Público do Estado de Pernambuco que reúna os processos criminais em um único local. Deste modo, percebeu-se que o ponto de partida para obter as informações sobre as mulheres seriam as delegacias e não os Juizados especializados como pensara inicialmente.

Como demonstrado no Quadro 1, os casos de abandono de recém-nascido e infanticídio estão distribuídos em 12 (doze) localidades, abrangendo a capital, Região Metropolitana, Zona da Mata Sul, Agreste e Sertão. Dentro desta perspectiva, planejei realizar uma média de 03 (três) a 04 (quatro) entrevistas por cidade, com exceção de Recife que conta com dois casos (um de abandono absoluto e outro de infanticídio) levantados. Seguindo este planejamento, obteria uma média total de 33 (trinta e três) a 44 (quarenta e quatro) entrevistas. Levando em consideração as dificuldades encontradas para ter acesso aos inquéritos policiais, visto como principal fonte de informações sobre a mulher envolvida e familiares, tomou-se como estratégia realizar as entrevistas por região, dando prioridade aos casos em que a mãe foi identificada, por considerar que a possibilidade de contatá-la ampliaria o leque das

[18] Nestes casos os laudos trazem como resultado que as crianças morreram de traumatismo craniano produzido por instrumento contundente.
[19] Pode ser observado no Anexo I Laudos de exames Tanatoscópicos cedidos pela GPCA.

questões da pesquisa. Portanto, as cidades escolhidas para realizar as entrevistas foram Recife, Olinda, Rio Formoso, Lajedo e Santa Maria da Boa Vista.

Diante desta conjuntura, passei a coletar as principais informações que se definiam a partir da junção da reportagem veiculada sobre os casos e do inquérito policial. O contato inicial, realizado através de telefonema, visava a possibilidade de ter acesso ao inquérito policial (peça-chave das informações, mas não a única), em seguida foram realizadas visitas nas delegacias para acessar o inquérito policial.

O tempo de espera para ter em mãos o inquérito dependia da demanda de cada delegacia ou da ponderação de seus operadores, considerando que nem sempre o agente policial ou delegado que havia contatado tinha tempo imediato para localizar o inquérito e alguns delegados não autorizavam a fotocópia por ter sido um fato que ocorrera fora da sua gestão. Por isso, em alguns casos, não houve dificuldades para acessá-los e fotocopiá-los, em outros, foi apenas possível analisar o inquérito, pegar o número do mesmo para localizar o Processo Criminal no Fórum da Comarca. Todos os inquéritos policiais e processos criminais acessados e fotocopiados referem-se a casos que não estão em segredo de justiça[20].

Considerando os casos de abandono de recém-nascido e infanticídio no Estado de Pernambuco podemos observar, conforme o Quadro 1, que podem ser tipificados da seguinte maneira: 06 (seis) casos de abandono absoluto, 04 (quatro) casos de abandono/infanticídio e 02 (dois) casos de infanticídio[21]. Respectivamente, no tocante aos inquéritos policiais e/ou processos criminais consegui localizar e fotocopiar 09 (nove) documentos e 03 (três) não foram localizados, tanto nas delegacias quanto nos Fóruns. Dos 03 (três) inquéritos ou processos que não foram localizados, o primeiro tratava-se de um caso de abandono absoluto, na Região Metropolitana, e não divulgava na reportagem a delegacia acionada, porém continha o nome da mãe e a cidade onde ocorrera o fato. A partir destas informações o processo foi localizado no arquivo digital do Fórum, porém o mesmo foi arquivado e hoje se encontra no depósito do Ministério Público, localizado no bairro da Imbiribeira, contudo, não tive autorização para acessá-lo.

O segundo, refere-se a um caso de abandono/infanticídio em Recife e o inquérito policial não foi localizado na Gerência de Polícia da Criança e Adolescente-GPCA. De acordo

[20] Em relação ao caso de Olinda, havia um processo em segredo de justiça já que a criança envolvida estava em processo de adoção. O processo referente ao julgamento por abandono estava arquivado e não tive autorização do Ministério Público para acessá-lo.
[21] Estas categorias serão abordadas no Capítulo II.

com informações do agente do Departamento de Homicídios, muitas vezes, casos semelhantes não chegam a constituir inquéritos devido a poucas informações obtidas nas investigações.

O terceiro, tratava-se de outro caso de abandono absoluto no Agreste e havia desaparecido dos arquivos da delegacia, como todos os inquéritos do período de junho a novembro de 2007, porém sua existência constava no livro de registros, entretanto, a folha do livro que estava registrado estava riscada de modo que não foi possível identificar o caso por sua numeração.

No momento em que a pesquisa de campo foi redirecionada, constatou-se que a coleta de dados de Recife e Região Metropolitana levaria mais tempo do que o imaginado, pois a GPCA, principal responsável pelas investigações das ocorrências de Recife e Região Metropolitana, possui uma demanda grande de atendimento, limitando a disponibilidade dos agentes responsáveis para localizar os inquéritos policiais. Após várias investidas sem sucesso decidi iniciar a coleta dos inquéritos policiais, processos criminais e as entrevistas por outras regiões, sem necessariamente ter sido estabelecido uma ordem que elegesse uma ou outra cidade.

Recife foi a primeira cidade a ser contatada, mas a última a ter os dados coletados por completo. O segundo contato foi feito no Agreste, onde ocorrera um caso de infanticídio. Com a ida ao Agreste percebi que deveria incluir no *hall* de instituições a entrevistar a Secretaria de Assistência Social. O objetivo desta inclusão seria verificar quais são as políticas de assistência social direcionadas à comunidade local e quais suas demandas de atendimento, como também compreender o contexto socioeconômico que a mulher estava inserida.

Em seguida, o Sertão, Região Metropolitana e Recife, porém com esta última manteve-se contato do início ao final da pesquisa empírica. A maior parte dos casos concentraram-se na RRM, isto fez com que as visitas à GPCA fossem constantes porque nem todas as investidas foram imediatamente bem sucedidas. Entretanto, além dos inquéritos que buscava, tive acesso e a concessão de outros materiais tais como 05 (cinco) exames de perícia Tanatoscópica[22] e outros inquéritos[23] de casos de abandono absoluto que não foram veiculados na mídia. E apesar de se referirem a casos que não foram divulgados, foram incluídos como dados de observação e reflexão, enriquecendo ainda mais a discussão.

[22] Ver Anexo I.
[23] Ver Anexo II.

Como imaginado, contatar a mãe envolvida não foi simples. Dos 12 (doze) casos divulgados em Pernambuco, em 08 (oito) as mães foram identificadas, como exposto no Quadro 1. Lembrando que este estudo contempla um caso por região pernambucana (Capital, Região Metropolitana, Zona da Mata Sul, Agreste e Sertão), em tese o número de mães reduziu-se para 05 (cinco), já que seria uma por região, porém em Recife (capital) nenhuma mãe foi identificada. Entretanto, das 04 (quatro) mães a serem entrevistadas consegui contatar e realizar a entrevista com 02 (duas), as outras 02 (duas) não foram contatadas porque um dos casos se refere ao processo da Região Metropolitana que foi arquivado e o outro, diz respeito a um caso de infanticídio na Zona da Mata Sul, a mulher ainda encontrava-se na unidade prisional para onde foi encaminhada e o encontro não foi permitido pela Secretaria Executiva de Ressocialização – SERES.

No que se refere aos familiares e conhecidos da mulher envolvida, apenas em um caso foi possível realizar entrevistas, com uma mãe e uma amiga do caso de infanticídio do Agreste, isto se deve ao fato de que ao outro caso (abandono) a mãe se negou participar da coleta de dados e a maneira em que aconteceu o encontro com a mulher envolvida não possibilitou nenhum contato com conhecidos seu[24]. Nos outros casos os familiares não se dispuseram a conversar sobre o assunto. Desta forma, os casos em que as entrevistas não puderam ser realizadas com a mulher, familiares ou conhecidos, foram realizadas apenas com os agentes da rede pública de atendimento de todas as instituições envolvidas e/ou acionadas.

A partir desta conjuntura, as entrevistas foram realizadas com: 01 (uma) mulher envolvida em um caso de abandono; 01 (uma) mulher envolvida em um caso de infanticídio, sua mãe e uma amiga; 03 (três) agentes de polícia; 01 (um) chefe do gabinete do promotor; 02 (dois) secretários de saúde; 03 (três) gerentes da secretaria de saúde; 01 (um) gerente do Programa de Agente Comunitário de Saúde; 02 (duas) secretárias da assistência social; 03 (três) gerentes da secretaria da assistência social; 01 (uma) enfermeira[25]; 01 (uma) socióloga[26]. Além das entrevistas fonogravadas, pude conversar informalmente com outras pessoas que trabalham ou estão ligadas as instituições investigadas[27]. O quadro abaixo

[24] O encontro com a mulher envolvida no caso de abandono é descrito no Capítulo III.
[25] A enfermeira que foi entrevistada atua no atendimento do pré-natal e da saúde da mulher em um Posto da Saúde da Família em Recife.
[26] A inclusão da socióloga na pesquisa foi realizada a partir da necessidade de compreender um projeto de agricultura desenvolvido na cidade, visto como fonte de violência, apoio e renda.
[27] Foram : 03 (três) Conselheiros Tutelares de Recife e 01 (um) de Itapissuma, 01 (um) Promotor da Vara de Crimes contra a Criança, 01 (um) Juiz da Coordenadoria da Infância e Juventude, 02 (duas) Promotoras da Infância e Juventude, a chefe do setor de comunicação da Secretaria de Defesa Social de Pernambuco, o chefe da Central de Inquéritos de Recife-MPPE, 03 (três) delegados, 01 (uma) psicóloga e 01 (uma)assistente social.

evidencia as pessoas entrevistadas a partir dos inquéritos e processos encontrados na pesquisa documental:

Quadro 2 - Total de entrevistas realizadas em Pernambuco

Nº	Data da Notícia	Tipificação do caso	Região	Município	Inquérito/ Processo	Entrevista
01	11/09/06	Abandono	Metropolitana	Olinda	Arquivado	Secretaria de Assistência Social, Secretaria de Saúde
02	01/12/07	Infanticídio	Agreste	Lajedo	Sim	Mãe da acusada, Mãe envolvida, Amiga, Agente de policia, Secretaria de Saúde, Secretaria de Assistência Social
03	21/08/07	Abandono/ infanticídio	Metropolitana	Rio Formoso	Sim	Agente de polícia, Secretaria de Assistência Social, Secretaria de Saúde
04	31/07/08	Abandono	Sertão	Stª Mª da Boa Vista	Sim	Mãe envolvida, Chefe do gabinete do promotor, Secretaria de Saúde, Secretaria de Assistência Social, Socióloga
05	19/08/08	Abandono	Capital	Recife	Sim	Agente de polícia, Secretaria de Assistência Social, Secretaria de Saúde, Enfermeira

As entrevistas foram realizadas através de um roteiro diferenciado para a mãe, familiar e instituição pública pesquisada[28]. A análise de conteúdo foi utilizada para investigar as semelhanças e particularidades nos relatos das mães sobre sua experiência. No caso da rede

Perfazendo um total de 36 (trinta e seis) pessoas contatadas, sendo que destas, 21 (vinte e uma) foram entrevistadas.

[28] Os roteiros das entrevistas podem ser observados no Anexo X.

pública de atendimento, a análise focalizou os relatos sobre abandono, infanticídio e significados da maternidade. Após as leituras das entrevistas e do material textual recolhido nos inquéritos, processos e reportagens, conseguiu-se: i) caracterizar os casos em tela e as mães envolvidas; ii) evidenciar as concepções existentes e a interpretação dos agentes públicos sobre abandono e infanticídio; iii) identificar as noções e valores sobre maternidade, bem como suas relações com práticas de abandono e de infanticídio nas falas das mães e dos agentes públicos da Saúde, Assistência Social e do Direito.

3 AS FACES DO ABANDONO E DO INFANTICÍDIO – PERFIL, REDE E CONCEPÇÕES

> *A negligência em cuidar de outros está muitas vezes associada à negligência em cuidar de si própria e pode ser fruto de grande sofrimento mental e baixa auto-estima, ambos ligados à experiência atual ou anterior de violência. Antes de julgar como má conduta moral, procure saber como está a qualidade de vida dessa mulher.*
>
> Tavares; Schraiber; Portella; Scott.

Buscando evidenciar e definir o tipo de abandono e infanticídio pautado neste trabalho tornou-se imprescindível abordar alguns conceitos e concepções existentes na literatura. Durante a coleta e análise do material recolhido nos Jornais impressos, Internet, documentos, etc. foi possível traçar o perfil dos casos de abandono de recém-nascido e infanticídio divulgados na mídia brasileira, evidenciar a forma que os Operadores do Direito vêm interpretando e caracterizando os mesmos.

A partir das entrevistas realizadas com os Operadores do Direito é possível perceber que os valores compartilhados e difundidos no senso comum servem como pano de fundo da interpretação dos mesmos em relação às mulheres, ao abandono e ao infanticídio. Sendo assim, as análises realizadas tentam demonstrar como os agentes públicos se aproximam ou se afastam das concepções e valores disseminados no senso comum sobre maternidade, abandono e infanticídio.

3.1 Concepções sobre abandono e infanticídio

Ao dar início a este estudo percebi que a palavra abandono não é tão conclusiva quanto pode parecer, ela contém muitos significados, sendo necessário observar suas nuances para poder caracterizar, compreender e discernir o tipo de abandono abordado nesta pesquisa. Também se buscou caracterizar o infanticídio, contudo, ao ter uma maior aproximação com a literatura que aborda esta prática percebemos uma insuficiência de trabalhos na Antropologia brasileira que discutam o infanticídio de uma forma mais densa e minuciosa.

Vemos uma escassez, dentro da Antropologia brasileira, de estudos sobre abandono de recém-nascidos e infanticídio, são poucos os trabalhos antropológicos que abordam em profundidade o tema. Rita Laura Segato (2007), fala da existência de apenas duas etnografias brasileiras que abordam o infanticídio com profundidade, Maria Joana Pedro (2003) e Fabíola Rohden (2003) apontam as dificuldades da sociedade contemporânea em lidar com a prática infanticida e a forma que a justiça significa esta prática.

O abandono de recém-nascido e o infanticídio podem ser concebidos de várias maneiras, as noções que empregamos a estes termos variam de acordo com o sistema político e econômico dominante, alterando-se no diferentes contextos históricos, o que possibilita um leque de significados e concepções. A compreensão do contexto histórico e social é primordial para que possamos perceber as sutilezas das variações sobre o entendimento do abandono e do infanticídio (BADINTER, 1985; DEL PRIORI, 2000; MOTTA, 2001; ROHDEN, 2003; PEDRO, 2003; STEVENS, 2007).

De acordo com o dicionário da língua portuguesa a palavra abandono pode ser entendida como o ato de deixar, largar, desamparar; desistir de; desprezar, menosprezar. A palavra infanticídio vem do latim *infanticidium*, significa assassínio de recém-nascido; morte dada voluntariamente a uma criança; morte do próprio filho, sob a influência do estado puerperal, durante o parto ou logo depois (FERREIRA, 2004).

Para que possamos compreender as nuances do abandono e o infanticídio é importante fazermos uma reflexão acerca do modo que estes vêm sendo entendidos, tanto socialmente, quanto juridicamente. Sendo evidenciados os significados atribuídos a essas práticas e sua ressignificação de acordo com o modo de vida e compreensão dos valores presentes na nossa sociedade[29].

3.1.1 Sobre o abandono

Maria Antonieta Pisano Motta, em sua obra *Mães abandonadas: a entrega de um filho em adoção* (2001), desconstrói o significado pejorativo que é atribuído ao termo, resignificando-o para "entrega". A autora leva em conta a posição da mulher para desenvolver o seu argumento que está fundamentado em torno da adoção.

[29] Ver Nations; Rebhun (1988), Sigaud (1995), Scheper-Hughes (1997), Motta (2001), Fonseca (2006).

> Perguntamo-nos sobre a possibilidade do exercício de seu livre-arbítrio no momento da tomada de decisão, pois temos observado que muitas mulheres que entregam seu filho em adoção nas Varas de Infância e Juventude o fazem no mesmo dia em que saem da maternidade, ainda sob os efeitos das dores decorrentes dos procedimentos adotados no parto e em pleno estado puerperal. Sabe-se que este é um momento em que a mulher tem seu estado emocional alterado por fatores os mais variados, desde os hormonais até os de dinâmica e significação emocionais mais complexas. Questionamos se quando uma mulher entrega seu filho em adoção está praticando o exercício do livre-arbítrio, pelos fatos socioculturais que podem estar exercendo seu papel (MOTTA, 2001: 26).

Segundo Motta (2001), as mães não são atendidas em suas necessidades, falta um atendimento eficiente que possa lhes dar orientação e apoio, o qual precisa compreender a sua situação psicológica. A assertiva de Motta ilustra uma de várias situações compartilhadas no dia-a-dia por mulheres que necessitam de um acompanhamento psicossocial no ciclo gravídico-puerperal[30].

Comumente concebemos as experiências vivenciadas na maternidade como algo estável e normal, entretanto, esquecemos que o período gestacional acarreta fortes transformações tanto físicas quanto emocionais para a mulher. E, ao invés homogeneizar as experiências naturais, deveríamos considerar que cada fase do ciclo gravídico-puerperal possui características diferentes.

Os sentimentos e sensações que surgem neste período diferem de acordo com a realidade e vivências de cada mulher, irão variar de acordo com a maneira em que a rede de apoio se estabelece para a mulher e é compartilhada por ela. Porém estamos habituados a não compreender as especificidades das coisas/partes e sim compreender o todo, generalizando os fatos sem considerar as diferenças.

Para Motta (2001), o abandono pode ser resultado da falta de direito de escolha, pois as mães que permanecessem com sua/seu filha/o, fruto de um relacionamento proibido, seriam estigmatizadas socialmente. Ela acredita que isto configura um tipo de violência sofrida pelas mulheres. Nestas situações o que está em jogo é a manutenção da honra, portanto, uma mulher que engravida ilegitimamente pode sofrer com a vergonha e o medo de ser excluída socialmente, se vê obrigada a ocultar a gravidez e logo após o parto ter que abandonar a criança.

[30] O ciclo gravídico-puerperal engloba a gravidez, parto e puerpério. O acompanhamento psicossocial designa que a mulher tenha o direito de ter atendimento por uma psicóloga e assistente social para que possa realizar o atendimento de pré-natal com mais qualidade e atenção, assim contribuindo para reduzir a mortalidade materna e infantil. Ver Spinelli (2008).

Considerando as adversidades que uma mulher pode passar ao engravidar – críticas, abandono pelo companheiro, dificuldade econômica, falta de apoio moral ou afetivo, dramas e traumas – Motta (2001) afirma que o uso do termo "abandono" a todas as situações em que a mãe se separa de seu filho se torna inadequado. Sob esta ótica a mãe estaria transferindo os cuidados da sua/seu filha/o a outra pessoa.

Nesse sentido, a reflexão trazida por Claudia Fonseca em C*aminhos da adoção* (2006) nos mostra que a "entrega" de um filha/o é algo vivenciado como um sacrifício materno[31]. A "entrega" é marcada como uma prática que além de envolver questões econômicas põe em relevo as funções sociais. Explora os contornos do sistema simbólico que acabam se sobrepondo às influências da ideologia dominante e atribui uma lógica particular à circulação de crianças.

> Não é porque não são queridas que as crianças circulam – é justamente porque são muito queridas [...] (FONSECA, 2006: 7)

Em um primeiro momento, pode-se pensar que a "circulação de crianças" é praticada pelos grupos populares porque as mães não querem manter suas/seus filhas/os próximas/os de si. Porém, Fonseca nos adverte que "*se quisermos compreender certas práticas de grupos populares devemos desconstruir nossos conceitos morais e tentar captar a lógica do outro*". Partindo dessa premissa, as observações da autora nos mostram que a "circulação" vai além da sobrevivência da criança. Ao falar que esta prática põe em relevo as funções sociais, ela aponta como as redes sociais podem se formar ou se consolidar a partir da "circulação". Sendo assim, a noção de "circulação de crianças" é importante para se pensar como as redes de apoio podem estar articuladas.

A "circulação" envolve um sistema de valores, onde a relação mãe-filha/o é um elemento que está presente, mas não o único. Observa-se que nas classes sociais populares permeia a ajuda mútua, a "circulação" tende a amenizar os custos financeiros que uma criança pode acarretar, como também consolida os laços de consangüinidade. Considerando o fato de que a mãe, em nossa sociedade, é a figura social obrigada a garantir os cuidados para a criança, os símbolos que se impõem acerca da prática da "circulação" – prestígio, prazer, sacrifício, generosidade – não questionam sua responsabilidade, pois nada impede que a criança seja cuidada por outra pessoa.

[31] A idéia de sacrifício materno, explorada por Claudia Fonseca, diz respeito aos desejos maternos em benefício de outras pessoas (que fazem parte da rede de apoio).

A noção de "circulação de criança" nos faz refletir sobre o modo que as sociedades industriais urbanas estabelecem suas relações sociais. Elizabeth Bott (1976) nos aponta questões que são, na maioria das vezes, compartilhadas entre as famílias das camadas médias, questões que se referem às relações familiares, onde se percebe uma dificuldade entre as expectativas institucionalizadas e as expectativas individuais. Para a autora nas sociedades industriais urbanas o parentesco não desempenha um papel importante no que diz respeito à estrutura econômica.

> Numa sociedade industrial urbana as pessoas não têm de depender dos seus parentes para ter acesso a algum meio de ganhar a vida. A manutenção do lar de cada família é tida como auto-suficiente economicamente; existem poucos vínculos econômicos e obrigações extrafamiliares (BOTT, 1976, 133)[32].

Esta assertiva de Elizabeth Bott é importante para que possamos entender o papel da "circulação de crianças" numa sociedade que difere da que foi por ela estudada. Suas conclusões se devem à particularidade do lugar observado no seu trabalho, o que não pode se estender a todas as sociedades industriais urbanas. A realidade do Brasil, por exemplo, mostra que a independência dos parentes pode ser uma característica das camadas médias, devido a sua acessibilidade a bens e serviços. Porém, as famílias de classe média apresentam uma heterogeneidade quando trata-se dos cuidados com as crianças, de forma que algumas compartilham a família extensa, contando com o apoio do pai, avó, irmãs, tias, entre outros familiares; outras vivem numa forma mais individualizada, podendo enfraquecer os laços e assim passar por circunstâncias múltiplas.

Na dinâmica do dia-a-dia vemos que as mães de classes populares (maior parcela da população brasileira) precisam do auxílio dos parentes para obter uma maior mobilidade profissional. Tendo em vista que o Estado não proporciona políticas públicas adequadas e suficientes – criação de creches e escolas em tempo integral – para possibilitar a mobilidade das mães que precisam e queiram trabalhar, elas têm que contar com a ajuda de seus parentes/familiares para cuidar de suas crianças.

Passamos a observar um emaranhado de dificuldades cotidianas acarretadas pela existência histórica da classe. A condição econômica é um fator que influencia na tomada de decisão da mãe, mas como afirma Fonseca (2006) não é o único que a determina, não pode ser

[32] Para a autora a família nuclear é responsável por suas necessidades. Bott argumenta que as relações familiares perpassam uma linha tênue entre as expectativas formais institucionalizadas e as expectativas individuais. A rede social da família depende das necessidades e preferências pessoais dos membros da família em relação ao ambiente em que vivem e as normas às quais aderem.

usada como elemento exclusivo para justificar ou explicar o abandono. Esta percepção é significativa para não direcionarmos este estudo a uma única problemática, torna-se importante considerar outros elementos que estão presentes e influenciam na ação materna, para não generalizarmos e simplificarmos a complexidade que envolve cada realidade.

Nancy Scheper-Hughes (1997) ao analisar as mães da Zona da Mata pernambucana explicita questões sobre a história social e o contexto político em que as mulheres observadas por ela estavam inseridas. No estudo que realizou, a autora percebe a pobreza, em especial a fome, como um elemento determinante para o comportamento das mães e dos moradores do Alto do Cruzeiro. Relacionando maternidade e pobreza a autora evidencia a existência de uma negligência materna nos cuidados das/os filhas/os, onde a mãe escolheria a/o filha/o que deveria amar e cuidar a partir da fragilidade ou enfermidade apresentada pela criança. Esta escolha é guiada pelos símbolos que as mulheres têm sobre vida/morte infantil, onde a alta expectativa de mortalidade infantil determina o pensamento e prática materna no que diz respeito à "negligência seletiva".

Para a autora as concepções que as mulheres do Alto do Cruzeiro tinham sobre a criança (como um ser em transformação, incompleto, não-gente[33]) e a infância[34] eram reflexos da privação, da perda e do abandono sobre a capacidade de amar e de cuidar das mesmas, ou seja, as mulheres não amavam e não cuidavam das/os suas/seus filhas/os por causa da precariedade econômica em que viviam. Outro elemento apontado por Scheper-Hughes e, segundo sua interpretação, que contribuíam para a incerteza da sobrevivência de uma criança, era a indiferença burocrática oficial, dos agentes locais da Igreja e do Estado. Para ela, esses dois elementos convertiam-se na aparente indiferença materna.

Embora este estudo tenha sido fortemente criticado por Nations e Rebhun (1988) no que se refere à falta de cuidado com bebês e a uma suposta atitude de indiferença perante a morte de recém-nascido, ele é um bom exemplo de como perspectivas etnocêntricas dentro da antropologia (Franch e Falcão, 2004) podem ressaltar expectativas em relação ao amor materno, centrando na pessoa da mãe o destino de crianças recém-nascidas. É justamente por

[33] A crença de que o bebê não é gente advêm da lógica de que ele ainda não tem uma história de vida própria e somente os seres que tem uma história de vida, um laço/vínculo com a família e a comunidade é considerado gente (SCHEPER-HUGHES, 1997).

[34] Segundo Scheper-Hughes a ausência de registros de nascimentos e notificações da morte de crianças pode ser compreendido com um reflexo da ausência da noção de infância. Sobretudo, vale ressaltar que para efetivar o registro de nascimento em cartório deveria se pagar uma taxa, que para a maioria das pessoas de classes populares era inviável dispor de dinheiro para pagá-la.

meio da maternidade intensiva que se normatizou a responsabilização da mãe como única ou principal culpada pela morte de bebês.

As críticas que foram realizadas à sua pesquisa e que a contestam, nos permitem perceber que Scheper-Hughes apesar de identificar as dimensões simbólicas das mulheres do Alto procurou generalizar seus comportamentos, analisando-os a partir de um modelo ideal de mãe e determinando a pobreza como elemento desencadeador do comportamento nativo. Sua análise acabou "*reforçando as estruturas de dominação, a experiência pessoal dos sujeitos como também, menospreza outras maneiras de viver e de encarar a vida, nega a própria existência histórica da classe*" (FONSECA, 2006:16).

> De um ponto de vista sociológico, a afirmação de que as mães do Alto negligenciavam os bebês que apresentavam sintomas de fragilidade não está demonstrada, pelo menos no grau de generalização pretendido pela autora (SIGAUD, 1995:168).

Neste trabalho o argumento de Scheper-Hughes acerca da "negligência seletiva" é entendido como uma forma de classificar o comportamento da mãe diante do modelo afetivo/normativo de maternidade intensiva[35]. De forma que a autora reconhece que a aparente "negligência seletiva" é resultante do contexto social particular e da realidade histórica específica vivenciada em Bom Jesus da Mata[36]. Suas observações apontam a existência de ambigüidades na vivencia da maternidade, onde a "negligência seletiva" coexiste com um intenso apego materno que pode ser observado nas manifestações de solidariedade entre as mulheres, há uma circulação de pessoas e bens como reflexo de uma rede de solidariedade[37].

A "negligência seletiva" se estabelece quando a mãe percebe que existe a possibilidade da/o sua/seu filha/o morrer, apresenta-se como um estágio temporário que se encerra quando se percebe o fim do risco de vida da criança. Assim que passa este período de risco, a criança finalmente passa a ter o amor e cuidado da mãe, sua tese leva-nos a perceber a existência de várias formas de lidar com a violência da vida cotidiana.

---

[35] Caracteriza-se por apresentar um modelo de mãe que é paciente, abnegada, dedicada, atenciosa, carinhosa, sacrificada, etc.

[36] Nome fictício usado pela autora para designar a cidade por ela estudada da Zona da Mata Norte do Estado de Pernambuco.

[37] Scheper-Hughes (1997:107) fala da existência da circulação de pessoas e bens diante das dificuldades vivenciadas pelos moradores do Alto do Cruzeiro. Segundo a autora há evidências de um sistema de reciprocidade entre os moradores que se refletem em parentesco fictício, em compadrio ou em modelo de filhos de criação, assim ampliando a concepção de família, da casa e das obrigações de parentesco.

A discussão exposta acerca das diferentes noções que o abandono de criança pode assumir é imprescindível para pontuar a percepção que se tem dos casos de abandono de recém-nascido que são abordados neste estudo. Concebe-se que os casos analisados são distintos do que foi apresentado por Motta, Fonseca e Scheper-Hughes porque não se confundem com entrega e não há perspectiva de manutenção da vida da criança. Os casos com os quais estamos lidando neste trabalho se caracterizam porque crianças são abandonadas em locais de difícil acesso, ermos, em situações de risco de vida iminente, nos quais é possível afirmar que há realmente a intenção de abandonar o bebê. Assim, diferentemente das noções estabelecidas pelas autoras, este trabalho trata de situações concretas onde não há a busca de alguma rede de apoio para salvar as crianças.

As autoras apresentadas apontam que de alguma maneira as mulheres por elas observadas acionam a rede de apoio. Motta (2001) aponta que as mães que entregam as crianças acionam o Estado como mediador para os cuidados com a criança quando encaminhada para adoção. Fonseca (1996) demonstra como a rede de apoio é acionada com a "circulação de crianças" e como esta fortalece os vínculos com familiares e vizinhança. Scheper-Hughes (1997) evidencia que apesar da aparente "indiferença materna", as mulheres, em menor ou maior grau, buscam apoio com familiares, vizinhas e até o Estado (quando buscam atendimento médico para suas/seus filhas/os).

Embora, nos casos observados nesta pesquisa, a mãe não acione a rede de apoio ou a rede pública de atendimento para a criança, é importante ressaltar que a rede pública de atendimento está "disponível" para as duas. A disponibilidade da rede pública de atendimento, necessariamente não implica no acesso, a existência do serviço não determina sua acessibilidade. Percebemos que a maioria da população não reconhece e não faz uso do direito adquirido dos serviços dispostos na rede pública. Mas o que se esperar de uma mulher que se encontra, na maioria dos casos, em condições sub-humanas? Que além de estar numa miséria econômica, está mergulhada numa miséria afetiva? Não existe com isso, nenhum tipo de reconhecimento acerca de qualquer conformismo das pessoas que vivem em condições econômicas precárias, mas não podemos negar que pode haver falta de perspectiva de transformação social por parte das pessoas que vivem em tal condição. Em experiência como educadora social da Casa Abrigo Sempre Viva da Prefeitura da Cidade do Recife durante maio e setembro de 2009 – serviço disposto para mulheres, vítimas de violência doméstica e sexista, que correm risco de vida iminente – pude perceber que as dificuldades econômicas e

os conflitos afetivos podem acarretar no *self* dessas mulheres o conformismo da sua condição, onde algumas mulheres não apresentavam perspectiva de mudança e um profundo fatalismo.

As observações trazidas com a literatura chamam a atenção para a existência de uma lógica própria a cada grupo, cujas dimensões sociais, históricas e culturais influenciam nos significados da maternidade. Com isso, percebo que não se pode apontar um ou outro elemento como fator desencadeador ou determinante da prática de abandono. A rede de apoio, a pobreza, as questões políticas e ideológicas são elementos que estão presentes, porém não se pode dizer em maior ou menor grau a medida que eles irão influenciar a prática de abandono, mas iremos mostrar como eles se inter-relacionam.

3.1.2 Sobre o infanticídio

Diferentemente do abandono que foi tratado por diversas pesquisadoras de modo variado, o infanticídio não apresenta um leque tão variado de significados. Na concepção ocidental, a categoria do infanticídio assume o significado de barbárie, crueldade, etc. Este sentido tem suas origens nos ideais e leis que regem nossa sociedade, todos eles guardam relação direta ou indiretamente com os significados atribuídos à maternidade. Os significados da maternidade pautam-se dentro da moral cristã. Os construtos maternos ocidentais têm sua origem na relação com a figura da Virgem Maria, considerada o exemplo de todas as mães. Assim, a imagem da mãe e a maternidade aparecem santificadas, onde a mãe infanticida assume uma imagem bestial (DEL PRIORE, 1995; PEDRO, 2003). Dentro do ponto de vista ocidental, o infanticídio se configura quando a mãe mata seu filho sob efeito do estado puerperal, sem esta condição configura-se em homicídio.

O infanticídio aparece na literatura como o principal sintoma ou resultado agravado das perturbações mentais acarretadas pelo puerpério. Por ser contrário ao ideal de maternidade, o infanticídio é visto como um crime que deve ser entendido de outra forma. Compreende-se que o estado puerperal deve ser levado em consideração, porém é importante ressaltar que as manifestações do estado puerperal nem sempre implicam em infanticídio (ROHDEN, 2003).

Ao falarmos de infanticídio estamos nos remetendo a uma prática condenada moral e juridicamente pela sociedade ocidental moderna. Considerada como uma prática primitiva, bárbara e remetida, quase que exclusivamente, aos povos tradicionais, o infanticídio passa a receber maior atenção na contemporaneidade, sendo problematizado em discussões já encaminhadas nos espaços de decisão política nacional.

A exemplo dessas mudanças temos o Projeto de Lei nº 1.057 de 2007, Muwaji[38], atualmente discutido pelo Congresso Nacional, que criminaliza a prática de infanticídio indígena[39], apesar de ser constatado por várias/os antropólogas/os brasileiras/os (Rita Segato, João Pacheco de Oliveira e Jane Beltrão) que esta prática não é mais recorrente no país. Jane Beltrão, por exemplo, afirma em uma entrevista[40] sobre o referido Projeto de Lei, que em trinta anos trabalhando em aldeias nunca viu nenhuma criança ser assassinada.

Para Jane Beltrão, os dados que são divulgados na atualidade sobre o infanticídio como prática indígena não são fundamentados cientificamente. Apesar de não haver recorrência de registros de infanticídio nas sociedades indígenas brasileiras, não se nega sua existência. Os casos existentes, apesar de sua raridade, acionam os significados etnocêntricos de barbarismo e selvageria, preenchendo de significados preconceituosos, as associações entre criminalidade e modos de vida indígenas.

Esta discussão gira em torno de pressupostos tão marcados de preconceitos que não reflete sobre o infanticídio, presente nas sociedades industriais (zona urbana e rural), praticado por mulheres que compartilham os valores da sociedade ocidental contemporânea. A ausência desta discussão tende a ser justificada porque nossa sociedade considera o infanticídio um assunto "delicado", que é remetido à barbárie, crueldade ou até mesmo a loucura. Considera-se que uma mãe "urbana", para praticá-lo, teria que encontrar-se em estado pleno de loucura ou perversão.

Até que ponto rejeitamos a idéia de que o infanticídio está presente na sociedade ocidental? O infanticídio aparece como uma prática velada dentro da nossa sociedade. Estamos habituados a vê-lo como uma "prática" recorrente nas sociedades tradicionais. Porém

[38] Projeto de lei em tramitação na Câmara dos Deputados que visa criminalizar o infanticídio indígena. O projeto recebeu o nome Muwaji em homenagem a uma mãe da tribo Suruwahá que, por meio da intervenção de um casal de missionários da ONG ATINI, retirou da sua aldeia suas duas filhas que seriam mortas de acordo com suas regras e crenças, tendo em vista que uma das meninas tinha paralisia cerebral.

[39] A Constituição Federal de 1988, art. 231/210/215, 216 reconhece garantir a existência da diversidade cultural dentro da nação e o direito à pluralidade de formas particulares de organização social, portanto, ao elaborar um projeto de lei que criminalize esta prática, está se negando um direito adquirido.Ver Segato (2007).

[40] Para ouvir a entrevista com Jane Beltrão acessar o link da Radio Camara: www.camara.gov.br/internet/radiocamara/default.asp?selecao=MAT&MATERIA=87378.

as páginas dos jornais nos informam a presença de vários casos de crianças mortas por suas mães, fazendo-nos perceber que esta não é uma prática exclusiva das sociedades tradicionais, nos vemos então diante de uma prática e dois modos de concebê-la.

Estabelecer um diálogo entre a visão ocidentalizada e a concepção das sociedades tradicionais sobre a temática do infanticídio é um desafio para qualquer pesquisador. A discussão construída acerca desta prática é uma discussão truncada, revestida de valores morais e culturais que perpassam a discussão sobre a quebra de direito[41]. As formas de conceber e lidar com a prática infanticida requer uma reflexão de reconhecimento e respeito da alteridade.

O infanticídio entre as populações tradicionais, diferentemente do que se possa imaginar, dá-se através de uma regulação social. Suas origens não são deliberativas: a presença de sentimentos e ponderações da mãe e dos parentes próximos são elementos presentes e influenciadores diante da prática do infanticídio. Porém, os anseios individuais não são determinantes, prevalecendo-se as regras e leis coletivas. Caracteriza-se por correlacionar vários aspectos da vida social: razões cosmológicas, demográficas, higiênicas, familiares, econômicas, noções que envolvem as possibilidades de sobrevivência da criança ou do próprio grupo (SEGATO 2007; FIRTH, 1998).

A forma de se conceber o infanticídio nas sociedades tradicionais se diferencia da nossa concepção em seu sentido e significado. Trabalhos etnográficos que falem do infanticídio no Brasil são quase inexistentes, apesar desta escassez vários etnólogos afirmam que dentro da categoria "infanticídio" pode ser observada uma variedade de práticas que, ao serem submetidas a uma investigação mais rigorosa, se mostram muito diversas, tanto em seu sentido e papel dentro do grupo quanto no significado que podem adquirir no campo dos direitos (SEGATO, 2007).

Podemos observar que o infanticídio nem sempre fez parte do interesse da jurisprudência. Rohden (2003) e Pedro (2003) ilustram as diversas formas da justiça e da polícia em interpretar, ao longo da história nacional, a morte de uma criança. A manifestação do interesse da justiça e da polícia pelo infanticídio pode ser justificada pela inserção da medicina no sistema jurídico-policial. De acordo com Pedro e Rohden uma mulher se tornava

[41] A problemática se refere à garantia dos Direitos Universais da Criança e Adolescente e do respeito à diversidade étnico-cultural postulado pelos Direitos Universais Humanos.

alvo da lei apenas quando o infanticídio tornava-se público, para tanto seria necessário uma avaliação médica para configurar o tipo de crime.

Ao considerarmos a prática infanticida como uma manifestação de ordem psicológica e moralmente inadequada, excluímos os motivos de ordem racional, econômica, gravidez indesejada, os conflitos familiares, etc. Do mesmo modo, não podemos associar perturbações mentais diretamente ao infanticídio, também não há como negar que as mulheres passam por transformações físicas e psicológicas no ciclo-gravídico puerperal e que os acontecimentos socioculturais podem influenciar o processo que gera o infanticídio, tornando importante investigar a fundo as razões que levam ao crime.

A partir das notícias divulgadas na mídia pudemos traçar o perfil deste fenômeno para percebermos como o mesmo vem se manifestando no Brasil e, além disto, demonstrar que estamos tratando de um fenômeno distinto do que foi discutido e apresentado pela literatura. Também se buscou, a partir desta caracterização, demonstrar como os Operadores do Direito estão classificando os casos de abandono de recém-nascido e infanticídio que foram veiculados durante o período estabelecido nesta pesquisa.

3.2 Perfil dos casos de abandono e infanticídio veiculados no Brasil durante 2006-2008

Serão apresentados e analisados dados extraídos do levantamento documental[42] a respeito dos casos de abandono de recém-nascido e infanticídio ocorridos entre os anos de 2006 e 2008. Talvez o dado mais importante a ser considerado seja a forma em que as pessoas tem se comportado diante da incidência do abandono de recém-nascido e do infanticídio numa sociedade que os concebem como práticas ilegais. Esses dados são importantes na medida em que há uma escassez, ou inexistência, nas estatísticas das instituições do Estado[43] sobre casos de abandono de recém-nascido e infanticídio. Vale ressaltar que os dados apresentados referem-se aos casos de abandono de recém-nascido e infanticídio veiculados na mídia, não

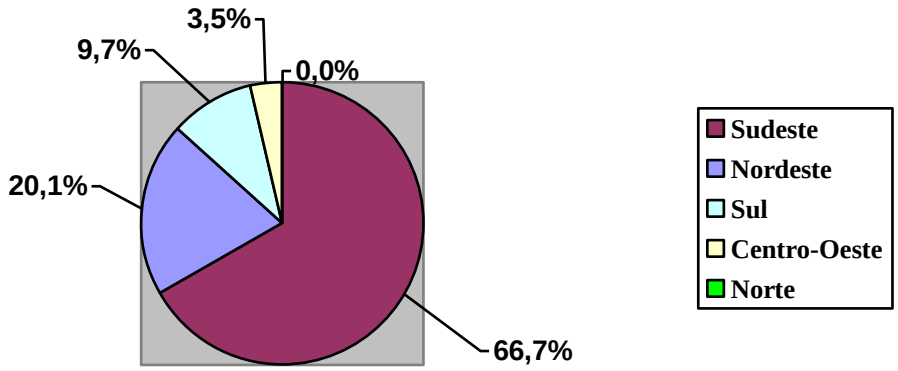
[42]Composto pela pesquisa realizada nos jornais locais (Jornal do Comércio e Diário de Pernambuco) através do Arquivo Público de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco, pela pesquisa virtual disponível no endereço eletrônico da Folha de São Paulo, http://www.1.folha.uol.com.br; Jornal do Comércio, http://www.jconline.com.br; Rede Globo de Telecomunicações e Jornalismo, http://www.g1.globo.com; Diário do Nordeste, http://www.diariodonordeste.com.br, e informações contidas nos relatórios dos Inquéritos Policiais e Processos de mulheres autuadas por crimes contra criança no Estado de Pernambuco no período de 2006-2008.

[43] Vara de Crimes conta a Criança e Adolescente, Gerência de Proteção da Criança e Adolescente, Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco, Central de Inquéritos da Capital/Ministério Público de Pernambuco e Conselhos Tutelares de Recife.

significando que seja verdade absoluta e sim estimativa calculada a partir da recorrência dessas práticas.

O levantamento dos dados aponta que foram veiculados na mídia nacional uma estimativa de 114 (cento e quatorze) casos de abandono e infanticídio, distribuídos no Sudeste, Centro-oeste, Sul e Nordeste. A região Norte não registrou nenhuma notícia de abandono ou de infanticídio durante o período abordado na pesquisa. Apesar de não haver veiculação de casos de abandono e infanticídio nesta região brasileira isto não significa que essas práticas não aconteçam. Para melhor visualizar o número estimado de casos de abandono de recém-nascido e infanticídio veiculados nos jornais e na Internet por região brasileira observe o gráfico abaixo.

Gráfico 1 - Casos de Abandono e Infanticídio por Região do Brasil de 2006 a 2008



Fonte: Reportagens do Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco, Globo e Folha de São Paulo.

Percebemos que entre as regiões brasileiras, a região Sudeste apresentou o maior número de casos veiculados com a média de 76 (setenta e seis) casos. Em segundo lugar aparece a região Nordeste com o registro médio de 23 (vinte e três) casos. A região Sul ocupa a terceira posição com o registro médio de 11 (onze) casos e em quarta posição encontra-se a região Centro-oeste com o registro médio de 04 (quatro) casos. O Estado que apresentou o maior número de registros de ocorrências foi São Paulo, isto não implica afirmar que as práticas de abandono e infanticídio sejam recorrentes neste estado por estarmos lidando com casos veiculados em jornais que possuem políticas editoriais diferenciadas, sendo importante uma pesquisa mais aprofundada para observar a consistência dessas informações. Os casos de

abandono de recém-nascido e infanticídio apresentam-se distribuídos nos estados brasileiros da seguinte maneira:

Figura 2 - Incidência dos casos de abandono e infanticídio por estado brasileiro

Estado	Abandono absoluto	Abandono/infanticídio	Infanticídio	Total de casos registrados
São Paulo	37	9	3	49
Belo Horizonte	11	2	5	18
Rio de Janeiro	7	0	1	8
Espiríto Santo	0	0	1	1
Goiás	1	0	0	1
Mato Grosso	1	0	0	1
Mato Grosso do Sul	1	0	0	1
Brasília	1	0	0	1
Bahia	3	1	2	6
Pernambuco	6	4	2	12
Maranhão	2	0	0	2
Alagoas	1	0	0	1
Ceará	0	0	2	2
Rio Grande do Sul	2	0	1	2
Paraná	3	0	2	5
Santa Catarina	3	0	0	3
Total	**79**	**16**	**19**	**114**

Fonte: Reportagens do Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco, Globo e Folha de São Paulo.

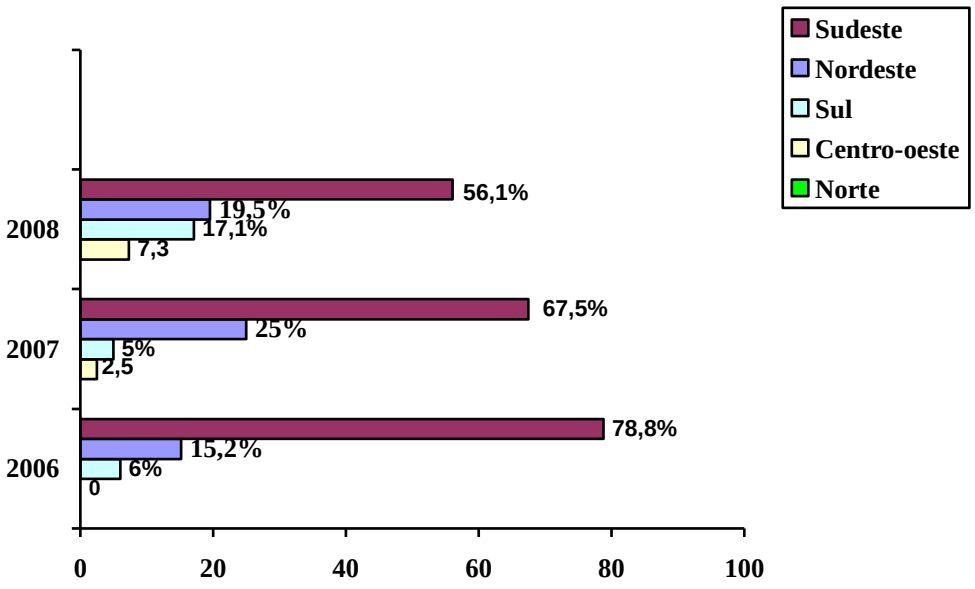
Analisando os números de casos de abandono de recém-nascido e infanticídio registrados no Brasil, verificamos que a maioria dos casos não acontece nas regiões mais pobres do país (Nordeste e Norte) e não há registros de abandono e infanticídio na região (Norte), onde a maior parte dos povos tradicionais habita. Com isso, precisamos refletir mais sobre as reais causas do abandono de recém-nascido e do infanticídio, uma vez que a pobreza e as "práticas indígenas" não parecem ser indicadores de abandono e infanticídio, evidenciando que o tema carece de uma abordagem que rompa o cerco do senso comum e do

preconceito. A falta de conhecimento de vários atores dos diferentes segmentos e setores sociais sobre os elementos que podem influenciar na prática de abandono e infanticídio tende a justificar estas práticas como ações realizadas por mulheres pobres e pelas populações indígenas.

Como já foi salientado no Brasil registrou-se através da mídia nacional o número estimado de 114 (cento e quatorze) casos de abandono e infanticídio no período de 2006-2008. Com o objetivo de melhor apreender os elementos que estão presentes nestas práticas, a pesquisa empírica foi realizada no Estado de Pernambuco, onde se veiculou o número médio de 12 (doze) casos de abandono e infanticídio. Em relação ao número de casos total registrados no país, Pernambuco concentra 10,52% de ocorrências, um pouco mais da metade das ocorrências registradas na região Nordeste.

Através da análise do período em que os casos ocorreram, constatou-se que no período de 2006 a 2008, o ano de 2006 possui um quantitativo maior de casos divulgados na mídia em relação aos outros anos. Fazendo uma análise mais detalhada sobre o registro de casos de abandono de recém-nascido e infanticídio nos anos anteriores ao do período abordado, percebemos que a divulgação midiática sobre casos iguais ou semelhantes é menor[44]. No gráfico abaixo podemos verificar o registro anual de casos por região.

Gráfico 2 - Incidência anual de casos de abandono e infanticídio por região brasileira



[44] Ver Anexos IV e V.

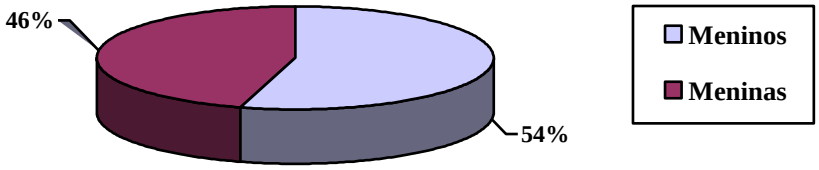
Fonte: Reportagens do Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco, Globo e Folha de São Paulo.

O primeiro caso a ser veiculado com mais evidência na mídia nacional no ano de 2006 foi o caso da menina de dois meses resgatada no dia 28 de janeiro de 2006 da Lagoa da Pampulha, em Belo Horizonte. Porém, este caso não foi o primeiro ocorrido neste ano. Antecedendo o caso da Lagoa da Pampulha-MG, temos o caso de outra menina abandonada embaixo de um carro em São Luiz-MA, no dia 24 do mesmo mês. Contudo, este caso só veio tornar-se notório dia 01 de fevereiro, quatro dias após o episódio ocorrido em Pampulha.

O caso da menina abandonada na Lagoa da Pampulha foi gravado no momento do seu resgate, o vídeo com a gravação do salvamento repercutiu nacionalmente, tendo uma visibilidade maior que o caso da menina abandonada em São Luiz[45]. Observando os dados de campo tornou-se perceptível que um pouco mais da metade dos casos envolvem meninos, portanto, levando em consideração este fato busquei aprofundar a questão para ver se há relação entre sexo e abandono. Em uma das visitas ao CICA estive no Núcleo de Orientação e Fiscalização de Entidades – NOFE[46], e de acordo com as estatísticas apresentadas pelo núcleo as crianças que estão em abrigamento[47] são a maioria do sexo masculino, as meninas são menos expostas ao abrigamento que os meninos e são adotadas com mais facilidade. As análises apontaram que os meninos foram mais suscetíveis ao abandono e ao infanticídio que as meninas, porém não podemos estes dados como absolutos por se tratar de informações que não apresentam continuidade e por isso não permitem inferências.

[45] Ver Anexo VI – Notícias dos casos de abandono de recém-nascido e infanticídio veiculados no Brasil no período de 2006-2008.
[46] O NOFE é o núcleo, do Centro Integrado da Criança e do Adolescente, responsável pela fiscalização das ONG's e instituições públicas que fazem abrigamento de crianças entregues por seus pais ou que foram destituídas do pátrio poder e que podem estar ou não em processo de adoção.
[47] Os motivos de abrigamento podem ser: violência doméstica, situação de rua, violência social, orfandade, abuso sexual e abandono.

Gráfico 3 - Crianças envolvidas em casos de abandono e infanticídio por sexo

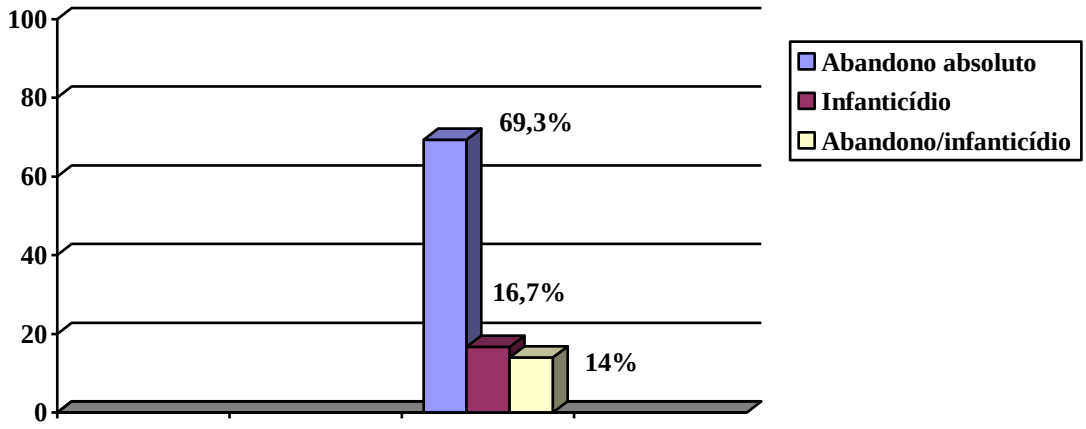


Fonte: Reportagens do Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco, Globo e Folha de São Paulo.

A partir da coleta e análise dos dados foram identificadas algumas semelhanças e diferenças entre as diversas formas em que as crianças foram abandonadas e o desenrolar dos fatos. Com isso pude classificar os casos em três categorias:

- Abandono absoluto, categoria usada para os casos em que as mães deixaram suas/seus filhas/os em locais de difícil acesso, sob diversas condições (dentro de sacos de lixo, em caixas de papelão, caixas de sapatos, mochilas, em carros abandonados, em fossas, canais, etc.) e foram resgatadas/os ou encontradas/os por outrem;
- Infanticídio, categoria usada para os casos em que as mães mataram diretamente suas/seus filhas/os de 0 até 01 ano de idade;
- Abandono/infanticídio, categoria usada para os casos em que as mães abandonaram suas/seus filhas/os em locais de difícil acesso, sob diversas condições e que vieram a morrer no local em conseqüência do abandono.

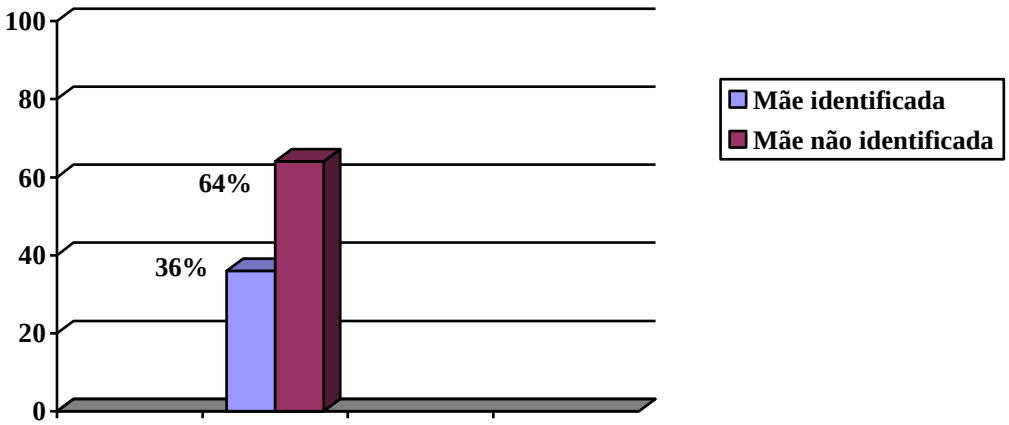
Gráfico 4 - Percentual dos casos por categoria no período de 2006-2008



Fonte: Reportagens do Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco, Globo e Folha de São Paulo.

Observa-se que estes percentuais correspondem a 114 (cento e quatorze) casos de abandono e infanticídio registrados na mídia durante o período de 2006-2008. Dentro desta proporção tivemos uma estimativa média de 79 (setenta e nove) casos de abandono absoluto, 19 (dezenove) casos de infanticídio e 16 (dezesseis) casos de abandono/infanticídio veiculados na mídia nacional. Considerando o número total de casos registrados, pudemos verificar que em 41 (quarenta e um) casos as mães foram identificadas enquanto que em 73 (setenta e três) casos não houve a identificação da mãe.

Gráfico 5 - Mães envolvidas em práticas de abandono e infanticídio

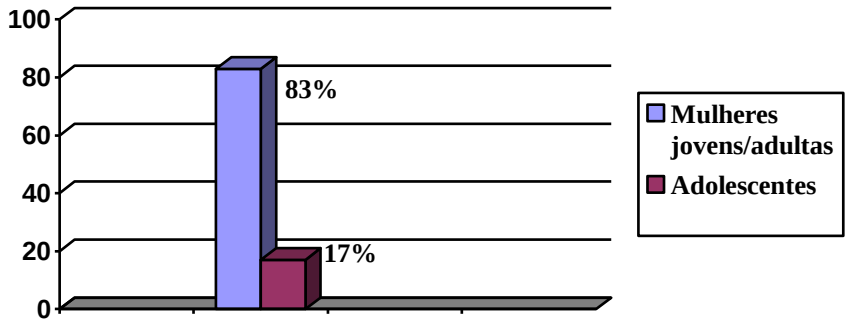


Fonte: Reportagens do Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco, Globo e Folha de São Paulo.

A não-identificação da mãe se refere aos casos em que as crianças foram encontradas vivas ou mortas em locais de difícil acesso, insólitos e inconcebíveis. A exemplo, o caso em que a criança foi encontrada dentro de uma caixa de sapato em um túmulo num cemitério em São Paulo[48]. Os dados apontam que das 41 (quarenta e uma) mães identificadas, a maioria (26) foi autuada e encaminhada para unidades prisionais, 11 (onze) foram autuadas e permaneceram em liberdade e em 04 (quatro) casos não havia informações sobre a situação jurídica das mães.

As informações recolhidas através dos jornais (Jornal do Comércio e Diário de Pernambuco) e da Internet[49] sugerem que as mulheres envolvidas em práticas de abandono e infanticídio são, em sua maioria, jovens e adultas com idade entre 20 (vinte) e 46 (quarenta e seis) anos. São mulheres com mais de uma/um filha/o, com relacionamento estável ou em processo de separação.

Gráfico 6 - Perfil das mulheres envolvidas por idade



Fonte: Reportagens do Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco, Globo e Folha de São Paulo.

Alguns casos envolvem adolescentes, sendo de uma expressividade menor que as mulheres jovens/adultas. Uma pesquisa sobre mortalidade infantil, realizada em Recife, aponta elementos sugestivos sobre risco e rede de apoio para mães adolescentes e adultas. Na pesquisa, a rede de apoio da adolescente ao engravidar se fortalece, por acreditar que ela é

[48] Ver Anexo VI – Notícias dos casos de abandono de recém-nascido e infanticídio veiculados no Brasil no período de 2006-2008.

[49] Nos respectivos endereços eletrônicos: http://www.1.folha.uol.com.br, http://www.jconline.com.br, http://www.g1.globo.com, http://www.diariodonordeste.com.br.

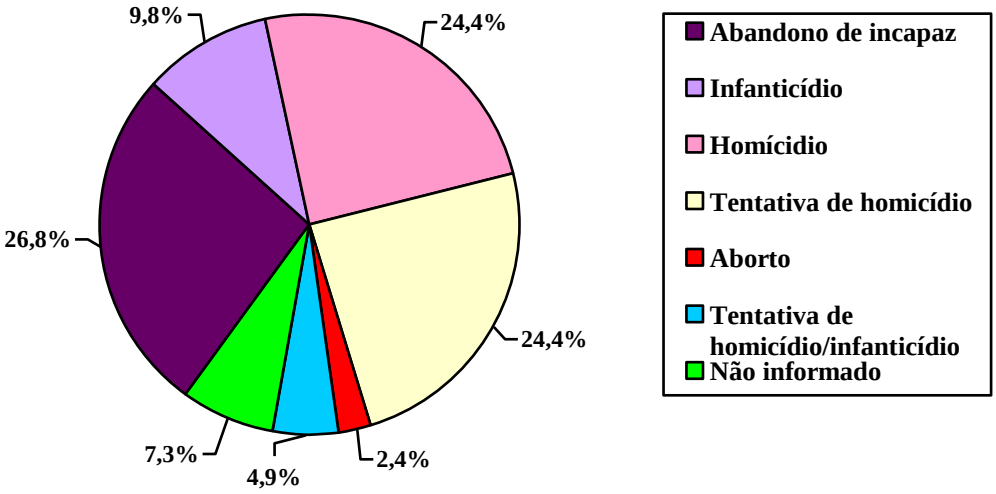
despreparada para assumir a responsabilidade e os cuidados com a criança. Por supor que a mulher jovem/adulta tenha maturidade para cuidar sozinha do bebê, ao contrário do que pode acontecer a rede de uma adolescente, a rede de apoio pode se ausentar e fragilizar-se (QUADROS, 2006).

Esta tipificação revela preconceitos sociais que se alastram no senso comum, especialmente quanto à idade da mãe e pobreza. Podemos observar esta correlação em alguns *blogs*[50] que discutem sobre os casos de abandono de recém-nascido e infanticídio. Estes dados podem iluminar as possíveis causas da maior ocorrência de abandono e infanticídio quando as mães são adultas, mas somente uma pesquisa o tema pode observar correlações entre idade e ocorrências em casos de abandono de recém-nascido e infanticídio.

As análises realizadas nas reportagens veiculadas, no acompanhamento maior de alguns casos pelos endereços eletrônicos da Folha de São Paulo, nos Inquéritos e Processos Criminais concedidos pelos Operadores do Direito de Pernambuco, ilustraram uma prática, cada vez mais recorrente dos Operadores do Direito. Esta prática consiste em interpretar de formas variadas o abandono de recém-nascido e o infanticídio como previsto no Código Penal Brasileiro – CPB. Verificou-se que os casos classificados como abandono absoluto, são interpretados pelos Operadores do Direito como abandono de incapaz e tentativa de homicídio; já as categorias abandono/infanticídio e infanticídio são interpretadas como homicídio qualificado.

[50] Por exemplo, o *blog* Reflexões do cotidiano (*http*://reflexoesdocotidiano.blogspot.com.)

Gráfico 7 - Tipificação dos casos segundo os Operadores do Direito



Fonte: Reportagens do Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco, Globo e Folha de São Paulo.

Fazendo uma análise sobre o que o Código Penal Brasileiro prevê para a execução de penas para os crimes de exposição ou abandono de recém-nascido, infanticídio, abandono de incapaz, homicídio qualificado e tentativa de homicídio podemos observar que existe uma ação punitiva maior para as categorias que estão sendo aplicadas pelos Operadores do Direito nos casos de abandono de recém-nascido e infanticídio abordados nesta pesquisa. Como pode ser visto no quadro abaixo que ilustra o que o Código Penal Brasileiro prevê:

Quadro 3 - Previsões de enquadramento de conduta típica do Código Penal Brasileiro

Classificação da pesquisadora	**Previsão de enquadramento**	**Operador do Direito**	
Abandono absoluto	**Art. 134 Exposição ou abandono de recém-nascido** – Expor ou abandonar recém-nascido, para ocultar desonra própria: Pena - detenção, de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos.	**Art. 133 Abandono de incapaz** – Abandonar pessoa que está sob seu cuidado, guarda, vigilância ou autoridade, e, por qualquer motivo, incapaz	**Art. 121 Homicídio simples** – Matar alguém: Pena - reclusão, de 6 (seis) a 20 (vinte) anos. **Caso de diminuição de pena** § 1º - Se o agente comete o crime impelido por motivo de relevante valor social ou moral, ou sob o

	§ 1º - Se do fato resulta lesão corporal de natureza grave: Pena - detenção, de 1 (um) a 3 (três) anos. § 2º - Se resulta a morte: Pena - detenção, de 2 (dois) a 6 (seis) anos.	de defender-se dos riscos resultantes do abandono: Pena - detenção, de 6 (seis) meses a 3 (três) anos. § 1º - Se do abandono resulta lesão corporal de natureza grave: Pena - reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos. § 2º - Se resulta a morte: Pena - reclusão, de 4 (quatro) a 12 (doze) anos. **Aumento de pena** § 3º - As penas cominadas neste artigo aumentam-se de um terço: I - se o abandono ocorre em lugar ermo; II - se o agente é ascendente ou descendente, cônjuge, irmão, tutor ou curador da vítima. III – se a vítima é maior de 60 (sessenta) anos.	domínio de violenta emoção, logo em seguida a injusta provocação da vítima, o juiz pode reduzir a pena de um sexto a um terço. Para o crime de tentativa de homicídio a lei prevê que será aplicada a pena do homicídio qualificado com a pena reduzida de um sexo a um terço.
Abandono/infanticídio ou Infanticídio	**Art. 123 Infanticídio** – Matar, sob a influência do estado puerperal, o próprio	**Art. 121 Homicídio qualificado** § 2º - Se o homicídio é cometido: I - mediante paga ou promessa de	

	filho, durante o parto ou logo após: Pena - detenção, de 2 (dois) a 6 (seis) anos.	recompensa, ou por outro motivo torpe; II - por motivo fútil; III - com emprego de veneno, fogo, explosivo, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel, ou de que possa resultar perigo comum; IV - à traição, de emboscada, ou mediante dissimulação ou outro recurso que dificulte ou torne impossível a defesa do ofendido; V - para assegurar a execução, a ocultação, a impunidade ou vantagem de outro crime: Pena - reclusão, de 12 (doze) a 30 (trinta) anos.

Fonte: Código Penal Brasileiro

Esta observação não tem o intuito de polemizar as atribuições penais da jurisprudência, mas demonstrar que a ressignificação dos Operadores do Direito sobre essas práticas tem uma ação punitiva maior. Não se quer dizer que as penalidades não devam ser aplicadas, pois aqui se acredita no princípio de que ninguém tem o direito de tirar a vida de outra pessoa como postula os Direitos Humanos Universais em seu Artigo 3. Se as categorias, "exposição ou abandono de recém-nascido" e "infanticídio" não são usadas na aplicabilidade da lei conforme o Código Penal Brasileiro porque existe a idéia de que estas categorias podem amenizar os crimes praticados contra a criança, as mesmas aparecem como pano de fundo da interpretação dos Operadores do Direito para classificá-las como tentativa de homicídio e homicídio qualificado.

> A maneira de entender o infanticídio e de puni-lo tem variado profundamente através dos tempos; umas vezes, predominando o aspecto monstruoso de se dar a morte de um ser indefeso e inculpável, agravado pela circunstância de que a própria mãe o fizesse, e então se conclui pela severidade penal; outras, fazendo-se prevalecer motivos que conduziam a atenuar a responsabilidade do agente (MAGGIO, 2004:24 apud BRUNO, 1972:147).

Percebemos uma ressignificação que ultra-criminaliza a exposição ou abandono de recém-nascido e o infanticídio. Dos casos que foram registrados nas reportagens veiculadas na mídia, constatou-se que apenas dois, o caso de abandono da Lagoa da Pampulha e um caso de

infanticídio em Contagem[51], apresentaram uma solicitação para as mães realizarem o exame de sanidade mental. A realização deste exame é relevante porque pode indicar se a mulher estava em depressão pós-parto ou sob influência do estado puerperal[52], elemento principal que funda a justificativa de prática de infanticídio nas sociedades urbanas. Em relação aos casos de Pernambuco, podemos verificar através das reportagens, Inquéritos Policiais e Processos Criminais que não houve nenhuma solicitação por parte dos Operadores do Direito para que as mulheres fossem encaminhadas a realizar tal exame.

Com isso, podemos considerar que a ausência de encaminhamento para realização do exame que pode constatar algum distúrbio de ordem psicológica na mulher é uma forma de "negar" a possibilidade do infanticídio como previsto em Lei. Neste sentido, vemos a ausência da rede de apoio da mulher para por em prática o que a Lei demanda como direito adquirido. Também podemos considerar que a "negação" desse exame se deve ao fato de que os Operadores do Direito concebam que as mulheres possuem um nível de conhecimento e esclarecimento sobre os direitos da criança, promulgados na nossa sociedade e como prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Sendo assim, estaríamos desvalorizando as experiências pessoais das mães e negando a existência do seu modo de conceber os fatos do cotidiano.

A coleta dos dados do Brasil possibilitou a classificação dos casos encontrados de modo claro e objetivo. Desta forma, é possível abordar como os profissionais envolvidos na tipificação e encaminhamento dos casos ou ainda daqueles ligados à rede de assistência a gravidez e ao parto, se afastam ou se aproximam das concepções sobre maternidade difundidas no senso comum. Também iremos tratar da relação que os agentes públicos fazem entre maternidade, abandono e infanticídio.

[51]Para mais informações sobre o caso em Contagem ver:
BEBÊ jogado em rio é resgatado com vida em Minas. **Folha Online**, São Paulo, 30 set. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u332691.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.
MÃE de bebê jogado em rio responderá por homicídio. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 5 out. 2007. Seção Notícia. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=194408&modulo=965> Acesso em: 1 jul. 2009.

[52] Segundo Almeida Jr.; Costa Jr.; J. B. de Oliveira (1996:382) a influência do estado puerperal é a perturbação psíquica em que a mulher, mentalmente sã, mas abalada pela dor física do fenômeno obstétrico, fatigada, enervada, sacudida pela emoção, vem a sofrer um colapso do senso moral, uma liberação de impulsos maldosos, chegando por isso a matar o próprio filho.

3.3 Os agentes públicos, representações e significados de maternidade

Os dados colhidos com agentes públicos da Secretaria de Assistência Social, Secretaria de Saúde e com os Operadores do Direito a respeito dos significados que eles atribuem à maternidade, amor materno e sua relação com abandono e infanticídio constituem parte importante das reflexões deste trabalho.

Na discussão e reflexão a respeito do abandono de recém-nascido e do infanticídio, na atualidade, seja ela no âmbito da política, jurisprudência ou medicina, não podemos deixar de considerar: as representações e significados da maternidade, e o contexto social em que a mulher está inserida para compreender a estrutura social, os valores e símbolos que são compartilhados pelos atores e instituições sociais.

As representações acerca da maternidade estão relacionadas a um discurso moral que estabelece ou tenta estabelecer um comportamento padrão à figura materna. A representação simbólica da mãe tem como reflexo os afetos, os cuidados com a criança e as experiências vivenciadas pela mulher[53], estes chegam a se fundir e traduzir-se em amor. Nas sociedades ocidentais a construção da subjetividade feminina está relacionada às construções sócio-culturais e práticas corporais concebidas como parte intrínseca da maternidade, aparecem de forma naturalizada e influenciam o modelo afetivo/normativo de maternidade intensiva[54] (CAMPOS, 2005).

Os significados e as representações da maternidade apresentam-se correlacionados. O exercício da maternidade, a maternagem, aparece como centralidade na vida e definição social das mulheres, através de um processo psicológico estruturalmente induzido em que a diversidade emocional e o significado presentes nesta experiência podem corroborar, definir e reproduzir o ideal de maternidade (CHODOROW, 2002).

Diante dos casos de abandono de recém-nascido e infanticídio, tais significados e representações levam a idéia de que a mãe seria incapaz de praticar alguma ação que pudesse

[53] A experiência da maternidade é vivenciada por muitas mulheres como algo único e exclusivo. É uma experiência cercada de mitos, dilemas e tabus sobre o corpo, dietas alimentares, comportamento e sentimentos considerados como naturais e partes constituintes da maternidade (CAMPOS, 2006).

[54] De acordo com Campos (2005), os afetos fazem parte de uma estrutura discursiva em que a maternidade, o corpo e a subjetividade feminina aparecem de forma naturalizada. O discurso médicos e as recomendações (práticas corporais) têm uma dimensão cultural que garantem a naturalização das idéias e crenças sobre a maternidade. Exercícios respiratórios, dieta alimentar, banho de sol nos seios e massagens com buchas e tintura de algodoeiro, são praticas mediadas culturalmente que propiciam o parto natural sem o uso de medicamentos e uma amamentação mais duradoura.

acarretar algum dano para sua/seu própria/o filha/o. Como compreender a existência dessas práticas e a maternidade? Os casos de abandono e infanticídio rompem ou reforçam o ideal de maternidade?

O contexto social que as mulheres envolvidas nas práticas de abandono de recém-nascido e infanticídio estão inseridas traz à tona questões pertinentes que fazem parte tanto da sua realidade quanto da de outras mulheres. São questões que apontam problemas vividos no dia-a-dia com a insuficiência de políticas públicas na área da assistência social, com a precariedade do sistema público de saúde, com a falta de investimentos políticos nas áreas de lazer, cultura, educação, economia, segurança, etc.

Esses problemas aparecem como pano de fundo da discussão sobre maternidade, abandono e infanticídio nas entrevistas realizadas com os agentes públicos. Para melhor compreender as representações e significados da maternidade atribuídos pelos agentes públicos, investigamos as semelhanças e particularidades nos seus relatos a partir da sua experiência profissional. Buscamos compreender os significados da maternidade, para atingir nosso objetivo, primeiro procuramos perceber como os agentes públicos caracterizavam "ser uma mãe", a partir das suas descrições usamos a categoria "boa mãe". Segundo, buscamos estabelecer uma relação entre ser uma "boa mãe" e a percepção dos agentes sobre as mães envolvidas em práticas de abandono e infanticídio. Terceiro, procuramos identificar os sentimentos relacionados à maternidade e o significado do amor materno.

Ao analisar a categoria "boa mãe", observamos semelhanças nas falas dos Operadores do Direito e dos profissionais da Secretaria de Assistência Social, eles significam a "boa mãe" a partir da realidade social em que a mulher está inserida. Em um primeiro momento, eles relacionam a categoria "boa mãe" à imagem de mãe que está mais próxima de si, a exemplo, indicam como modelos de "boa mãe" a própria mãe e a esposa. Em seguida, apontam que para ser uma "boa mãe" a mulher precisa dar educação e cuidar das/os filhas/os. A educação que os profissionais referiam-se não era especificamente a educação escolar, mas sim a educação de normas e valores transmitidos pela família.

Para os Operadores do Direito e os profissionais da Assistência Social a mulher para ser uma "boa mãe" precisa de um referencial de mãe e que, na maioria das vezes, as mulheres que negligenciam, abandonam e matam suas/seus filhas/os não têm esse referencial.

> "Na maioria, pelo menos nos casos que chegam até o Ministério Público, em sua maioria, eu vejo como... falta uma estrutura, quer dizer... falta até pra essas mães um espelho de mãe. Muitas delas não tiveram um espelho de mãe, por isso talvez não seja uma boa mãe, pelo menos é o que aparenta" (Operador do Direito).

A ausência do referencial de mãe é atribuída por estes profissionais ao que eles classificaram como "desestruturação familiar". Com isso, percebemos que as representações não estão exclusivamente voltadas para a maternidade, mas também para a família. A maternagem[55] é de profunda importância para compreender a estrutura familiar, por conceber que a família influencia a construção do "*self* materno"[56] e significados de maternidade.

Ademais, observamos a partir da fala dos informantes que a família é o foco do Estado no direcionamento das políticas públicas, vemos nas instâncias públicas o olhar sobre a família numa perspectiva de perda de funções, de perda de autonomia, de incapacidade nas suas ações, onde o Estado se vê mais regulador da vida privada (COSTA, 1999).

> "Que normalmente o que nós temos aí, chega mãe no Ministério Público para que o Promotor assuma a responsabilidade da filha dela, que a filha tá com treze anos e não respeita mais ela, não é uma função do Promotor é uma função da família. E se essa criança com treze anos, essa menina com treze anos, quatorze anos que chegam... e meninos também que não respeitam pai e mãe, justamente foi pela questão da criação. Limites e regras, isso tem que existir sempre, os limites e regras. E as mães hoje elas pagam, quando eu falo o termo de pagar é porque não tem paciência de ver o filho chorar, muitas delas são mães solteiras, na sua maioria, e... essa questão de ser mãe solteira é um problema muito grande na nossa região porque as moças se iludem inicialmente com um rapaz bonito, com o corpo mais bonito... que tem um bocado de coisa e não vê o conteúdo daquele homem. O que ele vai dar pra mim, quando eu fechar com ele um casamento? Quando eu formar uma família, o que ele vai dar para os nossos filhos? E quando a criança nasce numa relação como essa, só tem mãe, não tem pai. A maioria dos pais quando aparecem lá na promotoria é pra reconhecimento de paternidade e a primeira coisa que ele diz é o seguinte: eu tenho dúvida, eu quero o DNA. E eu acho que no caso, a mãe na nossa visão, voltando a mãe dessas que aparecem no Ministério Público, na sua maioria, ela falta aquela questão de família, de trabalhar a família, de saber o que é uma família, então se ela não conseguir conviver numa família, ela não consegue passar pro filho dela o que é uma família" (Operador do Direito).

Este tipo de relação pôde ser observada em uma das visitas à Gerência de Proteção à Criança e ao Adolescente – GPCA, onde um pai estava prestando queixa do "desaparecimento" da sua filha, simultaneamente tentava se resguardar da Lei e utilizava a mesma se algo viesse a acontecer com a criança. Neste caso, a menina de doze anos saiu da sua residência, aparentemente, para ir à escola, após uma semana de sua saída ela não teria retornado para casa. Ainda, segundo o seu pai, a mesma encontrava-se na casa de terceiros exposta ao consumo de drogas lícitas e ilícitas. Portanto, como não havia sido a primeira vez que a menina teria saído da sua residência com a intenção de não voltar, ele decidiu registrar

[55] Além de ser importante para compreender a estrutura familiar, a maternagem também é importante para compreender a relação entre os sexos, para a ideologia sobre as mulheres, para a divisão do trabalho por sexo e a desigualdade dos sexos na família e fora do mundo familiar, ver Chodorow (2002).
[56] Ver Chodorow (2002).

na delegacia o que estava acontecendo. Por outro lado, vemos que o Estado não é percebido apenas como uma estrutura reguladora da família, mas também como um instrumento de proteção.

Nos serviços de proteção à infância, a família é vista como cuidadora da criança, porém vale salientar que a figura materna é considerada o centro provedor desse cuidado. A responsabilidade materna sempre é enfatizada nos serviços de proteção, em especial, nos processos referentes à violência doméstica[57], independente do grau de envolvimento da mãe. O que se percebe são ações vinculadas a julgamentos morais da maternidade.

Os profissionais entrevistados também significam que uma "boa mãe" é aquela que se prepara para ter uma/um filha/o. Alguns profissionais apontaram a gravidez na adolescência como um fator desencadeador do abandono e infanticídio, porém o levantamento de dados realizado através das notícias veiculadas na mídia mostra que a grande maioria dos casos é de mulheres envolvidas nestas práticas é de jovens e adultas[58]. Entretanto, o despreparo atribuído a estas mulheres ainda está vinculado à idéia da ausência de um referencial materno. Podemos constatar esta percepção a partir da fala de um informante sobre as mulheres que estão envolvidas nas práticas de abandono.

> "Eu acho que elas estão circunstancialmente naquela condição, porque elas já são, elas já cometem esse tipo de negligência porque não tem o devido preparo pra poder ser mãe, elas não foram preparadas pra ser mãe, foram criadas praticamente do mesmo jeito. Você vê muito isso com meninas, inclusive, da zona rural, da zona rural... porque é muito específico aqui em Lajedo porque existe a zona urbana que é bem específica mesmo, é um ponto muito específico, e a grande zona rural do município né. E a grande zona rural é onde acontece isso mesmo, as meninas são novas mesmo e são mães muito cedo e não têm a noção do que é a maternidade, muitas eu digo a você que não tem e querem manter o mesmo padrão de quando era solteira" (Operador do Direito).

No que diz respeito aos profissionais da Secretaria de Saúde a categoria "boa mãe" indica aquela mulher que busca o atendimento médico para suas/seus filhas/os. A "boa mãe" aparece como a mais próxima do modelo afetivo/normativo de maternidade intensiva, ou seja, é a mãe paciente, abnegada, dedicada, atenciosa, carinhosa, sacrificada, participativa, cuidadora e que, acima de tudo, segue as orientações médicas.

> "Uma boa mãe é a participativa, aquela que orienta... eu acho que uma boa mãe é aquela que orienta, a que busca... é aquela que desde a descoberta da gravidez, ela se preocupa com o seu bebê, que ela orienta... que ela cuida. Boa mãe é aquela que cuida sobre todos os aspectos..." (Profissional de Saúde).

[57] A noção de violência doméstica aqui abordada refere-se à violência praticada dentro da esfera doméstica, independente de ser praticada contra a mulher.
[58] Ver o Gráfico 6. Perfil de mulheres envolvidas por idade.

> "No primeiro momento, procurar o pré-natal, seguir as orientações do pré-natal, quando esse neném nascer vacinar essa criança né... que é um direito que ela tem, enfim dar todos os cuidados que ela foi orientada durante o pré-natal" (Profissional de Saúde).

As representações simbólicas sobre maternidade presentes no discurso médico aparecem como fonte de poder, na medida em que podem ser consideradas como instrumentos de ação social. Com a medicalização da reprodução, vimos surgir um universo de símbolos imenso que envolve a concepção, a amamentação, gravidez, puerpério, aborto, práticas sexuais e menopausa (DEL PRIORE, 1995; OSIS, 1998; COSTA, 1999; THERBORN, 2006).

A imagem que muitos profissionais da saúde têm acerca da maternidade é uma visão difusora de estereótipos, pois usa as funções biológicas da mulher para fundamentar como deve ser o comportamento feminino. Podemos perceber isso através de práticas corporais que são ensinadas durante o ciclo de vida da mulher e passam a ser incorporados como naturais (técnicas de amamentação, posição de parto, etc.) (MITJAVILA; ECHEVESTE, 1994; TAVARES; SCHRAIBER; PORTELLA; SCOTT, 2004).

Buscando perceber os significados da categoria de "boa mãe", apareceram, em contraposição significados para a categoria "mãe má". A categoria "mãe má" surgiu para designar as mães percebidas como "desviantes", designa àquelas mães que não cumprem "corretamente" o seu papel de mãe, são percebidas como:

> "Uma mãe que não dá apoio a criança, que não coloca as crianças na escola, não dá aquilo que ela precisa dentro de suas condições, eu acho que essa não é uma boa mãe. E dar oportunidade, colocá-la no trabalho muito cedo, explorá-la porque a gente tem aqui ainda, outro dia eu soube que tem um mãe que deixa os filhos com uma menina de dez anos pra ir fazer a feira, fazer as atividades, então essa não é uma boa mãe. Uma criança de dez anos é uma criança muito jovem pra tá já com responsabilidade, então eu vejo assim" (Profissional de Saúde).

Ao mesmo tempo em que a fala desta informante retrata algumas condições precárias que crianças são submetidas, também informa algumas dificuldades vivenciadas por mulheres que têm mais de uma/um filha/o e precisam se ausentar do lar para realizar alguma atividade, seja ela de cunho profissional ou de manutenção da rotina das atividades domésticas. Mostra que nem sempre a rede de apoio da mulher é acionada para os cuidados referentes à criança, em muitos casos às mulheres têm que contar com a própria sorte, assim como suas/seus filhas/os, para poder desenvolver às suas atribuições de mulher-mãe-trabalhadora. Sobretudo, alguns profissionais identificam falhas nas ações de assistência à mulher ou à família como

um todo. Observem as colocações deste informante ao ser indagado sobre as ações sociais e políticas do seu município:

> "A secretária de assistência social é mãe do prefeito, você perguntou a ela o que é que o município tem? Não tem. Todo mundo sabe, a dificuldade do problema é que não tem. Nós temos aqui de vez em quando, junto o Ministério Público com o Conselho Tutelar, o Conselho Tutelar daqui ele é atuante, é quem faz um trabalho... só que ele não tem poder de polícia. Só são cinco em cada cidade e não tem como. Porque nós temos o problema aqui é de crianças abandonadas, muitas vezes tá em casa, vem denúncia porque o pai e mãe tá trabalhando, que aí é outro caso... abandono de criança pra fora não, mas dentro de casa... muitas vezes tem mães que tem quatro, cinco crianças tudo de menor, mas tem que buscar comida... vai deixar com quem com os avós? Não, porque também estão trabalhando. Muitas vezes essas crianças ficam com risco de vida porque ficam dentro de casa, um irmão tomando conta do outro. Já tivemos acidente aqui de criança vindo a falecer por questão disso" (Operador do Direito).

Este informante fala dos casos de abandono de incapaz que são classificados como negligência. Para muitos Operadores do Direito a noção de abandono está além da idéia da ausência da assistência fora do lar, pode assumir feições materiais e psicológicas, pode ser o descaso intencional pela criação, educação e moralidade da criança, de modo que venha a comprometer seu desenvolvimento como ser humano. De acordo com o jurista Válter Kenji Ishida (2004), configura-se o abandono a partir da conduta omissiva dos genitores diante da assistência material e psicológica relacionada ao Art. 22 do E.C.A., que fala ser incumbência dos pais o dever de sustentar, guardar e educar os filhos menores, cabendo-lhes ainda, no interesse destes, a obrigação de cumprir e fazer cumprir as determinações judiciais e ao Art. 1.634 do Código Civil.

O que percebemos é a insuficiência ou ausência de políticas públicas, como a criação de creches, para que possa atender as necessidades das mulheres da população local. Esta problemática não está restrita apenas a esta comunidade, nas visitas as demais cidades no Estado de Pernambuco[59] constatou-se a partir das entrevistas realizadas nas Secretarias de Assistência Social a insuficiência de creches que possam dar um maior suporte às mulheres que precisam se ausentar temporariamente da casa e dos cuidados das crianças.

> "A sorte são as creches que ficam com as crianças em internamento das 7h às 17h, quer dizer... a criança já volta pra casa... janta que já jantou e isso já alivia muito porque tem mães que tem... a gente chega aqui, a gente atende até doze filhos. Não é o suficiente, mas até que de uns tempos pra cá foram abertas mais creches no município, tá certo. Na maioria dos distritos não tem, que deveria ser aberta também e muitas vezes é onde está" (Profissional da Assistência Social).

[59] As cidades que foram visitadas estão indicadas na Quadro 1 da página 30.

Em um segundo momento, buscamos estabelecer a relação entre a categoria "boa mãe" e as percepções dos agentes sobre as mães envolvidas nas práticas de abandono e infanticídio. Mais uma vez, encontramos semelhanças no modo que os Operadores do Direito e os profissionais da Secretaria de Assistência Social relacionam o ideal de mãe com as práticas de abandono e infanticídio. Vemos ser apontadas a inexperiência e a família como influenciadores da ação materna indesejada.

> "Ela tem que ter acima de tudo preparo, eu acho que é justamente a questão do despreparo. Uma mãe que simplesmente vai ter um filho, ela tem que se preparar anteriormente e ter a convicção de que vai querer ter o filho mesmo de fato e o que é que acontece, como eu disse a você, as mães vêm sendo demasiadamente nova pra exercer a função de mãe e elas acabam não tendo esse preparo e o que se cabe é isso... é como uma interrupção de vida que a pessoa não percebe. Uma menina muito nova, que ta simplesmente namorando, nem tem o estudo básico ainda concluído, mas já arrumou um namorado, não tem uma história familiar que a alicerce" (Profissional da Assistência Social).

> "Como é que eu vejo, tem que tá dentro daquela situação, dentro daquela pessoa pra saber o motivo pelo qual, muitas não tem motivo nenhum, mas aí eu digo hoje em dia, muitas vezes esse abandono da mulher abandonar é porque ela não tem essa estrutura de família, essa estrutura de conhecimento, essa estrutura de vida, de saber o que realmente é certo ou errado" (Operador do Direito).

O modo como os profissionais de Saúde percebem as mulheres envolvidas nas práticas de abandono e infanticídio ilustram percepções discriminatórias, a patologização dessas práticas é imediata. Porém, não podemos negar que, em alguns casos, existe uma linha tênue de um comportamento psicótico[60].

> "Eu diria que é uma monstruosidade, é terrível... isso é monstruoso uma mãe abandonar o filho... em hipótese alguma sabe, eu acho que em hipótese alguma é justificável abandonar o filho, eu até posso pensar em aceitar... digamos assim que você pratique um aborto, em situações e situações e situações... agora em você ter um filho e abandonar o seu filho, eu acho que em hipótese alguma... isso é uma monstruosidade..." (Profissional de Saúde).

Também encontramos diferenças entre os profissionais de Saúde na forma de perceber as mulheres envolvidas. Além de considerarem distúrbios psicológicos, alguns consideram elementos de ordem social, como influenciadores das ações maternas, dando relevância a educação e a família. Na fala deste informante vemos aparecer, mais uma vez, a noção de que a maternidade pode ser comprometida se a mulher pertencer a uma família "desestruturada".

---

[60] MÃE que matou recém-nascida em Maranguape recebe alta. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 12 jun. 2007. Seção Notícia. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=181715&modulo=965>. Acesso em: 1. jul. 2009.

> "Em relação como é uma boa mãe, começando por uma boa mãe, eu acho que é uma mãe dedicada, carinhosa, como eu já falei, preocupada com a saúde do seu filho, tem essa dificuldade de acesso mas... e a mãe que por um motivo que às vezes a gente desconhece né... acontece esses episódios aí... é uma coisa que só a psicologia, a psiquiatria que poderá explicar... Eu acho que a base de tudo é a educação né... e as condições como o ser humano vive. Eu acredito que tudo é a base onde você nasce, é a família que você... como você é acolhido na sua família, como você foi sua educação, o meio onde você vive porque o ser humano é o meio onde vive né... e tem uma série de coisas, tem a parte econômica, tem a parte social, é muita coisa aí... eu acredito que é muita coisa junta, juntando tudo" (Profissional de Saúde).

Por um lado, as falas dos Operadores do Direito e dos profissionais da Secretaria de Assistência Social são semelhantes quanto às representações de "boa mãe". Estes profissionais apesar das noções e valores individuais sobre maternidade, levam em consideração as possíveis dificuldades que a mulher pode estar vivenciando. Diferentemente, as falas dos profissionais da Secretaria de Saúde, apontam para uma negação das experiências individuais das mulheres como também descontextualizam sua história social.

Por fim, ao analisar os relatos dos informantes sobre os sentimentos que são associados à maternidade, percebemos que todos os agentes públicos apontaram o amor como o sentimento intrínseco à maternidade. Contudo, este amor é aflorado a partir da família, ou seja, a família é percebida como fonte deste amor. É através dela que o amor materno se estabelece e se mantém, compreende-se que se as relações familiares forem frágeis este sentimento será comprometido.

> "Amor... o primeiro é amor... é família, é união... a maternidade é assim aquele sentimento de... acho que é o maior sentimento é o sentimento de maternidade... é ser mãe, é o maior sentimento... não tem amor... nenhum amor que seja igual ao amor de mãe... não existe amor" (Profissional de Saúde).

A família acaba se transformando no sustentáculo do sentimento materno, os valores, as normas, a educação moral e intelectual, a afetividade, entre outros elementos que podem ser transmitidos pela família, são significados pelos informantes como sentimento de amor e convertidos em amor materno.

Na concepção desses profissionais, o amor é um sentimento que se caracteriza como uma entrega, uma doação e traduz-se no termo "mãe". Este sentimento é percebido como natural, característico da natureza feminina, é um sentimento incondicional que ultrapassa a condição do individualismo e perpassa a representação da Dádiva.

> "Eu acho que é da mulher, do ser humano... eu acho que é natural da mulher é amar a sua cria, você por um motivo... ou foi planejado ou não foi planejado, mas no

> íntimo a mulher tem que... eu acho que a mulher é grande nesse aspecto... e todos os aspectos e afins... porque é muito importante você presenciar um parto, o pai. Presenciar o parto, eu presenciei o parto dos meus filhos né... e é maravilhoso, eu acho que só engrandece o ser humano e como é nobre a missão da mulher no mundo, eu acho muito importante. Mas tem os percalços aí da vida, da psicologia que envolve muita coisa e aí mãe... por incrível que pareça às vezes comete" (Profissional de Saúde).

De um modo geral, consideramos que, as noções e valores acionados pelos agentes públicos sobre maternidade estão próximos ao modelo afetivo/normativo de maternidade intensiva. Ao evidenciarem a existência de elementos de ordem cultural, psicossocial, econômica, etc. que podem influenciar as práticas de abandono e infanticídio, as/os informantes não demonstraram que o modelo afetivo/normativo de maternidade intensiva pode ser tensionado e relativizado. Porém, vemos em seus relatos que a falta de um "modelo de mãe" possibilita que as mulheres envolvidas nas práticas de abandono de recém-nascido e infanticídio não sejam uma "boa mãe".

Os significados atribuídos à maternidade pelos agentes públicos estão correlacionados a um discurso naturalizante das representações da maternidade (prescrita pela ordem social). Entretanto, se os significados podem ser reavaliados quando realizados na prática porque diante da incidência de abandono de recém-nascido e infanticídio temos dificuldades em resignificar o modelo afetivo/normativo de maternidade intensiva? Buscando compreender esta questão iremos analisar como as mulheres envolvidas em caso de abandono e infanticídio significam a maternidade.

4 CONTINUIDADES E TRANSFORMAÇÕES DAS EXPERIÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES DA MATERNIDADE

O homem se define no mundo objetivo não somente em pensamento, senão com todos os sentidos (...). Sentidos que se afirmam, como forças essenciais humanas (...). Não só os cinco sentidos, mas os sentidos espirituais (amor, vontade...).

Karl Marx

Os casos de abandono de recém-nascido e infanticídio configuram um desafio à reflexão antropológica, pois existem uma série de situações difíceis de serem tratadas pelas pessoas envolvidas, como também uma complexidade na análise teórica sobre estas práticas. Observamos situações que apontam ser necessário relativizar a noção de maternidade para melhor apreender os valores acionados pelas mulheres envolvidas em práticas de abandono e infanticídio.

O abandono de crianças e o infanticídio têm sido notícia recorrente na mídia nacional nos últimos anos. Geralmente são notícias sobre recém-nascidos, abandonados no lixo, em via pública, em pátios, terrenos baldios, matas, rios, bueiros, colocados dentro de sacos plásticos, caixa de papelão, caixa de sapatos, etc. Alguns são abandonados e encontrados por alguém que está passando, outros são abandonados e morrem no local, ainda há aqueles que são mortos por sua mãe.

Qual a razão para uma mãe agir tão contrariamente aos seus valores? A questão não é simples. Existe uma rede de determinantes, tais como as de nível sócio-econômico, estruturais, psicossociais, culturais, etc. São questões que perpassam a exclusão, a impossibilidade de realizar um aborto legalmente, a ausência de um planejamento familiar de qualidade, medo, ausência de amor, conflitos familiares, desespero. É necessário analisar não somente a mãe que abandona ou que mata, mas as condições que estas mães estão vivendo.

Ao analisar os casos de abandono de recém-nascidos e infanticídio pudemos constatar que cada mãe que abandona seu bebê, que o rejeita e o expõe ao risco de morrer tem uma história e "motivos" para fazê-lo. São histórias distintas e com traços comuns, problemas que perpassam a história de vida de cada mãe e influenciam a decisão de não querer sua/seu filha/o.

Buscando evidenciar os elementos influenciadores presentes na decisão das mães, será apresentado o relato de duas mulheres sobre suas experiências afetivas, relacionamentos com familiares e companheiro, os dilemas vivenciados por elas no período gravídico-puerperal e suas concepções sobre maternidade e amor materno. Estes relatos referem-se a um caso de abandono e um de infanticídio, ambos no estado de Pernambuco. A mãe envolvida no caso de abandono será identificada com o nome fictício Monique, enquanto que a mãe envolvida no caso de infanticídio será identificada com o nome fictício Laura.

A partir da perspectiva deste estudo iremos abordar esta problemática sob o conceito de "estrutura prescritiva" e "estrutura performativa" de Marshall Sahlins (2003) para compreender e explicar suas ações diante do modelo de maternidade prescrito pela ordem social. Na análise dos dados observamos que a representação direciona as experiências e os significados da maternidade, desta forma, para entender as representações de maternidade para Laura e Monique iremos caminhar sob o conceito de "*habitus*" empregado por Bourdieu.

4.1 Experiências e sentimentos – relatos das mães envolvidas em práticas de abandono e infanticídio em Pernambuco

4.1.1 Do abandono

Jornal do Comércio, 31 de julho de 2008: "*Um bebê recém-nascido do sexo masculino foi encontrado abandonado*". Esta frase inicia a reportagem de mais um caso de bebê abandonado em Pernambuco, notícias que ao serem transmitidas velam experiências vivenciadas (compartilhadas por um grande número de mulheres) e revela a história de Monique. Com o objetivo de situar este caso será realizado um breve relato dos fatos contidos no Processo Criminal[61].

Consta nos autos do processo que o bebê de Monique foi encontrado por algumas crianças na caatinga[62], ao ouvirem o choro do bebê acionaram policiais militares que

[61] Processo 449.2008.000294-4 SDS (2008)

[62] Tipo de vegetação característico do Nordeste brasileiro, formado por pequenas árvores, comumente espinhosas, que perdem as folhas no curso da longa estação seca (entre elas ocorrem numerosas plantas suculentas, sobretudo cactáceas) (FERREIRA, 2004).

trabalhavam na região. Após prestar socorro à criança os policiais militares fizeram uma busca, tanto no hospital da cidade, quanto nas cidades vizinhas, com o intuito de localizar a mãe da criança e logo obtiveram sucesso na ação.

Monique foi abordada pelos policiais quando estava sendo atendida em um hospital de uma cidade vizinha, ao ser questionada se havia parido recentemente ela negou o fato, que veio a ser comprovado através de um exame ginecológico. Diante do resultado positivo Monique confessou o abandono e foi encaminhada ao hospital da sua cidade sob custódia policial.

De acordo com o relatório do Conselho Tutelar da cidade e do laudo médico, presentes no corpo do processo, a criança estava com hematomas na cabeça e pelo corpo, necessitando ficar hospitalizada para uma avaliação médica especializada. Por também precisar de cuidados médicos Monique ficou internada no mesmo hospital que seu filho. É neste contexto que a história de uma mãe que abandona seu filho aparece como uma história controversa diante do desfecho do caso.

No dia em que abandonou seu filho recém-nascido, Monique, 22 anos, encontrava-se solteira e já tinha um filho de quatro anos[63]. Ao ser custodiada pela polícia, Monique expôs que abandonou o filho por ter sido abandonada por seu atual companheiro. Relatou que sentia-se sozinha, sem o apoio da família e do pai do seu filho, vendo-se sem alternativa, pois não tinha condições materiais para sustentar o seu filho, decidiu abandoná-lo no momento do parto.

O encontro com Monique um ano e dois meses depois do fato ocorrido aconteceu de maneira inesperada, pois no momento em que pedia informações para localizar a sua residência fui informada que a mulher que procurava estava vindo na minha direção com sua mãe e seus dois filhos. Falava ao telefone quando lhe abordei, identificando-me expliquei o motivo de estar ali, após ouvir-me com atenção Monique se dispôs a conversar sobre sua experiência. O relato de Monique enfatiza questões familiares, afetivas e estruturais.

Monique expõe que iniciou sua vida amorosa ainda adolescente quando começou sua atividade sexual e em seguida se relacionou com o pai do seu primeiro filho, com quem conviveu maritalmente por um período aproximado de seis anos. Após o término deste primeiro relacionamento, o seu primeiro filho ficou sob os cuidados da sua mãe, fato que não

[63] Os dados de Monique referem-se ao ano de 2008 quando abandonou seu segundo filho. Seu primeiro filho é fruto de um relacionamento anterior.

era bem quisto por seus irmãos. O relacionamento com sua família (pai, mãe, irmãos, irmãs) sempre foi marcado por conflitos e o fato de almejar por sua autonomia e o exercício da sua individualidade sempre foi motivo de retaliações por seus familiares.

> "Sempre meu pai e meus irmãos foram carrascos" (Monique).

A afirmação da individualidade sintetiza o sentido das mudanças atuais, o que tem implicações evidentes nas relações familiares, fundadas no princípio da reciprocidade e da hierarquia. Este processo foi impulsionado basicamente pelas mulheres, a partir de um fato histórico fundamental: a revolução sexual. Este acontecimento possibilitou a mulher o controle da reprodução, permitindo a reformulação do seu lugar na esfera privada e sua participação na esfera pública (VELHO, 2004; GOLDANI, 1993; THERBORN, 2006).

Um dos grandes problemas vivenciados por nossa sociedade é não conseguir compatibilizar a individualidade e a reciprocidade familiar. As pessoas querem viver, ao mesmo tempo, sós e juntas. Para isso, têm que enfrentar a questão de que, ao se abrir espaço para a individualidade, necessariamente pode surgir uma ou outra concepção das relações familiares, tendo em vista que,

> a construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitas dentro de um contexto em que diferentes "mundos" ou esfera da vida social se interpenetram, se misturam e muitas vezes entram em conflito (VELHO, 2004:33).

O que se põe em questão, na família, com a introdução da individualidade, não é a autoridade em si, mas o princípio da hierarquia no qual se baseia a autoridade tradicional. Podemos observar que em alguns domínios da vida social os valores de igualdade e liberdade presentes na nossa sociedade não são plenamente exercidos, o que torna possível perceber valores hierárquicos, que, apesar de serem opostos aos primeiros, estão presentes na estrutura social moderna (DUMONT, 2000).

Os conflitos familiares vivenciados por Monique se intensificaram quando iniciou o relacionamento com o pai do seu segundo filho, influenciando para que saísse da casa dos seus pais e fosse morar sozinha, deixando o seu filho mais velho para sua mãe educar. Essa decisão fragilizou ainda mais seus vínculos familiares, sua família, principalmente um dos seus irmãos, não concordava com seu relacionamento, o que fez com que Monique rompesse quase que completamente seus vínculos.

> "Eu vou dizer uma coisa a você quando eu comecei a namorar com o pai dele eu ainda tava dentro de casa, foi por isso que eu sai de dentro de casa porque ele era muito ignorante, a gente chegamos a trocar... não trocamos porrada porque eu não era homem. Eu disse a ele que se você triscar em mim eu mando amanhã só os homens vim lhe buscar... eu abandonei minha família, briguei com meu irmão por causa do pai dele, eu era louca pelo pai dele" (Monique).

Este novo relacionamento de Monique manteve-se por aproximadamente três anos, o rompimento aconteceu quando a informante descobriu que estava grávida. Apesar da gravidez ter sido planejada pelo casal, o término do relacionamento foi inevitável. Ao confirmar a gravidez, Monique não informou a nenhum parente que estava esperando um filho, isto se deve ao fato de que não mantinha um bom relacionamento com sua família. Quando falou ao companheiro que estava grávida, Monique percebeu mudanças no comportamento do mesmo, que tornou-se cada vez mais ausente.

> "Até os dois meses ele botava a mão na minha barriga, andava comigo, depois mudou de repente, ele não botava já a mão na minha barriga, era diferente... mudou, mudou... Até quatro meses... era assim... era mas era diferente... não era do mesmo jeito pra trás não, era diferente, não era aquela mesma coisa não... não tinha aquele amor, aquele chamego... era totalmente diferente" (Monique).

O casal passou a se desentender e a discutir com freqüência, Monique passou a sofrer violência psicológica por parte do seu companheiro. Ele a agredia verbalmente com palavras de baixo escalão, até que ele passou a duvidar da paternidade, por vários momentos, sugeriu a realização do aborto através da indução medicamentosa. Ao ser questionada se sofria violência Monique relata:

> "Assim... com palavras... assim sabe... depois que eu engravidei a gente discutia bastante... assim...uma vez ele olhou pra mim e disse – esse menino não é filho meu não. Então eu disse se preocupe não porque quando ele nascer a gente faz um DNA. Depois que eu engravidei ele mudou... eu não sei se foi de acordo porque também ele já tava na vaidade, já tava no pé do mundo... porque antes não, antes a gente ia a festa, locava moto pra gente ir à festa, fazia planos... as vezes tava deitada mais ele na minha casa e a gente fazia planos... depois foi uma coisa assim de repente... eu mesma achei que foi de repente. Depois que ele me deixou ele vivia subindo e descendo com as outras, bebendo... nunca foi homem pra...da última vez eu liguei pra ele e perguntei Carlos[64]... você vai depositar o dinheiro pra mim comprar o enxoval do menino... e ele virou pra mim o enxoval do menino o dinheiro que eu depositar vai ser pra comprar o CITOTEC pra eu tomar... aí eu virei pra ele e apos pegue o seu dinheiro e pode fazer um bom proveito porque ele eu não quero não" (Monique).

Aos quatro meses de gestação Monique foi abandonada pelo pai do seu filho, e mesmo depois da separação continuou dizendo que financiava a compra do "CITOTEC" para realizar

[64] Nome fictício.

o aborto. Sem o apoio da família, do ex-companheiro e desempregada, Monique decidiu levar a gravidez adiante sem revelar para os familiares que estava grávida, pois além dos conflitos sentia vergonha e medo.

> "Sentia medo porque eu tenho um irmão que ele é muito chá de merda, muito embação, ele é muito ignorante, ele quer saber mais do que os outros, ainda hoje... tem mais de oito anos que a gente não se fala, tem mais de oito anos que a gente não se fala, ele mais eu, e uma... ele é quem bota moral lá em casa, ele é muito ignorante..." (Monique).

Dos casos observados, a partir da coleta de dados nos jornais e Internet, constatou-se que 73,5% são de abandono e que, na maior parte das vezes, está relacionado com a vergonha e o medo diante de uma moral materna tão exigida socialmente. A vergonha e o medo de não romper com essa moral levam muitas mulheres a esconder a gravidez e abandonar a/o filha/o, porém observamos que estas mulheres rompem esta moral por meio de uma ação desesperadora que é negativada socialmente, a do abandono, assim passando a serem vistas como desviantes.

Além da vergonha e do medo, outro elemento que aparece como influenciador na tomada da decisão da mãe é a sua realidade econômica. A ausência de uma estrutura financeira favorável não pode ser considerada um elemento determinante para o abandono, mas vale observar que a precariedade econômica cria no cotidiano uma situação opressiva e incertezas sobre a capacidade do cuidado (FONSECA, 1996; SCHEPER-HUGHES, 1997).

As dificuldades socioeconômicas vivenciadas pela maior parcela da população brasileira (a baixa qualificação da mão-de-obra, o analfabetismo, suscetibilidade a doenças, o desemprego) fragilizam os vínculos familiares e fazem com que alguns membros da família se vejam diante do desafio de enfrentar, sem nenhuma proteção social[65], carências materiais, afetivas e financeiras.

> "Eu errei, porque pelo o que eu fiz, pela minha atitude de não ter contado a minha família, mas assim muitas coisas que eu não contei pra minha família foi por eu não ter apoio no começo porque eu morava só. Morava sozinha quando eu tava grávida desse menino, então eu acho assim... que eles não mereciam saber não... tinha dias que eu tava dentro de casa eu dizia bem assim - eu vou tomar veneno – eu pensava em tomar veneno, mas quando eu via meu filho mexer não pensava isso não, aí ali eu começava a chorar e ia tomar cachaça, desabava pra rua pra tomar cachaça. Hoje não, hoje eu já penso diferente e uma também eu pensava eu não tava trabalhava,

[65] As ações de saúde e as ações de assistência social constituem uma série de ações estatais que devem promover as políticas de proteção social. A proteção social básica evita que a situação de vulnerabilidade se instale até chegar à fragilização e rompimento dos vínculos familiares. A proteção social especial (média e alta complexidade) é acionada quando há situação de direito violado e houve o rompimento dos vínculos familiares.

> não podia trabalhar, qual era a estrutura de vida que eu ia dar ao meu filho" (Monique).

A gravidez é um período que pode acarretar mudanças físicas, psicológicas e emocionais na mulher, onde os sentimentos e sensações experienciados irão variar de acordo com a realidade e relações sociais individual. Por não ter condições econômicas ideais para prover o sustento e o bem-estar dos seus filhos, Monique vivenciou uma gravidez marcada por dilemas e tensões. O fato de ter um filho que já era criado por sua mãe gerava em Monique um sentimento de culpa muito grande e a fazia, acima de tudo, manter o sigilo sobre sua nova gravidez por medo de ser julgada por sua família.

> "Não... não me sentia a vontade de jeito maneira. Uma porque uma... já tinha um nas costas de minha mãe, entendeu... eu não me sentia bem botar outro nas costas dela... e uma eu sou uma pessoa que gosto de pensar assim sabe... eu fiz eu mesma tenho que simplesmente arcar com minhas responsabilidades só não tem que botar família pelo meio não, meu negócio é eu mesma arcar com minhas responsabilidades, passando por trancos e barrancos, mas eu mesma tenho que responsabilizar. Mal... quando eu pensava assim sabe por eu já não ter estrutura de vida pra já dar a um imagina a outro que tava vindo, que tava chegando... era difícil, pra mim era difícil" (Monique).

Ao mesmo tempo em que sentia culpa por estar grávida, as sensações sentidas durante o período gestacional eram experienciadas como agradáveis e percebidas pela informante como fonte de felicidade, levando-nos a perceber que ao engravidar a mulher está exposta a vivenciar sentimentos contraditórios, marcados pela ambigüidade entre os sentimentos, sensações, os afetos e a realidade social em que vive.

> "Quando eu pensava no meu filho, quando ele se mexia eu me sentia muito bem... de acordo quando meu filho mexia, que eu via meu filho mexer... quando eu via meu filho mexer pronto ali... era a felicidade do mundo porque eu sabia que tinha uma grande felicidade dentro de mim...que era o quê... meu filho" (Monique).

No momento em que entrou em trabalho de parto, Monique não procurou a maternidade, sentia-se sozinha, desamparada e sem condições de criar o seu filho. Os dilemas em que estava vivendo e as relações de conflitos com familiares e ex-companheiro a fez tomar a decisão de ter o seu filho em segredo, tendo em vista que a gravidez era desconhecida dos familiares e vizinhos, dirigiu-se a caatinga e pariu sem a ajuda de ninguém. Monique teve o seu filho em pé e ao tentar pegar o menino, ele escorregou das suas mãos e caiu no chão, o que justifica os hematomas que tinha no corpo quando foi encontrado.

> "Na hora eu não sabia o que ia fazer então... eu digo 'home' sabe de uma... não tinha como... o 'caba' quando tá passando por dificuldade não sabe o que vai fazer não, no que eu tava passando não tinha outro apelo. Quando eu tive ele, eu tive ele em pé...

> num descuido ele caiu aí ele ficou com um hematoma assim... num descuido ele caiu...” (Monique).

Após o parto, a informante deixou a criança no mesmo local do nascimento e seguiu para uma maternidade de uma cidade vizinha, com poucas horas depois do parto enquanto estava em atendimento por ter tido um “aborto incompleto[66]”, Monique foi abordada pelos policiais e seguiu, sob suspeita de ter abandonado a criança, para sua cidade. Ao chegar foi examinada por um médico que comprovou que ela teria parido e não abortado. Após esta constatação, Monique confessou ter abandonado seu filho na caatinga e ficou custodiada pela polícia no hospital, onde permaneceu em observação médica.

Durante o internamento, Monique permaneceu no mesmo local onde o seu bebê estava sob cuidados médicos. A informante relata que o fato de saber que estava próxima do seu filho, outrora abandonado, a fez perceber o quanto tinha errado consigo e com a criança, tomando a decisão de pleitear a guarda do seu filho. Além de Monique, podemos observar que outras mulheres que praticaram o abandono mostraram-se arrependidas e também estavam pleiteando na justiça o direito de ficar com o seu bebê[67], levando-nos a perceber a existência de uma diversidade do sentimento materno.

> “Ave... os sentimentos de... eu dou o máximo possível de amor e carinho pra ele... eu faço de tripa coração por esse menino... esse aqui é o meu quendengo.... é meu tudo, minha vida é esse menino. Eu cheguei a dizer... eu cheguei a dizer ao Conselho Tutelar, a Ana[68] do Conselho... eu disse a ela que se ela chegasse a tirar o meu filho de mim... eu não sei... eu preferia que me desse um tiro no meio da testa... assim quando eu cheguei no hospital que aconteceu... teve o que teve aí eu fui pro hospital, quando eu cheguei lá... eles não deixaram eu ver, eu passei duas noites sem ver o menino, eu não vi o meu filho... elas não levavam... daí meu peito começou a encher, começou a doer... elas levaram o menino... aí levavam ele pra mamar e depois levavam ele de volta pro berçário, ele não dormia comigo. Ele chorava... passava a noite todinha chorando porque ele não dormia comigo e... eu era trancada 24h e uma policial no lado de fora... foi quando o Conselho chegou lá aí eu disse apos Ana se eu perder meu filho eu digo uma coisa a vocês... eu prefiro que vocês dêem um tiro no meio da minha testa menos perder meu filho porque as duas noites

---

[66] Ao dar entrada na maternidade Monique declarou ao médico que havia sofrido um aborto de um feto de dois meses de gestação.

[67] Para melhor ilustração acessar:
BELCHIOR, Luisa**.** Mãe de bebê abandonado em igreja no Leblon se apresenta à polícia**. Folha Online,** Rio de Janeiro, 23 out. 2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u459406.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009
MÃE abandona bebê em caixa de papelão na zona sul de São Paulo**. Folha Online,** São Paulo, 15 fev. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u118334.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009
POLÍCIA identifica mulher que abandonou bebê em Brasília. **Folha Online**, São Paulo, 29 mar. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u386998.shtml >. Acesso em: 6 mar. 2009.

[68] Nome fictício.

> que eu passei longe do meu filho eu não consegui dormir. Mesmo sem ver ele, eu já tinha amor, carinho eu não consegui dormir" (Monique).

Depois deste episódio, Monique foi autorizada a ficar no mesmo quarto com o seu filho. Os dois permaneceram no hospital por um período de quatro meses, já que a criança necessitava realizar uma tomografia, neste período recebeu a visita da Juíza encarregada do caso e após uma longa ouvida, no intento de apurar as razões da informante, e conversa com o pai da criança, a Juíza decidiu que Monique ficaria com o seu filho.

> "Se bateu a tomografia... aí depois a juíza foi conversar comigo lá no hospital, perguntar o que é que tinha acontecido... Ela viu, ela conversou comigo, ela procurou saber porque foi que aconteceu, aí eu contei a ela... ai eu disse – olhe porque... assim, assim, assim porque o pai dele foi um covarde. Aí ela disse, me dê o número dele, eu dei o número dele, ela ligou... conversou com ele... aí no mesmo dia ela me liberou... pode ir embora pra casa com o seu filho.. ave Maria quando ela disse isso... eu pensei que desde o primeiro momento quando disseram bem assim... que a Conselheira Tutelar disse que eu ia perder meu filho que... se for pra mim perder meu filho... eu prefiro mil vezes que Deus me tire dessa vida... porque na hora que eu tive ele eu tava desesperada, não sabia o que fazer... sozinha, eu tava sozinha, não tava tendo apoio de pai, de mãe, de família nenhuma, nem do próprio pai dele, porque quando uma mulher tá grávida ela tem que ter pelo menos o apoio do pai não é isso... e nem isso eu tive. Eu tava número um, sozinha. Aí no mesmo dia em que ela foi conversar comigo ela me liberou. Eu me senti a mulher mais feliz... quando ela olhou pra mim e disse – você vai pra casa com o seu filho... eu disse ave Maria... porque o primeiro momento foi de pensar assim sabe... que eu ia perder meu filho e eu não ia ver meu filho nunca. Sempre elas diziam você não vai ver seu filho não, você não vai ficar com o seu filho não sabe... mas hoje eu tô com ele, hoje eu tô com ele graças à Deus e eu jamais vou abandonar meu filho nem por homem, nem por nada nesse mundo... por nada... nada..." (Monique).

Com o relato de Monique podemos perceber os sentimentos antagônicos vivenciados por ela durante o ciclo gravídico-puerperal. A experiência da gravidez pode apresentar certa dualidade entre a subjetividade (sensações, afetos e emoções) e a realidade de uma mulher, fazendo com que a dor e o sofrimento possa se estabelecer porque sua experiência é diferente da que foi idealizada. Em um momento, Monique fala da alegria proporcionada pela sensação do filho mexendo na sua barriga e ao mesmo tempo tinha vergonha e medo de mostrar que estava grávida. Em outros, a exemplo do seu relato acima, afirma que prefere morrer a ficar sem o filho que ela abandonou ao nascer.

É interessante pensar a respeito dos sentimentos, afetos e sensações vivenciados por Monique porque esses elementos nos fazem refletir que a mulher ao torna-se mãe pode passar por momentos que tensionam o modelo afetivo/normativo de maternidade intensiva, fazendo-a sentir que "não" preenche inteiramente os contornos dados por este e vivenciar uma experiência ambígua.

4.1.2 Do infanticídio

No dia 01 de dezembro de 2007 foi noticiado mais um caso de infanticídio no estado de Pernambuco, o segundo caso veiculado pela impressa local neste mesmo ano. A notícia de que uma mãe mata sua/seu filha/o é compreendida pela maior parcela da população brasileira como algo insano, primitivo e bestial.

A história de Laura é marcada por uma violência física e simbólica. Aos 21 anos, primípara e com relacionamento estável, conforme os autos do Inquérito Policial[69], Laura acordou o pai da criança por volta das 23h informando que a casa havia sido roubada e a criança seqüestrada do berço onde dormia. Diante desta situação, o pai da criança pediu ajuda aos vizinhos e seguiu para solicitar ajuda policial. Os policiais chegaram a residência e verificaram que a casa não tinha sinais de arrombamento, apesar de ter alguns mantimentos da cozinha caídos no chão e com alimentos espalhados. Quando os policias militares chegaram ao local, Laura estava na casa de sua mãe, sendo consolada por seus familiares. Os policias se dirigiram para parte externa da casa e perceberam que a tampa da cisterna estava entreaberta, ao removê-la encontraram a criança no seu interior. A criança chegou a ser socorrida pelos mesmos, mas já estava sem vida quando chegou ao hospital.

Na noite da morte da criança, Laura e o seu companheiro foram inquiridos na delegacia. Laura contou em seu primeiro depoimento que dois homens entraram na sua residência, com o intuito praticar um delito, ao perceber a presença desses dois homens, Laura gritou por seu marido, que acordou assustado e logo foi informado por ela que os elementos haviam roubado a casa e seqüestrado a criança. Porém, na manhã seguinte ao incidente, Laura confessa em um novo depoimento que havia colocado sua filha recém-nascida de 11 dias dentro da cisterna da casa em que residia com o marido depois de um "surto psicótico". Após o ocorrido, foi até a cozinha onde revirou os mantimentos simulando um assalto. Diante deste novo depoimento em que confessou o que havia feito e da forma em que se sucederam os fatos, Laura foi autuada por homicídio Art. 121 §2º, incs. II e III do CPB c/c Art. 1º, Inc. I da lei n 8.072/90, presa e encaminhada para o presídio feminino.

O primeiro contato com a família de Laura foi feito em 31 de julho de 2009, neste dia pôde ser realizada uma entrevista com sua mãe, sendo aqui identificada por D. Joana. Durante nossa conversa D. Joana expôs que a filha ainda estava em regime carcerário e aguardava

[69] Inquérito policial Nº 118/07 (2007).

ansiosamente para revê-la. A fala de D. Joana é marcada por um acentuado rancor pelo ex-genro, ao falar da sua filha atribuiu a morte da neta ao ex-companheiro de Laura. Para D. Joana, Laura teria enlouquecido e o causador da sua loucura teria sido seu ex-genro e que ele é quem deveria estar preso.

> "Ela fez o que fez por causa dele... ficou louca minha filha, com o juízo mole" (D. Joana).

Ao descrever a filha, D. Joana fala de uma menina "carinhosa, atenciosa, calma, mas que sofria de nervoso". Atendendo ao pedido de falar um pouco mais sobre Laura, D. Joana relata que, na verdade, é a avó materna de Laura e que a cria desde quando tinha poucos meses de vida. A mãe biológica de Laura mora em uma cidade vizinha, o fato de ter tido muitas/os filhas/os e não ter condição de sustentá-los e ao perceber a insuficiência material da filha D. Joana decidiu ficar com Laura e criá-la. Também relata que Laura sempre foi uma menina muito "chorosa, calada e com o juízo mole" desde a infância, mas sempre muito carinhosa com todos os familiares e vizinhos.

Sobre a relação de Laura com seu ex-companheiro, D. Joana relata que a filha sofria bastante, pois seu companheiro era uma pessoa "muito ruim" para ela. Na sua concepção "ele não prestava" porque não proporcionava a Laura bem-estar e o sustento adequado, bebia muito e a xingava bastante.

Diante do exposto D. Joana foi sondada sobre a possibilidade de Laura sofrer violência doméstica por parte do companheiro, e informou que não acreditava em tal possibilidade, apesar do seu ex-genro ser uma pessoa muito ruim para Laura, ele não batia nela, embora já houvesse dado mordidas, beliscões e puxões de cabelo.

> "Ele era muito ruim pra ela... ruim, uma praga, mas ele não era ruim de bater não. Ele já mordeu, já deu beliscão... outro dia ela chegou com o braço roxo de um beliscão que ele tinha dado, já empurrou até quando ela tava grávida, xingava ela, mas ele nunca chegou a bater nela não" (D. Joana)

Esta assertiva de D. Joana sobre a não caracterização de violência é compartilhada por muitas mulheres que sofrem violência doméstica e sexista[70]. Uma grande parcela da população acredita que se caracteriza como violência a agressão física que deixa marcas

[70] De acordo com a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher adotada pela OEA em 1994, constitui violência contra a mulher qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado.

corporais na mulher. A violência contra a mulher[71] é compreendida como uma violação de direitos que manifesta as relações desiguais de poder entre homens e mulheres construídas historicamente. Este tipo de violência possui características específicas que indicam o perfil deste fenômeno, cuja maioria dos casos ocorre no espaço doméstico, tendo como principal agressor uma pessoa de seu convívio ou de sua relação afetiva (CASTILLO-MARTIN; OLIVEIRA, 2005).

A convivência conflituosa com o marido fez com que Laura pensasse em se separar, contudo, ela não levava o desejo adiante por não querer criar sua filha sem a presença do pai. D. Joana afirma que conversou diversas vezes com a filha para que ela consumasse a separação já que seu companheiro não a tratava bem, porém Laura não acatou os conselhos da mãe por imaginar que o seu companheiro iria mudar de comportamento e por sentir vergonha em ser mãe solteira.

Alguns meses depois da conversa que tive com D. Joana e de uma longa espera sobre um possível contato com Laura, por meio de uma autorização da Secretaria Executiva de Ressocialização de Pernambuco – SERES[72], porém sem sucesso, obtive informações por outra fonte de que Laura estaria em liberdade condicional. Diante desta informação, buscou-se estabelecer um diálogo com Laura sobre suas experiências. Nossa conversa foi bastante difícil, tensa e com a constante vigilância da sua mãe. As questões expostas para Laura se referiam ao seu relacionamento familiar e afetivo, também abordaram o atendimento médico, as representações da maternidade e amor materno[73].

Laura relata que o relacionamento com sua família sempre foi tranqüilo, marcado com muita atenção e carinho por D. Joana, o fato de não ter sido educada por sua mãe biológica não é entendido por Laura como um problema, já que ela não perdeu o vínculo com sua mãe biológica e a reconhece como mãe. Endossa que sua família nunca deixou faltar nada para seu bem-estar, ao contrário do seu ex-marido.

Ao falar do relacionamento com seu ex-companheiro, Laura expõe o sentimento de tristeza que sentia ao seu lado. A informante relata que engravidou inesperadamente quando estava com sete meses de namoro e diante deste fato passou a conviver maritalmente com o

[71] De acordo com a Lei Maria da Penha Nº 11.340 de 07 de agosto de 2006, a violência contra a mulher pode ser de ordem moral, psicológica, sexual, patrimonial, física, institucional.
[72] As informações sobre a situação jurídica de Laura não foram obtidas através da Secretaria Executiva de Ressocialização, após várias investidas na referida Secretaria não obtive nenhum sucesso.
[73] As questões sobre a representação de maternidade e amor materno serão tratadas no próximo tópico.

pai da sua filha. A confirmação da gravidez não deixou Laura feliz, fazendo-a não compreender o que estava acontecendo consigo.

> "Eu me senti estranha, mudei completamente... aí fui ficando calada... não tava nem aí pro que eu tava sentindo... fiquei chocada, fiquei estranha, fiquei diferente, me senti outra pessoa e... não sei... uma coisa estranha, pra explicar não sei como é que se explica..." (Laura).

Em seu relato, ela argumenta que planejava primeiramente casar para depois engravidar. Projetava casar virgem, construir uma família nuclear, porém a gravidez a fez vivenciar uma realidade diferente da idealizada de forma que a não realização desse projeto a fazia sentir que foi enganada pelo ex-companheiro. Quadros (2007) a partir de um estudo sobre jovens e concepções em duas cidades de Pernambuco, elucida que em alguns grupos sociais existe uma intensa expectativa em torno do casamento, da formação de famílias e da sexualidade. A autora expõe que uma gravidez inesperada pode causar efeitos graves da vida de uma moça, pois o ambiente em que vive pode "exigir" que a virgindade (supervalorizada) seja mantida até a realização do casamento.

O casamento religioso ou civil não se realizou, a convivência do casal se deu porque a família de Laura "obrigou" os dois a morarem juntos, o companheiro passou a ter um comportamento diferente do que ela esperava, bebia bastante e não lhe dava atenção. Laura também relata as agressões sofridas pelo marido e assim como D. Joana não percebe que era vítima de violência.

> "Ele era tudo de ruim, tudo de ruim era... ruim assim... bater em mim ele nunca bateu não, eu não vou mentir... agora ele era muito bruto, muito ignorante, não me tratava bem, era muito chato, muito abusado, dizia coisa comigo... me xingava, coisas horríveis" (Laura).

Seu relacionamento conjugal estava muito ruim, questionava-se inclusive sobre uma possível separação, sobretudo por que o companheiro não era carinhoso, atencioso, cuidadoso, mas agressivo. Sentia o desejo em separar-se e não o levava adiante porque não queria ser mãe solteira, mesmo sabendo que se viesse a tomar alguma decisão a respeito da separação teria o apoio da sua família.

> "Uma que ele me enganou, ele não quis casar comigo outra que ele era muito bruto não de me bater, mas em outra ocasião ele era muito bruto, não me dava atenção muita atenção... sei lá... acreditei que ele me enganou"(Laura).

O que observamos no caso de Laura são situações de conflito entre o esperado e o vivido, com reflexos no desempenho do papel materno. Entendemos que Laura se submeteu as regras sociais a um alto desgaste emocional, a impossibilidade de corresponder a altos ideais ligados ao casamento e à maternidade acabou por suscitar em Laura sentimentos de desapontamento, de vergonha, de desilusão e de fracasso. Segundo relatos da informante, a gravidez indesejada e o comportamento do marido a fizeram ficar nervosa, cansada, irritada e ansiosa, levando-a a uma grande decepção e à depressão.

A experiência da maternidade é, muitas vezes, idealizada como um momento único e exclusivo. Comumente vemos ser exaltados apenas os aspectos e sentimentos positivos proporcionados durante este período, a existência de sentimentos, afetos e sensações negativas podem gerar nas mulheres conflitos psicológicos entre o ideal e sua experiência. Os sentimentos que surgem durante a gravidez são importantes para a construção do vínculo mãe-filha/o e são elementos fundantes do processo de representação naturalizante da maternagem. As emoções vivenciadas durante a gravidez e puerpério são vistas como partes constituintes da maternidade e são essenciais para que possamos compreender como se constrói o *self materno* e como as mulheres significam a maternidade como parte da identidade feminina (CHODOROW, 2002).

A experiência de Laura é vivenciada com sentimentos e afetos negativos que estavam relacionados ao vínculo com o marido. Quando ela projetava como seria a convivência com o marido e a filha, relata que sentia uma tristeza profunda, chorava bastante e percebia que seria melhor viver apenas com a criança. Os dilemas são vivenciados porque, em sua maioria, as mulheres não percebem uma abertura para falar sobre os sentimentos negativos que podem surgir durante a gravidez[74], Laura percebia que não tinha espaço para falar sobre seus dilemas emocionais[75].

> "Não conversava com ninguém não, guardei isso sempre comigo, mas não conseguia falar com ninguém porque eu acho que ninguém iria entender o meu caso, ninguém ia entender... não tinha ninguém... na minha cabeça eu achava que ninguém ia entender eu... aí eu fiquei calada" (Laura).

[74] Algumas mulheres conseguem expressar os sentimentos negativos mais abertamente. Temos visto um crescimento considerável de mulheres que expõe com mais rigor os sentimentos e aspectos negativos vivenciados na maternidade em sites, *blogs*, livros. Ver Sá (2007).

[75] A falta de espaço para falar sobre os sentimentos negativos também foram observados em pesquisa desenvolvida anteriormente "Sobre as experiências da maternidade, seus afetos e sensações em camadas médias e classes populares em Recife".

Acreditava que a obstetra era a única pessoa que poderia ter conversado sobre as mudanças emocionais que estava passando, porém não encontrava espaço para falar sobre seus sentimentos por causa da forma como a consulta era conduzida.

> "Ela não puxava esses assuntos pra conversar comigo, ela não perguntava o que eu sentia, como é que eu tava pra desabafar com ela. Porque eu acho que ela era a pessoa única pra mim ter conversado isso não era? Ela não perguntava nada só me passava remédio. A consulta era assim, eu chegava lá ela perguntava o que eu sentia, colocava um negócio na minha barriga pra sentir... dava os remédios e pronto... era uns comprimidos que eu tomava. Eu tomei bastante coisa que ela passava, mas ela... nunca cheguei a conversar com ela sobre quando eu tava grávida não, só o que eu sentia de dor, de enjoação, aí ela passava os remédios" (Laura).

A exemplo da situação de Laura, percebemos que a condução do atendimento prestado pelos profissionais da área da saúde à mulher durante o período da gestação e puerpério podem influenciar, sobremaneira para que os dilemas, os sentimentos conflituosos vivenciados por ela durante a gravidez e puerpério não sejam identificados em sua potencialidade como elementos desencadeadores de uma situação que venha comprometer suas relações sociais. A ideologia que cerca a maternidade é fortemente corroborada através do discurso médico e institucionalizadas pelo Estado, fazendo com que alguns fatos da experiência da maternidade apareçam sob um discurso naturalizador das emoções e das práticas corporais.

> "Nos serviços de saúde, a grande ênfase é sobre a saúde reprodutiva. São as "mãezinhas" principal alvo da atenção. [...] os profissionais freqüentemente referem-se às grávidas e puérperas atendidas como "minhas mãezinhas", o que indica um envolvimento muito especial com essas usuárias e, ao mesmo tempo, uma perigosa redução dessas mulheres a uma função única. Ser mãe não é a única identidade delas e não perceber isso pode levar a problemas graves, como erros de diagnóstico e violação de direitos" (TAVARES; SCHRAIBER; PORTELLA; SCOTT, 2004: 24).

Durante a coleta de dados nas Secretarias Municipais de Saúde e com os profissionais de saúde, pudemos observar que as mulheres gestantes que fazem o pré-natal com regularidade não têm suporte do atendimento psicológico porque o serviço municipal não dispõe deste tipo de atendimento no local. Vemos que apesar da implementação do Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher – PAISM , a saúde da mulher continua voltada prioritariamente para a reprodução, o que contradiz a idéia de integralidade.

Percebemos que a rede de apoio que Laura poderia acionar, já que não se sentia à vontade de procurar familiares ou amigas, foi insuficiente para lhe ajudar a lidar com os dilemas emocionais vivenciados por ela. A ausência de informações importantes para a

gestante sobre as mudanças, físicas e psicológicas que ela pode sofrer e está suscetível durante o período da gravidez e puerpério, como também um trabalho com a família, principalmente o companheiro, sobre estas mudanças e a importância da sua participação podem contribuir para o agravamento de uma experiência conflituosa.

> "Eu acho assim... eu acho que eu deveria ficar com ele porque eu tava grávida né... não fui eu sozinha foi ele também, então os dois tem que construir não eu só... então assim... e por outra parte eu queria sair e me desfazer dele porque com ele não dava. Quando eu tava sozinha eu ficava feliz e quando eu chegava perto dele eu já sentia tristeza... só queria me desfazer dele" (Laura).

Por não saber administrar as contradições vivenciadas e não conseguir se separar do seu companheiro, acreditando que deveria permanecer com o casamento por causa da filha, entendida aqui como o símbolo da união do casal, Laura mata sua filha, pois a criança era o elo entre Laura e o companheiro. Percebemos que o discurso de Laura é marcado por contradições entre o idealizado e o vivido. Ao mesmo tempo em que sente necessidade de conversar com alguém sobre seus sentimentos, a informante acredita que ninguém da sua rede de apoio irá compreendê-la e por receio de ser sancionada não desabafa com ninguém. Ela acredita que poderia ter conversado sobre os seus sentimentos e dilemas com sua obstetra, mas também não se sentiu a vontade para estabelecer este tipo de diálogo por causa da maneira que a consulta médica era conduzida.

Ela fala do desejo de ter a filha e de como se sentia feliz com a sensação da filha mexendo dentro da sua barriga, porém o fato de ter que permanecer casada por causa da filha lhe despertava angustia e tristeza. Laura mostrou uma carta que escreveu (enquanto estava na unidade penitenciária) em maio de 2009 para sua mãe, falava da filha com carinho e que gostaria de ter dado o mesmo carinho que teve de D. Joana para ela. Na carta ela, descreve que reza todos os dias pedindo a Deus que olhe a criança por ela, acreditando que ela está no céu junto a outros anjinhos.

> "Eu ficava feliz, eu ficava alegre, eu ficava no momento de ver e pegar, ficava ansiosa... a presença dela crescer e eu ter entendeu... mas com ele não dava" (Laura).

Laura não conseguia se separar do marido porque não tinha "motivos" justificáveis para sua ação, como iria explicar para sua família a separação com o companheiro logo após o nascimento da filha? Neste sentido, a criança foi o instrumento para romper definitivamente com seu casamento e manter o seu companheiro distante, já que o fato da sua morte poderia causar-lhe raiva e sofrimento. Para compreender as contradições, dilemas e tensões

vivenciadas por Monique e Laura é preciso identificar os significados da maternidade acionados por elas relacionando-os com as práticas de abandono e infanticídio.

4.1.3 Regras e práticas, a ordem moral e o vivido – uma análise das experiências e sentimentos de Monique e Laura

Nos relatos de Monique e Laura podemos observar os dois níveis de análise propostos por Sahlins, o nível da *estrutura prescritiva* e o nível da *estrutura performativa*. O nível da *estrutura prescritiva* (regras) corresponde ao ideal de maternidade, formado por valores tidos como inalienáveis. Enquanto que o nível da *estrutura performativa* (práticas) corresponde às estratégias e aos significados vividos pelas mulheres.

A partir da coleta e análise dos dados verificamos que existe um imperativo moral sobre a maternidade, como se a maternidade possuísse uma regra quase que absoluta que funciona como um valor. Esta regra enuncia a obrigatoriedade de ser uma boa mãe e quais os requisitos que as informantes acham necessários para serem mães, por exemplo, casar, ter boa relação com o marido, ter uma/um filha/o que tenha pai (não ser mãe solteira), negando no plano do discurso e da opinião a possibilidade de comportamentos e experiências contrárias as que são ditas. Isso acontece porque a supervalorização da maternidade desvaloriza outros componentes do ser mulher, o reconhecimento do ser mulher se dá por meio de ser mãe, o que é bem aceito quando o ser mãe está acompanhado do ser casada ou ter um companheiro.

Entretanto, os dados coletados sugerem, cada vez mais, a recorrência de comportamentos maternos destoantes do desejado. A mulher quando vivencia uma gravidez em "segredo", como foi o caso de Monique, vemos que a idéia de assumir socialmente a gravidez pode ter a significação de delito ou pecado e pode levar à prática do abandono. Nesse sentido, a prática do abandono aparece como uma estratégia para velar a gravidez biológica. Esta noção também aparece quando fala: "*eu fiz, eu mesma, tenho que simplesmente arcar com minhas responsabilidades*". A idéia de assumir a criança nos remete ao jogo de papéis e projetos familiares incutidos na representação da maternidade em que a mulher define sua identidade com a maternidade. Neste caso, o abandono e o infanticídio indicam o não tornar público, o não adotar uma construção de maternidade que foi desejada e idealizada por se perceberem como impossibilitadas a atingir este modelo.

Vemos que há uma dinâmica entre a regra (valores) e as estratégias (práticas). No primeiro nível da análise, a regra moral do assumir imprime uma noção de ontologia substancialistas que reconhece a criança como pessoa desde a concepção, porém o que percebemos no cotidiano são práticas que revelam que enquanto a gravidez não for assumida socialmente não há criança, pois não se dá importância as mudanças corporais da mulher[76]. Para que a mulher assuma a gravidez biológica, tornando-a social é necessário um conjunto de elementos tais como o pai da criança assumir, a família da mulher compartilhar o assumir, condições materiais, uma unidade doméstica estabelecida, etc. O desequilíbrio entre esses elementos pode acarretar a rejeição, a exemplo o caso de Monique, o que nos faz perceber que a idéia de assumir é relacional.

> "o meu caso porque eu não tava tendo o apoio de mãe, mesmo no tempo que eu tava grávida dele eu não tava tendo amor de pai, nem de mãe, nem de irmão e nem do pai do meu filho, eu tava tendo só amor a si mesma. Tinha dia que eu chegava a entrar em desespero... ia pro bar e cachaça... e é assim no meu pensamento cachaça ia trazer algum... alguma coisa pra mim, só que não trazia, não trazia nenhum futuro pra mim... acabou acontecendo o que aconteceu, né..." (Monique).

O imperativo moral da maternidade designa que a mulher sempre tem que assumir a criança, entretanto, em alguns momentos os valores individuais podem se sobrepor a esta "obrigação", caracterizando o segundo nível da análise: a estratégia. Desta forma, as duas mulheres entrevistadas e outras envolvidas nos casos divulgados[77], não encontraram nenhum respaldo na sua rede de apoio (condições morais e econômicas), irá utilizar a prática do abandono ou infanticídio como meio de não assumir a maternidade.

Outra forma de estratégia é conceber o abandono e o infanticídio como forma de romper com os vínculos afetivos. Após o nascimento do bebê as mulheres, em sua maioria, estão expostas a experimentarem sentimentos contraditórios à imagem ideal materna, as mudanças nas relações interpessoais podem acarretar conflitos na identidade feminina devido às expectativas quanto ao papel social de mãe e mulher. O conflito entre o idealizado e o vivido pode acarretar sofrimentos profundos na mulher, podendo deixa-la exposta a desenvolver um comportamento depressivo, por exemplo, o caso de Laura.

---

[76] Pedro (2003) explicita que o corpo feminino é percebido como produtor de diversas coisas, não necessariamente um bebê, pois o útero pode produzir: bolas brancas, molas, bolas de sangue. Sendo possível inferir um tipo de representação de corpo que não permite o reconhecimento de práticas de aborto ou infanticídio.

[77] A ausência de uma rede de apoio estabelecida para compartilhar a chegada da criança também pode ser observada na fala de uma mãe ao ser indagada pelos motivos que a levaram a abandonar sua filha, no seguinte endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=PcbDWB7smKo&feature=geosearch>

Laura não desejava mais manter o seu casamento, ao mesmo tempo em que pensava em se separar do marido, tinha vergonha de criar a filha sozinha, sem a presença do pai. A dificuldade, exposta por Monique e Laura, em enfrentar sentimentos complexos e tomar decisões que "romperiam" com a ordem moral fez com que as informantes encontrassem como única alternativa a prática de abandono ou infanticídio.

As análises realizadas apontam que a não "efetivação" do modelo afetivo/normativo da maternidade intensiva gerou contradições, conflitos e dilemas nas experiências destas duas mulheres. Este modelo pode ser evocado por nossa sociedade e reforçado diante da prática de abandono e infanticídio através do discurso normatizador e naturalizante das representações da maternidade.

4.2 A busca pela perfeição: manipulação do *self* materno – representações e significados da maternidade nos casos de abandono e infanticídio em Pernambuco

Durante a análise dos dados observamos que as mulheres ainda são vistas e se percebem como as principais responsáveis pelos cuidados com as crianças, levando-nos a refletir como as mesmas são habituadas a maternagem. Neste sentido, o conceito de "*habitus*" empregado por Bourdieu, é compreendido como a matiz que direciona as experiências e os significados que as mulheres concebem a maternidade, de modo que possamos entender as representações de maternidade para Laura e Monique, como resultante do diálogo da estrutura com o "*habitus*".

A representação de algo está intimamente relacionada à forma de experienciação e de atuação do mundo social. A sociologia contemporânea vem dedicando um espaço substancial no que diz respeito às questões de representação social. Não cabe a esta pesquisa reconstruir a história das idéias para a formação desse campo, assim acredito que seja possível estabelecer como ponto de partida o instrumental conceitual fomentado por Bourdieu. Através do conceito de "*habitus*" poderemos investigar a participação subjetiva das mulheres entrevistadas envolvidas em práticas de abandono e infanticídio dentro do processo de estabelecimento e reprodução das representações sociais. Com isso será possível entender a complexa ligação entre as representações da maternidade e a estrutura social.

Neste sentido, o processo de socialização é apontado como o *locus* de assimilação de componentes advindos da estrutura social, que, por sua vez, interferem na formação das representações sociais, culminando na construção das identidades. A representação da maternidade está intrinsecamente atrelada às construções sócio-culturais do que é ser menino e do que é ser menina. Desde a infância as meninas são treinadas para exercer o papel de boa mãe, definindo com perspicácia a ideologia de que a mulher tem que possuir a capacidade do sacrifício, da renúncia, ser amável, doce, compreensiva, equilibrada, acolhedora, dedicada, etc. Idealiza-se um modelo de maternidade intensiva onde qualquer comportamento e sentimento ambivalente são compreendidos como desviantes.

De um modo geral, as crenças que se impõem sobre a maternidade são anunciadas como naturais, e por serem concebidas dessa forma, elas parecem ser inalienáveis. Entretanto, a maternidade é uma construção social que pode ser compreendida como símbolo de uma identidade feminina, como símbolo de opressão das mulheres, como símbolo construído histórico, cultural e politicamente das relações de poder e dominação (BADINTER, 1985; COSTA, 1999; CHODOROW, 2002; DEL PRIORE, 1995; SCAVONE, 2001; SCHEPER-HUGHES, 1997; STEVENS, 2007).

Com o intuito de identificar as representações de maternidade acionadas pelas mulheres envolvidas nas práticas de abandono e infanticídio e compreender como elas significam a maternidade será necessário ter como norte suas experiências. As questões colocadas para as mulheres também abordaram noções sobre maternidade e amor materno.

Durante a realização das entrevistas com as informantes Laura[78] e Monique pudemos perceber que a maneira que elas representam a maternidade está intimamente relacionada às experiências negativas que tiveram durante a gravidez. Desta forma, lançamos mão das categorias "mãe ideal" e "boa mãe" para compreender o nível da projeção da representação da maternidade na subjetividade das duas.

Para Laura uma mãe ideal é aquela que consegue se relacionar com um homem bom, que tenha condições financeiras de mantê-la, que venha a efetivar judicialmente ou religiosamente uma relação conjugal que possibilite uma gravidez planejada com o intuito de ter o bebê com tranqüilidade e serem felizes.

[78] As questões sobre amor materno não foram aprofundadas com Laura porque nossa entrevista foi interrompida por sua mãe sob a alegação de que a filha não estava se sentindo bem.

O que se observa é uma imagem romanceada, onde se projeta um modelo de família nuclear que implica numa hierarquização entre os gêneros, mesmo assim, a maternidade intensiva também pode estar relacionada a casais mais igualitários. Apesar das transformações nas relações conjugais, conseqüência das conquistas femininas, Laura ainda vive sob o espectro de valores patriarcais e introjeta o modelo da "mãe ideal[79]". Neste sentido, a "boa mãe" para Laura corresponde à mãe dedicada, carinhosa, atenciosa, abnegada, bondosa, está próxima do modelo afetivo/normativo de maternidade intensiva.

> "Uma boa mãe pra mim é tudo de bom.... ser boa, dar carinho, atenção... a começar por criança, por recém-nascida né..." (Laura).

As representações de Laura sobre "mãe ideal" e "boa mãe" nos levam a acreditar que as pressões culturais exercidas sobre a maternidade se agregaram ao seu desejo e, subseqüente, desapontamento em não constituir uma família nuclear, habitualmente exposta em filmes, brincadeiras de criança, livros, doutrinas religiosas, propagandas, campanhas do Estado, etc. Este desapontamento em não conciliar amor e felicidade fez Laura se sentir culpada, suscitando conflitos que a deixaram exposta a um comportamento psicótico. Para esta informante o amor compartilhado entre um casal é o amor que dever ser transmitido ao bebê, assim a criança pode ser percebida como uma extensão dos cônjuges.

Assim como Laura, Monique representa a "boa mãe" dentro do modelo afetivo/normativo de maternidade intensiva. Para ela, a "boa mãe" é a mãe participativa, companheira, dedicada, carinhosa e acima de tudo que sabe dar amor. Na sua concepção a mulher que foge desta regra, que não demonstra carinho e amor pela/o filha/o não é uma "boa mãe".

Em relação à categoria "mãe ideal", Monique acredita que não existe um modelo de "mãe ideal", ela significa que a mulher ao parir ela torna-se mãe. Sua percepção sobre mãe está atrelada a pré-disposição biológica da mulher em gerar filhas/os, assim a maternidade é vista como um fenômeno instintivo e não culturalmente mediado.

Dentro desta perspectiva Monique percebe o amor materno como um sentimento incondicional, onde a mãe tem que superar todas as dificuldades, enfrentar todo tipo de problema em prol das/os filhas/os. Observemos sua descrição do amor materno.

> "Quando ela simplesmente faz de tripa coração, no caso ela faz de um tudo pelo filho... mesmo que... vai trabalhar pra sustentar, muitas... muitas mães, muitas

[79] Caracterizada pela maternidade intensiva.

> mães... eu conheço... tenho colegas prostitutas... elas vendem o corpo pra simplesmente dar o padrão de vida a seus filhos, eu conheço... colegas minhas eu não tenho vergonha de dizer isso, mas porque elas querem dar um padrão de vida melhor, muitas mães elas se vendem para dar um padrão de vida porque elas não tem outra coisa pra elas fazerem, elas vendem o corpo porque mãe, mãe... a mãe mesmo verdadeira ela não vai fazer isso não, ela faz qualquer coisa menos isso, mas como não tem outra estrutura de vida, outra coisa pra fazer elas vendem o corpo pra dar um padrão de vida aos seus filhos."
>
> (Monique)

Ao descrever sua percepção sobre o amor materno, a partir da história de algumas colegas, Monique, projeta as dificuldades financeiras vividas quando estava grávida do seu filho. Ela evidencia a importância de uma estrutura financeira como elemento que contribui para proporcionar o cuidado (que pode ser entendido como sinônimo de amor)[80], mesmo que para obter essa estrutura financeira se rompa com a estrutura moral. Vale ressaltar que um dos principais problemas apontados por Monique para abandonar o filho foi a inexistência de um recurso financeiro para prover o bem-estar do filho que estava para nascer.

Diante do exposto, entendemos que apesar de terem praticado ações "contraditórias" ao comportamento materno, tanto Laura quanto Monique acreditam na maternidade intensiva, construída ao longo da história. Os dilemas, tensões e conflitos vivenciados por ambas durante o período da gravidez ao invés de romper com o modelo afetivo/normativo de maternidade intensiva, o reforçam.

Durante as observações de campo, enquanto coletava dados nos meios de comunicação, principalmente na Internet, percebi que cada notícia sobre abandono, infanticídio ou qualquer outro tipo de violência praticada contra a criança, era acompanhada por manuais e/ou guias[81] de maternidade. São manuais/guias de como cuidar do bebê, enfrentar uma gravidez com naturalidade, educar os filhos, de como ser uma boa mãe e uma grávida feliz. Verificamos alguns destes manuais/guias na Figura 3:

[80] O Estado já lançou uma campanha com o *slogan* "Quem ama, cuida".
[81] Ver a divulgação com descrição desses manuais/guias no Anexo VII.

Figura 3 - Manuais e guias sobre maternidade

Fonte: Reportagens da Folha de São Paulo

A sociedade urbana contemporânea diante do fato de abandono e infanticídio evoca uma noção de maternidade que é evidenciada pela diversidade destes manuais/guias, livros, revistas de auto-ajuda sobre maternidade. Levando em consideração a notícia como um produto cultural de expressivo consumo nas sociedades contemporâneas, as representações da maternidade propagadas nestes guias/manuais, nos meios de comunicação em geral, são assimiladas como padrões comportamentais a serem seguidos como corretos. A antropologia vem buscando estabelecer um espaço de diálogo com outros saberes, o diálogo com os estudos culturais nos permite captar a lógica do processo comunicacional contemporâneo.

A divulgação de casos de abandono ou de infanticídio em determinadas regiões passam pelas políticas editoriais de cada jornal, nos quais na maioria das vezes, as imagens e os recortes para as representações dos fatos permitem aos que dispõe dos meios de comunicação um papel de testemunha ocular. A narrativa utilizada pelos meios de comunicação, muitas vezes, pode aumentar os fatos além do acontecido ou não explicitar os componentes presentes no fato (HALL, 2003).

Os meios de comunicação atribuem sentidos e testemunham os fatos para outras pessoas que, por sua vez, também produzem sentidos. O discurso e as imagens geradas pela mídia se tornam fontes de significados culturais e acabam sustentando visões de mundo e práticas sociais. Na atualidade, a ocorrência de casos de abandono e infanticídio, não levam as mulheres a questionarem o que fazem, pensam, sentem, suas experiências, os valores que se impõem para a maternidade. A reflexão acerca destas questões daria possibilidade de

flexibilizar o ideal de maternidade cultuado socialmente. Por isso, tornou-se importante trazer neste trabalho a voz das mulheres que são referenciadas nos casos de abandono e infanticídio para demonstrar que suas representações e significados da maternidade “corrompem” a idéia de mães demonizadas. Compreende-se nesta pesquisa que elas cometeram crimes, mas é possível, por meio das suas trajetórias, refletir sobre as profundas interligações que podem ser evidenciadas entre maternidade, abandono e infanticídio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O abandono de recém-nascido e o infanticídio são práticas que perpassam o tempo e as sociedades, entretanto, durante a construção deste trabalho pudemos observar a escassez de pesquisas e dados sobre as mesmas. A ausência de dados oficiais foi entendida como reflexo de uma dificuldade da nossa sociedade em lidar com práticas que fragilizam o modelo afetivo/normativo de maternidade intensiva e põe em xeque seus valores.

Ao observar os casos de abandono e infanticídio divulgados na mídia nacional durante os anos de 2006 e 2008, tornou-se evidente que estes casos envolvem múltiplas dimensões de análise e ainda precisam receber visibilidade, pois apesar de serem fenômenos antigos, ainda permanecem "velados". Sua incidência nos remete a discussão dos dogmas e instinto do amor materno, aliás, nos permite ir mais além.

Estas práticas envolvem uma série de questões que perpassam a exclusão, a ausência de um planejamento familiar de qualidade, conflitos familiares, fatores socioeconômicos, etc. Questões que marcam a história de vida das mulheres envolvidas em práticas de abandono e infanticídio e que, na maioria das vezes, não são visibilizadas por aqueles que enunciam os fatos nos meios de comunicação, que relatam os casos ocorridos de forma estereotipada (relacionam estes casos à pobreza, "desestrutura" familiar).

A partir das reportagens sobre abandono e infanticídio caracterizamos os casos em tela e as mães envolvidas. As observações apontaram características comuns entre os casos (local do abandono, conflitos familiares e conjugais, dificuldades econômicas, etc.), ao contrário do que o senso comum imagina não são práticas relacionadas apenas às adolescentes, a maioria das mulheres são jovens e adultas, com idade entre 20 e 46 anos e de classes populares. Também foram divulgados casos em que adolescentes estão envolvidas, mas em quantidade relativamente menor.

Ao traçar o perfil dos casos de abandono e infanticídio no Brasil, pudemos dialogar com a literatura existente sobre as concepções de abandono ("entrega", "circulação de criança", "negligência seletiva") e assim, identificar o tipo de abandono referenciado neste trabalho. Os casos analisados se diferenciam das noções apresentadas por Fonseca (1996), Scheper-Hughes (1997) e Motta (2001) e se distinguem destes trabalhos pelo modo que a criança foi abandonada por sua genitora. Os bebês recém-nascidos foram abandonados em lugares de difícil acesso, ermos, matas fechadas, lagoas, rios, normalmente envoltos de sacos

plásticos, jogados em lixeira, lixões, embaixo de carros, dentro de fossas, etc. Por isso, foram classificados de "abandono absoluto".

A caracterização dos casos evidenciou a interpretação dos Operadores do Direito sobre eles. A ressignificação de 'Exposição ou abandono de recém-nascido' (Artigo 134 do Código Penal Brasileiro) para 'Abandono de incapaz" (Artigo 133), e do 'Infanticídio' (Artigo 123) para'Homicídio qualificado/tentativa de homicídio' (Artigo 121), resultam numa ação punitiva maior para as mulheres que desviam ou infringem as normas.

Esta observação não tem o intuito de polemizar as atribuições da jurisprudência, não queremos colocar as mulheres em posição de vítimas, mas estamos chamando atenção para a "negação" de um direito adquirido. Para ser enquadrada no Art. 134 ou no Art. 123, a mulher que por alguma eventualidade abandonar ou matar a/o filha/o tem o direito de realizar um exame de sanidade mental, porém apenas em dois casos (acompanhados pela Internet) observamos esta solicitação.

Na concepção ocidental, o abandono e o infanticídio assumem o significado de barbárie, crueldade, perversão e loucura. Estas atribuições têm suas origens nos ideais e leis que regem nossa sociedade, todos eles guardam relação direta ou indiretamente com os significados que são atribuídos à maternidade (abnegação, dedicação, carinho, atenção, cuidado, paciência, sacrifício, etc.) e a mãe que age contrariamente a estes significados assume uma imagem bestial.

Por serem contrárias ao ideal de maternidade, estas práticas são vistas como crimes que devem ser entendidos de outra forma: como principal sintoma ou resultado agravado de perturbações mentais acarretadas pela depressão e puerpério. Entretanto, classificar como perturbação mental é insuficiente e evidencia as dificuldades da nossa sociedade em lidar, em um primeiro momento, com situações que fogem do modelo afetivo/normativo de maternidade intensiva.

Ao considerarmos as práticas do abandono e do infanticídio como manifestações exclusivas de ordem psicológica, excluímos os motivos de ordem racional, econômica, gravidez indesejada, os conflitos familiares, etc. Também não há como negar que as mulheres passam por transformações físicas e psicológicas no ciclo gravídico-puerperal e que os acontecimentos socioculturais podem influenciar o processo que gera o abandono e o infanticídio, tornando importante investigar a fundo as razões que levam aos crimes, levando em conta mecanismos biológicos e socioculturais.

Diante da possibilidade de refletir sobre as interligações que podem ser evidenciadas entre maternidade, abandono e infanticídio, focalizamos a realização da pesquisa empírica no Estado de Pernambuco. Assim, apontamos os significados da maternidade para as mães envolvidas e para a rede pública de atendimento (Secretaria de Saúde, Secretaria de Assistência Social, Delegacia e Ministério Público).

Apesar de evidenciadas, no discurso de alguns agentes públicos, as possíveis "motivações" (de ordem psicológica, estrutural, financeira) que levaram as mães a praticarem o abandono ou o infanticídio, vimos que o modelo afetivo/normativo da maternidade intensiva foi evocado em vários momentos por estes profissionais. Percebemos nas experiências das duas mulheres entrevistadas conflitos, dilemas e contradições, que podem ser entendidos como resultantes da "ineficiência" em atingir os requisitos prescritos socialmente para serem mães.

As pressões culturais sob as quais as mulheres constantemente estão expostas para o exercício da maternidade, associadas ao sentimento de incapacidade em adequar-se a um modelo que não consegue ser seguido em sua totalidade por causa da própria dinâmica que a estrutura social lhes impõe, levam Monique e Laura a serem porta vozes de sentimentos complexos e contraditórios.

As trajetórias das entrevistadas refletem nas suas subjetividades o efeito da não realização do modelo de maternidade intensiva, marcando suas histórias por conflitos e dilemas. As experiências relatadas demonstram os "itinerários" percorridos por Laura e Monique na tentativa de "resolver" seus problemas, contudo, ao contrário do que vemos nos itinerários terapêuticos, a busca por uma solução é solitária, silenciada, invisível, tendo em vista que elas não expuseram para ninguém os sentimentos e as tensões que estavam vivenciando com receio de serem incompreendidas e sancionadas moralmente.

No relato de Monique pudemos perceber os sentimentos antagônicos que uma mulher pode vivenciar durante a gravidez. Esta fase pode ser experienciada com certa ambigüidade entre a subjetividade (sensações, afetos e emoções) e a realidade vivida, dessa forma a dor e o sofrimento podem estar presentes porque sua experiência pode ser marcada por conflitos familiares, a ausência do companheiro para dividir a chegada de uma criança, desemprego e a falta de uma estrutura econômica que possibilite bem-estar para o bebê e realizações pessoais.

Vimos na fala desta informante, a alegria que a sensação do filho mexendo na barriga lhe proporcionava, acompanhada da vergonha e do medo em falar que estava grávida para seus familiares. Esta contradição é interessante porque nos faz perceber que a mulher ao

torna-se mãe está exposta a passar por momentos que tensionam o modelo afetivo/normativo de maternidade intensiva, porém é preciso ter a compreensão de que as mulheres podem vivenciar sentimentos contraditórios e que precisam de suporte e orientações para encarar esta experiência com mais leveza, sem sentir-se culpadas porque "não" preenchem inteiramente os contornos dados por este.

A falta de orientações de como lidar com os sentimentos contraditórios, foram observadas no relato de Laura. Esta informante por não saber administrar as contradições entre o idealizado e o vivido (o desejo de ter sua filha e permanecer casada *versus* o desejo de se separar do marido) acreditava que sua rede familiar também não compreenderia o que ela estava sentindo e por receio de ser sancionada evitava conversar sobre seus sentimentos (contraditórios ao que se esperam quando se está casada e esperando um bebê). A visão romanceada acerca da família nuclear como fonte de satisfação pessoal e felicidade é fortemente presente na nossa sociedade, apesar de, cada vez mais, vermos o crescimento de outros arranjos familiares, principalmente de mulheres chefe de família.

Laura não conseguiu se separar do marido porque não tinha "motivos" aparentes e justificáveis para sua decisão. Tendo a compreensão de que o nascimento de uma criança pode simbolizar a união e felicidade de um casal, como ela iria explicar para a família (que "obrigou" o seu casamento) que não queria permanecer casada logo após o nascimento da filha? A criança foi o instrumento encontrado por Laura para romper com seu casamento e manter o companheiro, definitivamente distante, já que o fato da morte da filha poderia causar-lhe raiva e sofrimento.

Diante das práticas de abandono e infanticídio conhecidas é necessário voltar o olhar para as "motivações" que contribuem para essas ações. E só através do conhecimento e aprofundamento dessas questões, bem como as implicações decorrentes dela, no que se refere às subjetividades que permeiam essas "práticas", que será possível pensar políticas públicas que contribuam para a minimização do abandono e infanticídio. O direcionamento de um olhar mais amplo para este fenômeno nos permite refletir sobre o universo familiar, histórico, econômico, social e político em que a mulher está inserida, pois tratando-os de forma isolada não podemos avançar no debate sobre tais fenômenos e tendemos a evidenciar mais a criminalização das mães.

É claro que precisamos considerar que estas mães nos falaram de suas práticas de abandono e infanticídio a partir de uma avaliação que elas mesmas fizeram dos significados de seus atos. O fato de Monique ter sublinhado que prefere morrer a ter que ficar longe de seu

filho, atualmente, mostra que houve um arrependimento e, ao mesmo tempo, este é um recurso para aliviar sua culpa e torná-la aceitável para a volta à convivência social e familiar. Neste caso, também foi possível testemunhar uma assistência do judiciário que vai além da lei e da criminalização, levando em conta comprometimentos pessoais e intermediações singulares de negociação da convivência familiar.

É evidente que no caso de Laura, não podemos avaliar o arrependimento como no caso de Monique, mas sua fala remete ao sentimento de arrependimento por ter demonstrado durante a entrevista o desejo de estar com sua filha, como também enfatiza este sentimento na carta em que fala da criança.

Nos dois casos, é possível afirmar que o modelo de maternidade intensiva cumpriu um papel fundamental na explicação dada às práticas acionadas. Mesmo considerando que tais explicações não nos dizem tudo o que as práticas efetivas contém, ou que são subterfúgios para práticas que não podem ser justificadas, ou que foram elaboradas *a posteriori*, elas reafirmam a força do modelo de maternidade intensiva, em todos os casos.

Por outro lado, algumas questões envolvem as políticas públicas (saúde e assistência). Sabemos que existem serviços de saúde e políticas sociais destinadas a executar ações no sentido de promover a melhoria na qualidade de vida da população economicamente menos favorecida, mas também compreendemos que essas políticas ainda são insuficientes para a melhoria da qualidade de vida da população mais empobrecida, para a assistência à gravidez, maternidade e cuidados com as crianças.

Vimos no relato de Laura as dificuldades experienciadas por ela por não saber como agir diante das contradições, dilemas e tensões entre o idealizado e o vivido. A falta de um acompanhamento psicológico para as mulheres durante o ciclo gravídico-puerperal contradiz a idéia de integralidade preconizada pelo Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher. Devemos considerar a necessidade de que algumas ações sejam priorizadas, fortalecidas, articuladas e mais que nunca, ampliadas no propósito de apresentarem maior eficiência e eficácia e, portanto, atingir o impacto social desejado.

As análises realizadas apontaram que o modelo afetivo/normativo da maternidade intensiva evocado por nossa sociedade pode ser reforçado diante da prática de abandono e infanticídio através do discurso normatizador e naturalizante das representações da maternidade. Focalizar as mães envolvidas em práticas de abandono e infanticídio e classificá-las como criminosas sem considerar os outros atores e instituições envolvidas –

como o companheiro, familiares, os agentes governamentais, as políticas direcionadas ao apoio à gravidez e à maternidade – significa enfocar apenas um dos atores (a mãe) que possuem um papel importante na construção desta realidade social.

REFERÊNCIAS

A. RUSSO, Jane (1999). "A construção social do corpo: desnaturalização de um pressuposto médico", in: *Saber médico, corpo e sociedade: curso ministrado na Faculdade de Medicina da UFRJ*. Cadernos CEPIA.

ADOLESCENTE que enterrou filho pretende criar o bebê. **Jornal do Comércio**, Recife, 1 maio 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/nacional/noticia/2007/05/01/adolescente-que-enterrou-filho-pretende-criar-o-bebe-128921.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

ADOLESCENTE que matou o filho recém-nascido recebe alta. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 11 jun. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=181603&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

APÓS mentir, mãe assume ter ocultado corpo de bebê. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2 jun. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=180658&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

APOSENTADO diz que 'força divina' ajudou no encontro de bebê abandonado. **G1 Globo**, São Paulo 26 dez. 2008. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL936340-5605,00-APOSENTADO+DIZ+QUE+FORCA+DIVINA+AJUDOU+NO+ENCONTRO+DE+BEBE+ABANDONADO.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

ARDAILLON, Danielle. *O lugar do intimo na cidadania de corpo inteiro*. n. 2. Florianópolis: Revista de Estudos Feministas, 1997.

AREND, Sylvia (2007). "Por uma história da infância no Brasil: desafios e perspectivas", in MIRANDA, Humberto; VASCONCELOS, Maria Emília (Orgs). *História da infância em Pernambuco.* Recife, Editora Universitária da UFPE.

ARIÈS, Philippe (1981). *História social da criança e da família*. 2ªed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro, LTC/SA.

AUXILIAR salva bebê prematuro deixado em lixo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 ago. 2004. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u98025.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

AZERÊDO, Sandra (2007). *Preconceito contra a "mulher": diferença, poemas e corpos*. São Paulo, Cortez.

BADINTER, Elizabeth (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

BARBOSA, Regina Helena Simões (1999). "Sexualidade e gênero na medicina", in: *Saber médico, corpo e sociedade: curso ministrado na Faculdade de Medicina da UFRJ*. Cadernos CEPIA.

BARROS, Natália (2007). "A liga pernambucana contra mortalidade infantil: médicos, eugenia e infância na década de 1920", in MIRANDA, Humberto; VASCONCELOS, Maria Emília (Orgs). *História da infância em Pernambuco.* Recife, Editora Universitária da UFPE.

BARSTED, Leila Linhares. "O campo político-legislativo dos direitos sexuais e reprodutivos no Brasil". In: BERQUÓ, Elza (Org). *Sexo & vida: panorama da saúde reprodutiva no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

BARSTED, Leila Linhares. *O movimento feminista e a descriminalização do aborto.* n. 2. Florianópolis: Revista de Estudos Feministas, 1997.

BEAUVOIR, Simone de (1955). *Segundo o sexo*. São Paulo, Diffel.

BEBÊ é abandonado no banco de uma praça em Ribeirão Preto. **Jornal do Comércio**, Recife, 1 ago. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/nacional/noticia/2006/08/01/bebe-e-abandonado-no-banco-de-uma-praca-em-ribeirao-preto-108554.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

BEBÊ é abandonado em jardim de prédio no Rio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 jun. 2001. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u31599.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

BEBÊ é encontrado em caçamba de carro na zona norte de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 set. 2001. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u37526.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

BEBÊ de oito meses é abandonado na zona norte de São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 jun. 2005. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u110194.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

BEBÊ é abandonado em caixa de papelão. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 ago. 2005. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u112433.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

BEBÊ é abandonado em ônibus de São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 nov. 2005. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u115502.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

BEBÊ é abandonado em terreno baldio no interior de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 5 fev. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u131334.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

BEBÊ é abandonado dentro de saco plástico em trilha no interior de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 fev. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u132146.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

BEBÊ é encontrado morto na periferia do Guarujá**. Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 abr. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u120956.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

BEBÊ encontrado em lixeira morre em Minas Gerais. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 maio 2006. Seção Cotidiano. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u121786.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

BEBÊ de dois meses é deixado na rua. **Jornal do Comércio**, Recife, 11 set. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/pernambuco/noticia/2006/12/27/bebe-de-dois-meses-e-deixado-na-rua--119101.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

BEBÊ é encontrado enterrado em toca de tatu em Curitiba. **Jornal do Comércio**, Recife, 10 out. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/nacional/noticia/2006/10/10/bebe-e-encontrado-enterrado-em-toca-de-tatu-em-curitiba-113144.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

BEBÊ é abandonado no lixo na Grande São Paulo. **Jornal do Comércio**, Recife, 10 nov. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/internacional/noticia/2006/11/10/bebe-e-abandonado-no-lixo-na-grande-sao-paulo--115405.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

BEBÊ é encontrado morto em terreno baldio. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 3 fev. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=168328&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

BEBÊ é encontrado morto em uma lixeira. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 8 fev. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=168839&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

BEBÊ de poucas horas de vida é encontrado no interior de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 mar. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u132763.shtml >. Acesso em: 6 mar. 2009.

BEBÊ é achado na porta de açougue em Sorocaba-SP. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2 abr. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=174367&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

BEBÊ enterrado vivo é salvo por parentes. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 30 abr. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=177158&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

BEBÊ enterrado vivo é salvo por parentes em MG. **Jornal do Comércio**, Recife, 30 abr. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/nacional/noticia/2007/04/30/bebe-enterrado-vivo-e-salvo-por-parentes-em-mg-128831.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

BEBÊ é encontrado dentro de saco de lixo. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 12 jun. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=181645&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

BEBÊ é encontrado abandonado debaixo de carro no Rio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 set. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u326974.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

BEBÊ abandonado em mata fechada de Camaragibe. **Jornal do Comércio**, Recife, 21 set. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/pernambuco/noticia/2007/09/21/bebe-abandonado-em-mata-fechada-de-camaragibe--140238.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

BEBÊ achado em lixo na Grande SP tem infecção generalizada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u333593.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

BEBÊ jogado em rio é resgatado com vida em Minas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 set. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u332691.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

BEBÊ resgatado de rio em Minas sofre convulsão; polícia autua mãe. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u332957.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

BEBÊ é encontrado abandonado em lata de lixo na Grande São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u333335.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

BEBÊ jogado pela mãe em rio de Contagem entra em coma. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u333298.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

BEBÊ abandonado em Taboão vai para UTI. **G1 Globo**, São Paulo, 3 out. 2007. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL143809-5605,00-BEBE+ABANDONADO+EM+TABOAO+VAI+PARA+UTI.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

BEBÊ abandonado em Taboão da Serra respira com ajuda de aparelhos. **G1 Globo**, São Paulo, 4 out. 2007. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL144454-5605,00-BEBE+ABANDONADO+EM+TABOAO+DA+SERRA+RESPIRA+COM+AJUDA+DE+APARELHOS.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

BEBÊ abandonado em Taboão da Serra respira com ajuda de aparelhos. **Folha de São Paulo,** São Paulo, 4 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u333792.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

BEBÊ jogado em rio em Contagem não responde a estímulos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u333818.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

BEBÊ é encontrado morto em depósito de lixo na BA. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 10 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em:

<http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=194878&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

BEBÊ é encontrado morto dentro de armário em Atibaia (SP). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u336592.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

BEBÊ achado no lixo em Taboão da Serra permanece internado. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u337089.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

BEBÊ abandonado em Taboão da Serra segue internado. **G1 Globo**, São Paulo, 16 out. 2007. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL150920-5605,00-BEBE+ABANDONADO+EM+TABOAO+DA+SERRA+SEGUE+INTERNADO.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

BEBÊ abandonado em banheiro de hospital segue em estado grave. **G1 Globo**, São Paulo, 1 dez. 2007. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL200906-5605,00-BEBE+ABANDONADO+EM+BANHEIRO+DE+HOSPITAL+SEGUE+EM+ESTADO+GRAVE.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

MÃE confessa o assassinato de bebê de 11 dias. **Jornal do Comércio**, Recife, 1 dez. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/pernambuco/noticia/2007/12/27/mae-confessa-o-assassinato-de-bebe-de-11-dias-147154.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

BEBÊ é abandonado em escadaria de igreja na zona leste de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 dez. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u353296.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

BEBÊ jogado em lixo de hospital morre em Jacareí (SP). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 dez. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u354964.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

BEBÊ é encontrado em caixa de sapato em Itu (SP). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 jan. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u363326.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

BEBÊ abandonado é encontrado em Itu. **G1 Globo**, São Paulo, 14 jan. 2008. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL258258-5605,00-BEBE+ABANDONADO+E+ENCONTRADO+EM+ITU.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

BEBÊ é abandonado em caixa de sapato em São Paulo. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 14 jan. 2008 <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=205664&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

BEBÊ é abandonado na calçada em Londrina (PR). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 jan. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u364265.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

BEBÊ é abandonado em caixa de papelão em rua na zona sul de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 mar. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u381802.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

BEBÊ recém-nascido é abandonado no Ipiranga. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 14 mar. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=212749&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

BEBÊ é abandonado em banheiro em Embu-Guaçu (SP). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 5 abr. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u389359.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

BEBÊ abandonado é encontrado em terreno baldio em Montes Claros, norte de Minas. **G1 Globo**, São Paulo, 21 jul. 2008. Seção Notícias. Disponível em: <http://globominas.globo.com/GloboMinas/Noticias/Plantao/0,,MUL654161-9076,00.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

BEBÊ é abandonado no subúrbio. **G1 Globo**, São Paulo, 4 out. 2008. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL784885-5606,00-BEBE+E+ABANDONADO+NO+SUBURBIO.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

BEBÊ abandonado no subúrbio passa bem. **G1 Globo**, São Paulo, 4 out. 2008. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL785216-5606,00-BEBE+ABANDONADO+NO+SUBURBIO+PASSA+BEM.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

BEBÊ é encontrado morto dentro de sacola no rio em Amparo (SP). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 5 out. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u452603.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

BEBÊ é abandonado na Zona Rural de Santa Maria da Boa Vista. **Jornal do Comércio**, Recife, 31 jul. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/pernambuco/noticia/2008/07/31/bebe-e-abandonado-na-zona-rural-de-santa-maria-da-boa-vista-164102.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

BEBÊ abandonado em lava-rápido continua internado no Recife. **G1 Globo**, São Paulo, 14 ago. 2008. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL723664-5598,00-BEBE+ABANDONADO+EM+LAVARAPIDO+CONTINUA+INTERNADO+NO+RECIFE.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

BEBÊ recém-nascido é encontrado em lixeira de igreja. **G1 Globo**, São Paulo, 10 set. 2008. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL754740-5606,00-BEBE+RECEMNASCIDO+E+ENCONTRADO+EM+LIXEIRA+DE+IGREJA.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

BEBÊ é abandonado em bolsa de viagem em frente a galpão em SC. **G1 Globo**, São Paulo, 2 out. 2008. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL782637-5598,00-

BEBE+E+ABANDONADO+EM+BOLSA+DE+VIAGEM+EM+FRENTE+A+GALPAO+EM+SC.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

BEBÊ abandonado é achado em rua do Rio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 out. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u452175.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

BEBÊ retirado da maternidade pela mãe foi morto a pauladas. **Gazeta Rádios e Internet**, Vitória, 4 nov. 2008. Seção Local. Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2008/11/29711-bebe+retirado+da+maternidade+pela+mae+foi+morto+a+pauladas.html>. Acesso em: 31 jul. 2009.

BEBÊ é abandonado ao lado de prédio em Salvador. **G1 Globo**, São Paulo, 8 nov. 2008. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL855102-5598,00-BEBE+E+ABANDONADO+AO+LADO+DE+PREDIO+EM+SALVADOR.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

BEBÊ achada em lixeira em São Paulo passa bem. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 1 dez. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=241352&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

BEBÊ de dois dias é encontrado sob banco de igreja na zona sul do Rio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 out. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u458904.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

BEBÊ abandonado no interior de SP passa bem. **G1 Globo**, São Paulo, 27 dez. 2008. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL936867-5605,00-BEBE+ABANDONADO+NO+INTERIOR+DE+SP+PASSA+BEM.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

BEBÊ enrolado em sacos plásticos é abandonado em calçada. **G1 Globo**, São Paulo, 16 dez. 2008. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL924868-5598,00-BEBE+ENROLADO+EM+SACOS+PLASTICOS+E+ABANDONADO+EM+CALCADA.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

BENEDICT, Ruth (1972). *O crisântemo e a espada*. Tradução: Cezar Tozzi. São Paulo: Perspectiva.

_____ (2005). *Padrões de cultura*. Tradução: Alberto Candeias. Lisboa: Livros do Brasil.

BESERRA, Maria Aparecida; CORRÊA, Maria Suely Medeiros; GUIMARÃES, Karine Nascimento (2008). "Negligência contra a criança: um olhar do profissional de saúde", in SILVA, Lygia Maria Pereira da (Org). *Violência doméstica contra crianças e adolescentes*. 2ª ed. Recife, EDUPE.

BEZERRA JR., Benilton (1994). "Normal e patológico: do vitalismo ao mecanicismo", in: *Saber médico, corpo e sociedade: curso ministrado na Faculdade de Medicina da UFRJ*. Cadernos CEPIA.

BIANCARELLI**,** Aureliano. História que começou com a Santa Casa é marcada por grandes contrastes sociais. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 nov. 2003. Seção Cotidiano.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u86341.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

BILHETE em roupa de bebê abandonado no Rio pede que ele seja adotado. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 out. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u459095.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

BOMBEIROS encontram bebê abandonado em frente a quartel no RJ. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 maio 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u402897.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

BOMBEIROS encontram bebê morto em rio em Cascavel (PR). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 out. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u456246.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

BORDO, S.R. (1997). "O Corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault", in JAGGAR, A.& BORDO, *S. Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos.

BOTT, Elizabeth (1976). *Família e rede social*. Tradução de Mário Guerreiro. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora S/A.

BOURDIEU, Pierre (1994) ORTIZ, Renato. *Pierre Bourdieu sociologia*. 2ª ed., São Paulo, Ed. Ática.

_____ (2003). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

_____ (2003). *O Poder Simbólico.* Tradução de Fernando Tomaz. 6ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil.

_____ (2004). Razões práticas: sobre a teoria da ação. 5 ª ed., Campinas, Ed. Papirus.

BOZON, Michel (2004). *Sociologia da sexualidade*. Tradução de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro, FGV.

BRAGA, Vera (2007). "Infância: assistencialismo e proteção em Pernambuco no início do século XX (1900-1930)", in MIRANDA, Humberto; VASCONCELOS, Maria Emília (Orgs.). *História da infância em Pernambuco.* Recife, Editora Universitária da UFPE.

BUTLER, J. (2001). "Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do "sexo"", in: LOURO, G.L. *O corpo educado - pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica.

CADELA salva bebê abandonado em caixa de papelão em Santo Antônio do Monte. **G1 Globo**, São Paulo, 23 jul. 2008. Seção Notícias. Disponível em: <http://globominas.globo.com/GloboMinas/Noticias/MGTV/0,,MUL689278-9033,00-CADELA+SALVA+BEBE+ABANDONADO+EM+CAIXA+DE+PAPELAO+EM+SANTO+ANTONIO+DO+MONTE.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

CADELA encontra bebê abandonado no centro-oeste de Minas. **G1 Globo**, São Paulo, 23 jul. 2008. Seção Notícias. Disponível em: <http://globominas.globo.com/GloboMinas/Noticias/Plantao/0,,MUL689107-9076,00-CADELA+ENCONTRA+BEBE+ABANDONADO+NO+CENTROOESTE+DE+MINAS.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

CALDIZ, Laura S.; MALOSETTI, Laura; BAYARDO, Rubens (1994). "Maternidade adolescente em Bariloche". Tradução de Tina Amado, in: COSTA, Albertina de Oliveira; AMADO, Tina (Orgs.). *Alternativas escassas: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. Rio de Janeiro, Editora 34.

CAMPOS, Carmen Hein de (2004). "Mulheres e direitos humanos", in: FONSECA, Claudia; TERTO Jr., Veriano; ALVES, Caleb Farias (Orgs). *Antropologia, diversidade e direitos humanos: diálogos interdisciplinares*. Porto Alegre, Editora UFRGS.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. *Investigações sobre o amor materno: sobre significados, experiências, afetos e práticas corporais na maternidade. Algumas notas para pesquisa*. v.4, n. 11. Revista Brasileira de Sociologia das Emoções, agosto de 2005

_____(2006). "Investigações sobre o amor materno: algumas notas para pesquisa". In: CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Orgs.). *Pensando família, gênero e sexualidade*. Recife, Ed. Universitária UFPE.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant (2007). "Famílias e políticas públicas", in ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália Faller (Orgs.). *Família: redes, laços e políticas públicas*. 3ª ed. São Paulo, Cortez: Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP.

CARVALHO, Mirela de; BARROS, Ricardo Paes de; FRANCO, Samuel (2007). "O índice de desenvolvimento da família (IDF)", in: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália Faller (Orgs.). *Família: redes, laços e políticas públicas*. 3ª ed. São Paulo, Cortez: Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP.

CASAL é preso por suspeita de negligência em Araçoiaba. **Jornal do Comércio**, Recife, 15 jan. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/pernambuco/noticia/2007/01/15/casal-e-preso-por-suspeita-de-negligencia-em-aracoiaba-120711.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. Wittgenstein e a gramática da ciência. *Unimontes Científica*. Montes Claros, v.6, n.1, jan/jun, 2004. CORPO de bebê é encontrado em depósito de lixo em MG. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 10 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=194895&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

CORPO de bebê jogado em matagal no Agreste. **Jornal do Comércio**, Recife, 5 mar. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/pernambuco/noticia/2008/03/05/corpo-de-bebe-jogado-em-matagal-no-agreste-151904.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

CORPO de criança é encontrado em matagal de Castro-PR. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 10 nov. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=239153&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

CORPO de recém-nascido é encontrado em saco de lixo. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 16 jul. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=185441&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

CÔRREA, Sônia; ÁVILA, Maria Betânia (2003). "Direitos sexuais e reprodutivos – pauta global e recursos brasileiros". In: BERQUÓ, Elza (Org). *Sexo & vida: panorama da saúde reprodutiva no Brasil*. Campinas, Editora da Unicamp.

COSTA, Ana Maria; SILVESTRE, Rosa Maria (2004). "Uma reflexão sobre poder, mulher e saúde – dilemas para a saúde reprodutiva", in: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (Org.). *A mulher brasileira nos espaços público e privado***.** São Paulo, Fundação Perseu Abramo.

COSTA, Jurandir Freire (1999). *Ordem médica e norma familiar*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Graal.

COUCEIRO, Silvia (2007). "Entre 'anjos' e 'menores': representações sobre a criança nos séculos XIX e XX", in MIRANDA, Humberto; VASCONCELOS, Maria Emília (Orgs). *História da infância em Pernambuco.* Recife, Editora Universitária da UFPE.

CHODOROW, Nancy (2002). *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. 2ª ed. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro, Rosas dos Tempos.

CRIANÇAS são abandonadas em casa e bebê morre em MG, diz polícia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 dez. 2002. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u64623.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

DEL PRIORE, Mary (1995). *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil colônia*. 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio.

_____ (Org.) (2000). *História das mulheres no Brasil*. 3ª ed. São Paulo, UNESP.

_____ (Org.) (2004). *História das crianças no Brasil* 4ª ed. São Paulo, Contexto.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução de Sandra Regina Netz. 2 ed. Porto Alegre, Artmed.

DOIS bebês recém-nascidos são encontrados no lixo em São Paulo. Folha de São Paulo, São Paulo, 23 nov. 2002. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u63367.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

DONO de bar encontra bebê abandonado em banheiro em São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 ago. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u125120.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

DORA, Denise Dourado (1998). "Os direitos humanos das mulheres", in: DORA, Denise Dourado; SILVEIRA, Domingos Dresch da (Orgs.). *Direitos humanos, ética e direitos reprodutivos*. Porto Alegre, THEMIS.

_____(1998). "No fio da navalha", in: DORA, Denise Dourado; SILVEIRA, Domingos Dresch da (Orgs.). *Direitos humanos, ética e direitos reprodutivos*. Porto Alegre, THEMIS.

DUMONT, Louis (1996) *Homo hierarchicus, o sistema das castas e suas implicações*. São Paulo, EDUSP.

_____ (2000). *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco.

EMPREGADA doméstica é presa por tentar envenenar bebê. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 6 set. 2005. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u112765.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

EX-NAMORADO diz que mãe de bebê abandonado era prostituta. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 31 jan. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u117843.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

FAXINEIRA encontra recém-nascida abandonada em posto de saúde. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 abr. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95ul20376.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (2004). *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Curitiba, Positivo.

FERREIRA, Kátia Maria Maia (2008). "Violência doméstica/intrafamiliar contra crianças e adolescentes: nossa realidade", in SILVA, Lygia Maria Pereira da (Org). *Violência doméstica contra crianças e adolescentes*. 2ª ed. Recife, EDUPE.

FIRTH, Raymond (1998). *Nós, os Tikopia*. São Paulo, EDUSP.

FLICK, Uwe (2007). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre, Bokman.

FONSECA, Claudia (2006). *Caminhos da adoção*. 3ª ed. São Paulo, Cortez.

_____ (2004). "Os direitos da criança: dialogando com o ECA, in FONSECA, Claudia; TERTO Jr., Veriano; ALVES, Caleb Farias (Orgs). *Antropologia, diversidade e direitos humanos: diálogos interdisciplinares*. Porto Alegre, Editora UFRGS.

FRANCH, M. ; FALCÃO, Tânia Lago . *Será que elas sofrem? Algumas observações sobre Death without weeping de Nancy Scheper-Hughes*. Política & trabalho, João Pessoa, v. 20, n. abril 2004, p. 181-196, 2004.

FUNCIONÁRIA encontra bebê abandonado em banheiro da CPTM. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 de abr. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u120239.shtml>. Acesso em 7 fev. 2009.

GARCIA, A. & LOPES, R.C. S. (2003). *Representações de maternidade de mães jovens e suas mães*. Psicologia em Estudo, Maringá, v.8, num. Especial, p.63-73.

GCM ENCONTRA bebê em lixo de mercado municipal em São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 jun. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u303677.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

GÊMEAS de 8 meses morrem envenenadas pela própria mãe. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 set. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u126287.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

GIDDENS, Anthony (1991). *As conseqüências da modernidade*. São Paulo, UNESP.

_____(1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, UNESP.

GIFFIN, Karen (1999). "Corpo e conhecimento na saúde sexual: uma visão sociológica", in: GIFFIN, Karen; COSTA, Sarak Hawker (Orgs.). *Questões de saúde reprodutiva***.** Rio de Janeiro, Fiocruz.

GOFFMAN, Erving (1996). *A representação do eu na vida cotidiana.* 7ª ed., Petrópolis, Ed. Vozes.

GOLDANI, Ana Maria. *As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação*. Cadernos Pagu, 1993, n. 1, p. 67-110

GRASSI, Estela; RAGGIO, Liliana; MONTES, Ana Gonzáles (1994). "Normatização dos comportamentos reprodutivos e paradigmas médicos: estudo de caso em instituição de saúde para camadas médias".Tradução de Edith S. P. Piza, in: COSTA, Albertina de Oliveira; AMADO, Tina (Orgs). *Alternativas escassas: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. Rio de Janeiro, Editora 34.

HALL, Stuart (2003). *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Brasília, Ed. UNESCO.

HOMEM poderá assumir paternidade de bebê achado boiando em lagoa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 31 jan. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u117828.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

HOMEM encontra recém-nascida em cemitério de São Paulo**. Jornal do Comércio**, Recife, 4 mar. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/nacional/noticia/2006/03/04/homem-encontra-recemnascida-em-cemiterio-de-sao-paulo-99961.php >. Acesso em: 4 out. 2008.

HOMEM encontra recém-nascida em cemitério do interior de SP**. Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 abr. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u119026.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

IRMÃS encontram bebê em caixa de sapatos. **G1 Globo**, São Paulo, 29 ago. 2007. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL95725-5598,00-IRMAS+ENCONTRAM+BEBE+EM+CAIXA+DE+SAPATOS.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

IRMÃS encontram bebê abandonado em caixa de sapatos em SC. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 ago. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u324372.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

ISHIDA, Válter Kenji (2004). *O estatuto da criança e do adolescente: doutrina e jurisprudência*.5 ed. São Paulo, Atlas.

JOVEM é acusada de abandonar filho recém-nascido no quintal de casa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 nov. 2004. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u102189.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

JUÍZA registra menina encontrada em lagoa de Belo Horizonte. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 fev. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u117858.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

JUNQUEIRA, Luci; PROENÇA, Nelson Guimarães (2007). "Políticas públicas de atenção à família", in ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália Faller (Orgs). *Família: redes, laços e políticas públicas*. 3ª ed. São Paulo, Cortez: Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP.

JUSTIÇA nega liberdade para mãe que abandonou menina em MG. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 fev. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u117875.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

KALOUSTIAN, Sílvio Manoug (Org) (2000). Família brasileira: a base de tudo. 4ª ed. São Paulo, Cortez; DF, UNICEF.

KYRIAKOS, Norma; FIORINI, Eliana (2000). "A dimensão legal do aborto no Brasil", in: *Aborto legal: implicações éticas e religiosas*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir.

LAUDO rejeita insanidade de mãe que jogou bebê em rio. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 10 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=194925&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude (1996). *Tristes trópicos.* Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo, Companhia das Letras.

LINS (SP) registra abandono de recém-nascido após três anos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 out. 2002. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u61870.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

LURIA, Aleksander Romanovick (2002). *Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais*. 3ª ed. São Paulo, Ícone.

LYRA, Jorge. RIDENTI, Sandra (1996). *Mãe presente, pai ausente? Reflexões preliminares sobre as funções parentais nos anos noventa*. XX Reunião Anual da ANPOCS. Caxambu.

MÃE abandona filha de dois dias de idade em quarto de hotel. Folha de São Paulo, São Paulo, 11 set. 2005. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u112950.shtml >. Acesso em: 28 mar. 2009.

MÃE abandona filha recém-nascida no interior de São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 fev. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u118305.shtml**>.** Acesso em: 7 fev. 2009.

MÃE abandona bebê em caixa de papelão na zona sul de São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 fev. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u118334.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

MÃE é presa sob acusação de tentar matar recém-nascido de fome. **Jornal do Comércio**, Recife, 9 maio 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/pernambuco/noticia/2006/05/09/mae-e-presa-sob-acusacao-de-tentar-matar-recemnascido-de-fome-104111.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

MÃE foge após o parto e deixa bebê em hospital. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 6 jun. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=181080&modulo=964>. Acesso em: 1 jul. 2009.

MÃE abandona recém-nascida em motel de Mato Grosso. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 jul. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u311747.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

MÃE que matou recém-nascida em Maranguape recebe alta. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 12 jun. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em:

<http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=181715&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

MÃE sai para boate e bebê morre sozinho em casa. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 30 jul. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=187294&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

MÃE abandona bebê em terreno baldio após parto em Minas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 ago. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u320554.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

MÃE mata filha de 8 meses para se vingar do marido. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 21 ago. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=189747&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

MÃE de bebê abandonado em caixa de sapato tem 14 anos. **G1 Globo**, São Paulo, 31 ago. 2007. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL97041-5598,00.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

MÃE de bebê jogado em rio responderá por homicídio. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 5 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=194408&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

MÃE é suspeita de jogar filhas em cisterna em Santo Hipólito (MG). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u336458.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

MÃE joga filho recém-nascido em lixo de banheiro de hospital. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 nov. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u350284.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

MÃE abandona filho de três meses em bar de Franca (SP). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 fev. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u370392.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

MÃE confessa o assassinato de bebê de 11 dias. **Jornal do Comércio**, Recife, 1 dez. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc3.uol.com.br/jornal/2007/12/01/not_260015.php 01/12/2007>. Acesso em: 4 out. 2008.

MÃE visitou bebê abandonado em hospital. **G1 Globo**, São Paulo, 3 dez. 2007. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL202055-5605,00-MAE+VISITOU+BEBE+ABANDONADO+EM+HOSPITAL.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

MÃE de bebê abandonado em igreja no Leblon se apresenta à polícia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 out. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u459406.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

MÃE de bebê é indiciada por abandono. **G1 Globo**, São Paulo, 23 out. 2008. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL833899-5606,00-MAE+DE+BEBE+E+INDICIADA+POR+ABANDONO.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

MAGGIO, Vicente de Paula Rodrigues (2004). *Infanticídio e a morte culposa do recém-nascido*. Campinas, Millennium.

MAIS duas crianças recém-nascidas são abandonadas em Pernambuco. **Jornal do Comércio**, Recife, 5 nov. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/pernambuco/noticia/2007/11/05/mais-duas-criancas-recemnascidas-sao-abandonadas-em-pernambuco-119394.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

MAIS um bebê abandonado no Rio. **G1 Globo**, São Paulo, 20 out. 2008. Seção Notícias. Disponível em: <http://rjtv.globo.com/Jornalismo/RJTV/0,,MUL831964-9097,00.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

MANRIQUEZ, Irmã Palma; LE-BERT, Cecília Quilodrán (1994). "Repostas à gravidez entre adolescentes chilenas de estratos populares". Tradução de Tina Amardo, in: COSTA, Albertina de Oliveira; AMADO, Tina (Orgs.). *Alternativas escassas: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. Rio de Janeiro, Editora 34.

MARCONDES FILHO, Ciro (1988). *A linguagem da sedução*. 2ª ed., São Paulo, Ed. Perspectiva.

_____ (1992). *Quem Manipula Quem? Poder e Massas na Indústria da Cultura e da Comunicação no Brasil*. 5ª ed., Petrópolis, Ed. Vozes.

MARTÍN-BARBERO, Jesus; POLITO, Ronald; ALCIDES, Sergio; GARCÍA CANCLINI, Néstor (1997). *Dos meios às mediações: comunicação cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ.

MARTÍN-BARBERO, Jesus & GERMÁN, Rey (2004). *Os Exercícios do Ver*: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. 2ª ed., São Paulo, Ed. Senac São Paulo.

MARTINS, Paulo Henrique; FONTES, Breno (2008). *Redes sociais e saúde: novas possibilidades teóricas*. 2ª ed. Recife, Editora Universitária.

MAY, Tim (2004). *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. Tradução de Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3 ed. Porto Alegre, Artmed.

MÉDICOS suspendem medicamentos e avaliam reação de bebê jogado em rio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u333485.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

MENINA é abandonada dentro de saco de lixo em Salvador (BA). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jul. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u427082.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

MENINO recém-nascido é encontrado em bueiro no interior de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 5 jul. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u309646.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

MENINO de 1 ano é abandonado em Ribeirão das Neves (MG). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 mar. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u384793.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

MEYER, Dagmar Estermann (2004). "Direitos reprodutivos e educação para o exercício da cidadania reprodutiva: perspectivas e desafios", in: FONSECA, Claudia; TERTO Jr., Veriano; ALVES, Caleb Farias (Orgs). *Antropologia, diversidade e direitos humanos: diálogos interdisciplinares*. Porto Alegre, Editora UFRGS.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (1998). "Construção da identidade da antropologia na área de saúde: o caso brasileiro", in: ALVES, Paulo César; RABELO, Miriam Cristina (Orgs.). *Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras*. Rio de Janeiro, Fiocruz/Relume Dumará.

MITJAVILLA, Myrian; ECHEVESTE, Laura (1994). "Sobre a construção social do discurso médico em torno da maternidade". Tradução de Edith S. P. Piza, in COSTA, Albertina de Oliveira; AMADO, Tina (Orgs.). *Alternativas escassas: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. Rio de Janeiro, Editora 34.

MORIN, Edgar (1997). *Cultura de massas no século XX o espírito do tempo*. 9ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária.

MORRE bebê abandonado em lata de lixo na Grande São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 nov. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u348982.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

MORRE bebê jogado em lixo de hospital de Jacareí-SP. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 14 dez. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=202381&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

MOTTA, Maria Antonieta Pisano (2001). *Mães abandonadas: a entrega de um filho em adoção*. São Paulo, Cortez.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. "Lugar de mulher: representações sobre os sexos e práticas médicas na Amazônia (Itapuá-Pará)", in: Alves e Rabelo. *Antropologia da Saúde: traçando identidades e explorando fronteiras*.

MULHER é presa ao tentar matar a filha de 4 anos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 fev. 2006 Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u118206.shtml**>.** Acesso em: 7 fev.2009.

MULHER abandona bebê próximo a viaduto no centro de São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 maio 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u122008.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

MULHER que fingiu ter achado filho abandonado ficará com a criança. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 fev. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u132325.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

MULHER abandona recém-nascido em prédio de Brasília; câmeras flagram ação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 mar. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u386998.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

NASCIMENTO, Carlos Alberto Domingues do (2008). "A dor da violência", in SILVA, Lygia Maria Pereira da (Orgs). *Violência doméstica contra crianças e adolescentes*. 2ª ed. Recife, EDUPE.

NATIONS, K. Marilyn; REBHUN, A. Linda (1988). "Angels with wet wings won't fly: maternal sentiment in Brazil and the image of neglect", in: *Culture, medicine, and psychiatry,12, 141-200*

NOLASCO, Sócrates Alvares (1993). *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro, Rocco.

OLIVEIRA, João Pacheco. *Infanticídio entre as populações indígenas – campanha humanitária ou a renovação do preconceito?* Comissão de Assunto Indígena (CAI) da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), conferir: http://abant.org.br/ . Acesso em 19.07.2009

OSIS, Maria José Martins Duarte. *PAISM: um marco na abordagem da saúde reprodutiva no Brasil*. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 14 (Supl 1): 25-32, 1998.

PAI quer guarda do bebê jogado em rio de Contagem (MG). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u333375.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

PAIM, Heloísa Helena Salvatti (1994). "Marcas no corpo: gravidez e maternidade em grupos populares", in: COSTA, Albertina de Oliveira; AMADO, Tina (Orgs.). *Alternativas escassas: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. Rio de Janeiro, Editora 34

PASSA bem bebê abandonado em rua de Senador Camará, Zona Oeste do Rio. **G1 Globo**, São Paulo, 15 dez. 2008. Seção Notícias. Disponível em: <http://rjtv.globo.com/Jornalismo/RJTV/0,,MUL923214-9097,00.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

PEDRO, Joana Maria (2003). "As representações do corpo feminino nas práticas contraceptivas, abortivas e no infanticídio – século XX.", in: MATTOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo, UNESP.

_____ (Org.) (2003). *Práticas proibidas: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX*. Florianópolis, Cidade Futura.

PEIRANO, Mariza G. S. (1992). *Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas*. Brasília, Universidade de Brasília.

PESCADOR encontra bebê morto em represa na zona sul de São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 out. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u456367.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

PEREIRA, Potyara A. P. (2007). *Necessidades humanas: subsídeos à críticca dos mínimos sociais*. São Paulo, Cortez.

PIORA estado de saúde de bebê jogado pela mãe em rio em Contagem. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u333173.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

PITANGUY, Jacqueline (1999). *O movimento nacional e internacional de saúde e direitos reprodutivos.* In: GIFFIN, Karen; COSTA, Sarak Hawker (Orgs.). Questões de saúde reprodutiva. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

_____ (1999). “Sexo e sexualidades”, in: *Saber médico, corpo e sociedade*: *curso ministrado na Faculdade de Medicina da UFRJ*. Cadernos CEPIA.

PM Localiza recém-nascida abandonada em calçada de Belo Horizonte. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 fev. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u117852.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

PM ENCONTRA recém-nascido abandonado em Minas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 mar. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u119003.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

PM ENCONTRA recém-nascido abandonado em Minas. **Jornal do Comércio**, Recife, 3 mar. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/nacional/noticia/2006/03/03/pm-encontra-recemnascido-abandonado-em-minas--99914.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

PM ENCONTRA recém-nascida abandonada em Belo Horizonte. **Folha de São Paulo**, São Paulo, **22** maio 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u121853.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

PM ENCONTRA bebê recém-nascido abandonado em rua de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 jul. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u311918.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

PM ENCONTRA bebê abandonado em rua da região central de São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 jul. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u309145.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

PM ENCONTRA bebê dentro de carro abandonado na zona sul de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 jun. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u407560.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009

POLÍCIA prende acusada de matar filha recém-nascida em São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 maio 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u121315.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

POLÍCIA encontra duas crianças deixadas em lixeira em MG. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 maio 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u121748.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

POLÍCIA encontra feto dentro de saco plástico em MG. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 set. 2004. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u100154.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

POLÍCIA encontra bebê em caixa de papelão no centro de São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 set. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u126214.shtml >. Acesso em: 7 fev. 2009.

POLÍCIA encontra mãe que abandonou bebê em sacola no interior de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 fev. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u132167.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

POLÍCIA indicia pais suspeitos de jogar bebê em córrego por homicídio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 fev. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u118194.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

POLÍCIA prende suspeita de jogar recém-nascida em canal no RS. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 fev. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u117862.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

POLÍCIA procura mãe de bebê abandonado em hospital. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 26 fev. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=210594&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

POLÍCIA prende suspeita de jogar bebê no lixo em Monte Sião (MG). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u337788.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

POLÍCIA encontra recém-nascido abandonado em calçada em Canoas (RS). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 mar. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u385146.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

POLÍCIA localiza casal que abandonou bebê em lixeira no Guarujá (SP). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 dez. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u479146.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

POLÍCIA prende suspeita de tentar matar o filho recém-nascido em Salvador. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 out. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u456486.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

POLÍCIA prende suspeita de ter matado e enterrado filho após o parto. **Folha de São Paulo,** São Paulo, 22 jan. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u130802.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

POLÍCIA prende mãe suspeita de matar filho recém-nascido em SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 05 abr. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u120094.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

POLÍCIA prende mulher que atirou recém-nascido de prédio. **Jornal do Comércio**, Recife, 13 nov. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em:

<http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/nacional/noticia/2006/11/13/policia-prende-mulher-que-atirou-recemnascido-de-predio-115519.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

POLÍCIA prende mãe de recém-nascido abandonado em mata em PE. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 set. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u330351.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

POLICIAL encontra bebê com cerca de três meses no Leblon. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 maio 2005. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u109262.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

POLICIAIS encontram recém-nascido abandonado em Belo Horizonte. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 maio 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u122042.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

PRESA mãe de bebê jogado em rio. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 1 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=193958&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

PROFESSORA encontra bebê abandonado no Maranhão. **G1 Globo**, São Paulo, 16 dez. 2008. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL925388-5598,00-PROFESSORA+ENCONTRA+BEBE+ABANDONADO+NO+MARANHAO.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

QUADROS, Marion Teodósio de (2007). "Jovens, Contracepção e conversas com os pais: comparando opiniões de moças e rapazes de famílias urbanas e rurais". In: SCOTT, Parry; ATHIAS, Renato; QUADROS, Marion Teodósio de (Orgs.). *Saúde, sexualidade e famílias urbanas, ruais e indígenas*. Recife, Ed. Universitária UFPE.

'QUANDO a tirei da caixa, ela parou de chorar'. **G1 Globo**, São Paulo, 31 ago. 2007. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL96267-5598,00-QUANDO+A+TIREI+DA+CAIXA+ELA+PAROU+DE+CHORAR.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

QUINTAS, Fátima (2005). *A mulher e a família no final do século XX*. 2ª ed. Recife, Massangana.

RECÉM-NASCIDA é encontrada embaixo de carro no MA. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 fev. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u117887.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

RECÉM-NASCIDA é encontrada embaixo de carro no Maranhão. **Jornal do Comércio**, Recife, 1 fev. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/nacional/noticia/2006/02/01/recemnascida-e-encontrada-embaixo-de-carro-no-maranhao-98203.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

RECÉM-NASCIDA é encontrada abandonada em lixeira no interior de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 02 abr. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u119988.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009.

RECÉM-NASCIDA é encontrada morta em quintal de casa abandonada. **Jornal do Comércio**, Recife, 19 jun. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/noticia/2006/06/19/recemnascida-e-encontrada-morta-em-quintal-de-casa-abandonada-106176.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

RECÉM-NASCIDA é abandonada em pesqueiro na zona rural de Valinhos (SP). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 jul. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u421584.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

RECÉM-NASCIDA encontrada em lixeira em São Gabriel (RS) permanece internada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 fev. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u376156.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

RECÉM-NASCIDA é abandonada em terminal de ônibus de Florianópolis (SC). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 5 fev. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u369845.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

RECÉM-NASCIDA é abandonada em porta de casa em Ibirité (MG). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u334621.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

RECÉM-NASCIDO é encontrado morto em Itapetininga. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 6 out. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u334491.shtml >. Acesso em: 6 mar. 2009.

RECÉM-NASCIDO é encontrado abandonado em mata fechada. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 21 set. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=193203&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

RECÉM-NASCIDO é encontrado em lixeira em Taboão da Serra. **G1 Globo**, São Paulo, 2 out. 2007. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL143491-5605,00-RECEMNASCIDO+E+ENCONTRADO+EM+LIXEIRA+EM+TABOAO+DA+SERRA.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

RECÉM-NASCIDO é encontrado em sacola de papelão no Recife (PE). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 ago. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u433595.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

RECÉM-NASCIDO é abandonado em lava-rápido no Recife. **G1 Globo**, São Paulo, 19 ago. 2008. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL723130-5598,00-RECEMNASCIDO+E+ABANDONADO+EM+LAVARAPIDO+NO+RECIFE.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

RECÉM-NASCIDO é abandonado em banheiro de hospital em Jacareí. **G1 Globo**, São Paulo, 30 nov. 2007. Seção Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL199700-5605,00-

RECEMNASCIDO+E+ABANDONADO+EM+BANHEIRO+DE+HOSPITAL+EM+JACAREI.html>. Acesso em: 13 maio 2009.

RECÉM-NASCIDO é achado em lata de lixo em Jacareí-SP. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 30 nov. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=200599&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

RECÉM-NASCIDO é encontrado embrulhado em jornais em São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 jan. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u366970.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

RECÉM-NASCIDO é abandonado em hospital de MG. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 nov. 2004. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u101738.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

RECÉM-NASCIDO é localizado em córrego na Zona Leste de São Paulo**. Diário do Nordeste**, Fortaleza, 29 jun. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=148997&modulo=965 >. Acesso em: 1 jul. 2009.

RECÉM-NASCIDO é atirado de prédio em Salvador. **Jornal do Comércio**, Recife, 10 nov. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/nacional/noticia/2006/11/10/recemnascido-e-atirado-de-predio-em-salvador-115378.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

RECÉM-NASCIDO é abandonado dentro de mochila em São Paulo. **Jornal do Comércio**, Recife, 31 jan. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://jc.uol.com.br/canal/cotidiano/nacional/noticia/2007/01/31/recemnascido-e-abandonado-dentro-de-mochila-em-sao-paulo-122330.php>. Acesso em: 4 out. 2008.

RECÉM-NASCIDO abandonado em Belo Horizonte continua sem identificação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 maio 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u135586.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2009.

RECÉM-NASCIDO é encontrado em lixeira no Guarujá. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 nov. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u473469.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

RECÉM-NASCIDO é encontrado em fossa em Planaltina de Goiás (GO). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 dez. 2008. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u474190.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2009.

RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma (2004). *A institucionalização de crianças no Brasil.* São Paulo, Loyola.

RIZZINI, Irene (2008). *O século perdido: raízes históricas das políticas públicas para infância no Brasil*. 2ª ed. São Paulo, Cortez.

ROCHA, Maria Isabel B. da; ANDALAFT NETO, Jorge (2003). "*A* questão do aborto: aspectos clínicos, legislativos e políticos", in: BERQUÓ, Elza (Org). *Sexo & vida: panorama da saúde reprodutiva no Brasil*. Campinas, Unicamp.

ROHDEN, Fabiola (2003). *A arte de enganar a natureza: contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ.

RONDELLI, Elizabeth (1997). *Mídia e violência*: ação testemunhal, práticas discursivas, sentidos sociais e alteridade. Comunicação e Política. Vol. IV, n. 3. Nova Série, Ed. Zebela.

ROUSSEAU, Jean-Jacques (1979). *Emílio ou da educação*. 3ª ed. Tradução de Sérgio Millet. São Paulo, Diffel.

SÁ, Érica Cristina (2007). *Representações da mothernidade*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. (2002). "Violência contra a mulher e violência doméstica" in BRUSCHINI, Cristina e UNBEHAUM, Sandra G. *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Editora 34.

SAHLINS, Marshall David (1990). *Ilhas de história*. Tradução de Bárbara Sete. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

_____ (2003). *Cultura e razão prática*. Tradução de Sérgio Tadeu de Niemayer Lamarao. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

SANTOS, Boaventura Souza. *Um discurso sobre as ciências*. Este texto é uma versão ampliada da Oração de Sapiência proferida na abertura solene das aulas na Universidade de Coimbra no ano lectivo de 1985/86.

SARTI, Cynthia A. (2007). "Famílias enredadas", in ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália Faller (Orgs.). *Família: redes, laços e políticas públicas*. 3ª ed. São Paulo, Cortez: Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP.

SAWAIA, Bader B. (2007). "Família e afetividade: a configuração de uma práxis ético-política, perigos e oportunidades", in ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália Faller (Orgs.). *Família: redes, laços e políticas públicas*. 3ª ed. São Paulo, Cortez: Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP.

SCAVONE, Lucila. *A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais*. Cadernos Pagu, (16) 2001: p. 137-150.

SCHEPER-HUGHES, Nancy (1997). *La muerte sin llanto: violencia y vida cotidiana en Brasil.*Barcelona, Ariel.

SCOTT, Joan. *O enigma da igualdade*. Florianópolis: Revista de Estudos Feministas, 13 (1): 216, jan-abr, 2005.

SEGATO, Rita Laura (2007). *Que cada pueblo teja los hijos de su historia: el argumento Del pluralismo jurídico em diálogocon legisladores.*[s.n.]

_____. *Antropologia e direitos humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais*. Mana, 2006, vol.12 n.1, p.207-236.

SIGAUD, Lygia. *"Fome" e comportamentos sociais: problemas de explicação em antropologia*. Mana, 1995, vol. 1 n. 1, p. 167-175.

SILVA, Inalva Regina da; NÓBREGA, Renata (2008). "Feridas que não cicatrizam", in: SILVA, Lygia Maria Pereira da (Org). *Violência doméstica contra crianças e adolescentes*. 2ª ed. Recife, EDUPE.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (2000). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Ed. Vozes.

SILVA, Vagner Gonçalves da (2006). *O antropólogo e sua magia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

SIMÕES, José Luis (2007). "O código de menores de 1927: estado e assistência infanto-juvenil no Brasil", in MIRANDA, Humberto; VASCONCELOS, Maria Emília (Orgs.). *História da infância em Pernambuco.* Recife, Editora Universitária da UFPE.

SINA, Amália (2005). "A revolução feminina", in: *Mulher e trabalho: o desafio de conciliar diferentes papéis na sociedade*. São Paulo: Saraiva.

SLUZKI, Carlos E. (1997). *A rede social na prática sistêmica*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo, Casa do Psicólogo.

SODRÉ, Muniz (1996). *Reinventando a cultura a comunicação e seus produtos*. Petrópolis. Ed. Vozes.

_____ (1992). *O Social Irradiado*: violência urbana, negrotesco e mídia. São Paulo, Ed. Cortez.

SOLDADO encontra recém-nascida abandonada na Grande SP**. Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 abr. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u119031.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009

SPINELLI, Maria Benita (Org.) (2009). *Atenção humanizada à mulher no ciclo gravídico-puerperal*. Recife, EDUPE- Editora da Universidade de Pernambuco.

STEVENS, Cristina (Org.) (2007). *Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares*. Florianópolis, Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul, EDUNISC.

STOLLER, Roberto J. (1993). *Masculinidade e feminilidade: apresentação do gênero*. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre, Artes Médicas.

STRATHERN, Marilyn (1995). "Necessidades de pais, necessidade de mães". *Revista Estudos Feministas*, v. 3 (2)

SZYMANSKI, Heloisa (2007). "Ser criança: um momento do ser humano", in: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália Faller (Orgs.). *Família: redes, laços e políticas públicas*. 3ª ed. São Paulo, Cortez: Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP.

TAVARES, Adriana Helena Araújo; SCHRAIBER, Lilia Blima; PORTELLA, Ana Paula; SCOTT, Parry (2004). *Gênero e programa saúde da família: um olhar sobre as práticas*. Recife: Coordenadoria da mulher, Gráfica oficial da Prefeitura do Recife..

THERBORN, Göran (2006). *Sexo e poder: a família no mundo 1900 – 2000.* Tradução de Elisabete Dória Bilac. São Paulo, Contexto.

TJ AUMENTA pena de mãe que jogou bebê na Pampulha. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 6 nov. 2007. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=197817&modulo=965>. Acesso em: 1 jul. 2009.

TRIVIÑOS, Augusto N. S.(1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo, Atlas.

VELHO, Gilberto (2004). *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 7ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

VENTURI, Gustavo; RECAMÁM, Marisol; OLIVEIRA, Suely (Orgs.) (2004). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo, Fundação Perseu Abrama.

VIGILANTE encontra bebê recém-nascido no litoral de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 abr. 2006. Seção Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u120699.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2009

WOLF, Mauro (1987). *Teorias da comunicação*. 7ª ed., Lisboa, Ed. Presença.

APÊNDICE A - CASOS DE ABANDONO E INFANTICÍDIO NO PERÍODO DE 2001-2005

Nº	Data da Notícia	Tipificação do caso	Nome da Mãe	Região	Estado
01	22/06/2001	abandono	identificada	Sudeste	Rio de Janeiro
02	24/09/2001	abandono	não identificada	Sudeste	São Paulo
03	30/10/2002	abandono	não identificada	Sudeste	São Paulo
04	23/11/2002	abandono	não identificada	Sudeste	São Paulo
05	12/12/2002	abandono/infanticídio	identificada	Sudeste	Minas Gerais
06	11/08/2004	abandono	não identificada	Sudeste	São Paulo
07	30/09/2004	infanticídio	identificada	Sudeste	Minas Gerais
08	11/11/2004	abandono	não identificada	Sudeste	Minas Gerais
09	22/11/2004	abandono	identificada	Sudeste	São Paulo
10	21/05/2005	abandono	não identificada	Sudeste	Rio de Janeiro
11	01/06/2005	infanticídio	identificada	Nordeste	Pernambuco
12	18/06/2005	abandono	não identificada	Sudeste	São Paulo
13	27/08/2005	abandono	não identificada	Sudeste	São Paulo
14	06/09/2005	infanticídio	identificada	Sudeste	São Paulo
15	11/09/2005	abandono	identificada	Sudeste	São Paulo
16	22/11/2005	abandono	identificada	Sudeste	São Paulo

ANEXO A - LAUDOS DE PERÍCIA TANATOSCÓPICA

04/02/06
12:09

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
SECRETARIA DE DEFESA SOCIAL
DIRETORIA DE POLÍCIA CIENTÍFICA
INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL ANTÔNIO PERSIVO CUNHA

PERÍCIA TANATOSCÓPICA - Nº. 439 / 06

REQUISITADO POR: **12ª CIRC. Ofício** nº. **049/06** Data: **23 de Janeiro de 2006**
ENCAMINHAR PARA : **DP - TEJIPIÓ**

Os Médicos Legistas abaixo assinados, cumprindo determinação do Diretor do Instituto Medico Legal Antônio Persivo Cunha, de acordo com o disposto na legislação vigente, às **12:00** horas do dia **24** de **Janeiro** de 2006, na Seção de Exames Tanatoscópicos, procederam a necroscopia de: **RECÉM NASCIDO** , filho(a) de *** e *** de cor *** , do sexo **feminino** , com cabelos *** ***, barba *** ***, de estado civil *** , aparentando a idade de *** anos, de *** peso, com **43**cm de estatura, natural de *** - *** nacionalidade *** , documento apresentado *** , profissão *** ; vestes **despido** , sinais particulares : *** , local da ocorrência *** , verificaram o que, a seguir, descrevem, pelo que respondem a estes quesitos:

1º Qual a causa da morte? **CAUSA INDETERMINADA.**
2º Qual o instrumento ou o meio que produziu a morte? **Sem elementos para determinar.**
3º Foi ocasionada pelo emprego de veneno, fogo, explosão, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel ou de que possa resultar perigo comum? **Sem elementos para determinar.**

***** HISTÓRICO - DESCRIÇÃO - DISCUSSÃO - CONCLUSÃO*****

***HISTÓRICO: Recém nascido do sexo feminino, encaminhado com referências de ser feto (aborto) aparentando oito meses, sem cabeça. DESCRIÇÃO: Corpo do sexo feminino, em estado de putrefação, com manchas verdes generalizadas, destacamento epidérmico em tronco e membros. Mede quarenta e três centímetros de comprimento. Apresenta avulsão traumática completa do pé esquerdo e braço direito e as bordas dos ferimentos apresentam-se irregulares e mastigados sem reação vital. A cabeça encontra-se parcialmente destruída, encéfalo ausente, múltiplas fraturas dos ossos do crânio. Procedemos abertura do tronco e verificamos vísceras em autólise. Realizada retirada em bloco dos pulmões, brônquios e traquéia para verificação das docimásias respiratórias. Observamos flutuação constante de todo bloco ao ser submesso em água (docimásia positiva). DISCUSSÃO: Em razão do estado de putrefação do corpo, pode ocorrer resultado falso positivo quanto a flutuação dos pulmões em água. As lesões produzidas no corpo foram produzidas após a morte. CONCLUSÃO: Os peritos concluem que não há elementos para determinar a causa-mortis. Realizada documentação fotográfica. Lido e achado correto os médicos legistas que assinam Drs. **OSCAR DUARTE DE CARVALHO JÚNIOR** e **RAIMUNDO ROBERTO QUEIROZ PINHEIRO**

1º Perito
CRM - 7361

2º Perito
CRM - 4598

Chefia do Cartório

INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL
INSTITUTO DE PERNAMBUCO

Rua Marques do Pombal, nº 455, Santo Amaro, Recife-PE. CEP: 50.100-170
Fone: (81) 3301-7235 - FAX: ... E-mail: iml@sds.pe.gov.br

GOVERNO DO ESTADO DE PE
Instituto de ... Persivo Cunha

Ofício Nº 208/08
... 01 10 08

17/06/08
16:15

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
SECRETARIA DE DEFESA SOCIAL
DIRETORIA DE POLÍCIA CIENTÍFICA
INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL ANTÔNIO PERSIVO CUNHA

PERÍCIA TANATOSCÓPICA - Nº. 572 / 08

REQUISITADO POR: **23ª CIRC. - CAVALEIRO** Ofício nº. **011/08** Data: **31 de Janeiro de 2008**

ENCAMINHAR PARA : **A MESMA**

Os Médicos Legistas abaixo assinados, cumprindo determinação do Diretor do Instituto Medico Legal Antônio Persivo Cunha, de acordo com o disposto na legislação vigente, às **13:50** horas do dia **01 de fevereiro** de 2008, na Seção de Exames Tanatoscópicos, procederam a necroscopia de: **IDENTIDADE DESCONHECIDA** , filho(a) de *** e *** de cor **parda** , do sexo **feminino** , com cabelos **castanhos** *, barba *** *, de estado civil *** , aparentando a idade de **26** dias, de * peso, com **55**cm de estatura, natural de * – * nacionalidade * , documento apresentado **OFÍCIO DA DELEGACIA** , profissão * ; vestes **BLUSA BRANCA E CALÇA LARANJA** , sinais particulares : *** , local da ocorrência * , verificaram o que, a seguir, descrevem, pelo que respondem a estes quesitos:

1º Qual a causa da morte? **CHOQUE DECORRENTE DE TRAUMATISMO DA CABEÇA PRODUZIDO POR INSTRUMENTO CONTUNENTE.**

2º Qual o instrumento ou o meio que produziu a morte? **INSTRUMENTO CONTUNDENTE.**

3º Foi ocasionada pelo emprego de veneno, fogo, explosão, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel ou de que possa resultar perigo comum? **(NÃO).**

***** HISTÓRICO - DESCRIÇÃO - DISCUSSÃO - CONCLUSÃO*****

***HISTÓRICO: O corpo que chegou a seção de Exames Tanatoscópicos às 17:40hs do dia 31.01.2008 era procedente da Cidade de Jaboatão dos Guararapes e encaminhado através da Delegacia de Cavaleiro com Ofício nº 011/2008 com data de 31.01.2008 assinado pelo Delegado Belº Antônio Júnior de Lima e Silva, que diz "Encaminho o corpo da menor Lorana Lays Mendes da Silva o qual foi encontrado no interior da residência entre a noite do dia 30 para o dia 31/01/2008, a mãe constatou o fato às 06:00hs da manhã". EXAME EXTERNO: Corpo em rigidez cadavérica, cianose de extremidades, midríase paralítica, resfriamento da pele. Ausência de sinais externos de violência, espancamento ou fraturas. EXAME INTERNO: Cabeça: Realizado incisão bi-mastoidéia com rebatimento do couro cabeludo, constatamos que havia hematoma sub-galeal na região parieto-occipital. Após abertura do crânio, constatamos que havia hemorragia difusa. Tronco: Realizado incisão mento-pubiana com retirada do plastrão condro-esternal, constatamos que as cavidades toraco-abdominal encontrava-se exangue. Pulmões armados e após sua abertura constata-se discreta congesta. Demais órgãos toraco-abdominal sem alterações macroscópicas visíveis. Foi solicitado documentação fotográfica. CONCLUSÃO: Choque decorrente de traumatismo da cabeça produzido por instrumento contundente .

Lido e achado correto os médicos legistas que assinam Drs. **BARTOLOMEU ALEXANDRE PEIXOTO DE SIQUEIRA - CRM 6821 e MARCOS ALEXANDRE JUSTINO DO NASCIMENTO - CRM 9559**

1º Perito

2º Perito

GOVERNO DO ESTADO DE PE Chefia do Cartório

Dig. GP/04

D.P.C.A - Divisão de Homi-

22/1/08

Funcionário Matrícula

Dr Teresa

Rua Marques do Pombal, nº 455, Santo Amaro – Recife-PE - CEP: 50.100-170.
Fone: (81) 3301-7235 - FAX: (81) 3301-7237 Email: iml@sds.pe.gov.br

04/07/08
15:28

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
SECRETARIA DE DEFESA SOCIAL
DIRETORIA DE POLÍCIA CIENTÍFICA
INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL ANTÔNIO PERSIVO CUNHA

PERÍCIA TANATOSCÓPICA - Nº. 2779 / 08

REQUISITADO POR: **DPCA - DIV. HOM. Ofício** nº. **111/08** Data: **30** de **Maio** de **2008**

ENCAMINHAR PARA : **A MESMA**

Os Médicos Legistas abaixo assinados, cumprindo determinação do Diretor do Instituto Medico Legal Antônio Persivo Cunha, de acordo com o disposto na legislação vigente, às **17:10** horas do dia **30** de **maio** de **2008**, na Seção de Exames Tanatoscópicos, procederam a necroscopia de: [redacted], filho(a) de ** e ** de cor **parda** , do sexo **feminino** , com cabelos **pretos** *, barba *** *, de estado civil *** , aparentando a idade de **10** horas, de * peso, com **50**cm de estatura, natural de * – * nacionalidade * , documento apresentado **OFÍCIO DA DELEGACIA, GUIA DE REMOÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE CADÁVER** , profissão * ; vestes **LENÇOL HOPITALAR** , sinais particulares : *** , local da ocorrência * , verificaram o que, a seguir, descrevem, pelo que respondem a estes quesitos:

1º Qual a causa da morte? **CHOQUE DECORRENTE DE TRAUMATISMO DA CABEÇA PRODUZIDO POR INSTRUMENTO CONTUNDENTE.**

2º Qual o instrumento ou o meio que produziu a morte? **INSTRUMENTO CONTUNDENTE.**

3º Foi ocasionada pelo emprego de veneno, fogo, explosão, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel ou de que possa resultar perigo comum? **(NÃO).**

***** HISTÓRICO - DESCRIÇÃO - DISCUSSÃO - CONCLUSÃO*****

***HISTÓRICO: O corpo que chegou a seção de Exame Tanatoscópico às 15:20hs do dia 30/05/08 era procedente do I.M.P. com data de 29/05/2008 e encaminhado através da Dra. Lélia Torres de CRM: 7838 que inicialmente enviou para o S.V.O. que ao ser recebido por Dra. Danielle Lacerda do CRM: 11.449 que diante da Hipótese Diagnóstica do Toco traumatismo e Hematoma extenso na face e luxação da articulação coxo-femural esquerda". EXAME EXTERNO: Corpo em rigidez cadavérica, cianose de extremidades, midríase paralítica, presença de escoriação na hemi-face direita, hematoma na face e luxação da articulação coxo-femural esquerda. EXAME INTERNO: Cabeça: Realizado rebatimento do couro cabeludo sendo encontrado hematoma sub-galeal na frontal e occipital. Após abertura do crânio encontramos hemorragia sub-aracnoideia cm hemorragia difusa. Tronco: Realizado incisão mento-pubiana com retirada do plastrão condro-esternal, constatamos que as cavidades toraco-abdominal encotravam-se exangue e suas vísceras apenas congestas. Foi solicitado fotografia. CONCLUSÃO: Choque decorrente de traumatismo da cabeça produzido por instrumento contundente.

Lido e achado correto os médicos legistas que assinam Drs. **BARTOLOMEU ALEXANDRE PEIXOTO DE SIQUEIRA - CRM 6821** e **ANTÔNIO FERNANDES BERNARDO DE QUEIROZ - CRM 6804**

1º Perito

2º Perito

Chefia do Cartório

Dig. GP/04

Rua Marques do Pombal, nº 455, Santo Amaro – Recife-PE - CEP: 50.100-170.
Fone: (81) 3301-7235 - FAX: (81) 3301-7237 Email: iml@sds.pe.gov.br

18/02/09
09:06

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
SECRETARIA DE DEFESA SOCIAL
DIRETORIA DE POLÍCIA CIENTÍFICA
INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL ANTÔNIO PERSIVO CUNHA

PERÍCIA TANATOSCÓPICA - Nº 0754/09
REQUISITADO POR: **19ª CIRCUNSCRIÇÃO POLICIAL – PRAZERES**
Ofício nº 066/2009 – SC. Data: **10** de **fevereiro** de **2009**

ENCAMINHAR PARA: **19ª CIRCUNSCRIÇÃO POLICIAL – PRAZERES**

O Médico Legista abaixo assinado, cumprindo determinação do Diretor do Instituto Médico Legal Antônio Persivo Cunha, de acordo com o disposto na legislação vigente, às **07:10** horas do dia **11** de **fevereiro de 2009**, na Seção de Exames Tanatoscópicos, procedeu a necroscopia de: **IDENTIDADE DESCONHECIDA,** filho de: **XXX** e de **XXX,** de cor **branca,** do sexo **masculino,** com cabelos **castanhos claros,** barba e bigode **XXX,** de estado civil **XXX,** aparentando a idade de **06 (seis)** meses, de XXX peso, com cerca de **80**cm de estatura, natural de **XXX,** nacionalidade: **XXX,** documento apresentado: **XXX,** profissão: **XXX,** Vestes: **XXX;** sinais particulares: **XXX,** local da ocorrência: **XXX;** a seguir, descreve, pelo que responde a estes quesitos:

1º Qual a causa da morte? **ASFIXIA DE CAUSA INDETERMINADA (SOLICITADOS EXAMES TOXICOLÓGICOS E HISTOPATOLÓGICO).**
2º Qual o instrumento ou o meio que produziu a morte? **ENERGIA DE ORDEM FÍSICO-QUÍMICA.**
3º Foi ocasionada pelo emprego de veneno, fogo, explosão, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel ou de que possa resultar perigo comum? **Sim. Asfixia.**

VIDE VERSO

*** HISTÓRICO - DESCRIÇÃO - DISCUSSÃO - CONCLUSÃO***

***O corpo que chegou na Seção de Exames Tanatoscópicos às 17:15 horas do dia 10.02.2009, procedeu do S.V.O., acompanhado da guia de transferência de cadáver para o IML, assinada pela Dra. Leniêe C. Maia, CREMEPE 5705, datada de 10.02.2009, que informa: "...ausência completa de informações sobre as condições nas quais houve a ocorrência" e do ofício supracitado, assinado pelo Bel. Eduardo Alberto Vilhena Saraiva, Delegado de Polícia, que diz: "...morte a esclarecer...". Óbito em: 10.02.2009. EXAME EXTERNO: Corpo infantil, sexo masculino, apresentando-se em resfriamento, rigidez cadavérica, pupilas em midríase paralítica e opacificação das córneas bilateralmente, cianose labial e subungueais, congestão da face, hipóstases posteriores de tronco e membros. Ausência completa de sinais de violência externamente. EXAME INTERNO: Incisão mento-pubiana com retirada do plastrão esternal, constatei: Traquéia e brônquios principais pérvios; pulmões armados, petéquias sub-pleurais e sub-epicárdicas, fígado pletórico, estômago com resquícios de alimentos de consistência pastosa, coração contendo sangue fluído, de tonalidade escura, em suas câmaras. Incisão bi-mastoideana do couro cabeludo, com rebatimento do mesmo, constatei: Calota craniana íntegra; ausência de hematomas subgaleais; craniotomia revelou: Congestão de vasos leptomeningeos. Solicitado exames histopatológico e toxicológico. COMENTÁRIOS: Diante do quadro necroscópico encontrado, vale salientar que os sinais de asfixia variam e dependem da rapidez com que a parada cardíaca ocorre; quanto mais rápida, menos sinais ficarão no cadáver. A parada cardíaca pode resultar de compressão sobre a região cervical (reflexo vagal), então, o fim, pode ser acelerado; ou ainda, a asfixia decorrente de pressão sobre o tórax, que impede os movimentos

15/09/09
09:25

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
SECRETARIA DE DEFESA SOCIAL
GERÊNCIA GERAL DE POLÍCIA CIENTÍFICA
INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL ANTÔNIO PERSIVO CUNHA

LAUDO TANATOSCÓPICO - Nº. 4499 / 09

REQUISITADO POR: **3º DPPLAN - 2º CHEFIA - OLINDA Ofício nº. 03.02.349/09** Data: **13 de Setembro de 2009**

ENCAMINHAR PARA : **A MESMA** / EPCA / DIV. DE HOMICÍDIOS

O Médico Legista abaixo assinado, cumprindo determinação do Gestor do Instituto Medico Legal Antônio Persivo Cunha, de acordo com o disposto na legislação vigente, às **15:30** horas do dia **13** de **setembro** de 2009, na Seção de Exames Tanatoscópicos, procederam a necroscopia de: **IDENTIDADE DESCONHECIDA** , filho(a) de ** e ** de cor **parda** , do sexo **masculino** , com cabelos **castanhos** **, barba *** **, de estado civil *** , aparentando a idade de **2 MESES** anos, de ** peso, com **60**cm de estatura, natural de ** – ** nacionalidade ** , documento apresentado ** , profissão ** ; vestes **CAMISA BRANCA, SHORT AMARELO DE ALGODÃO E FRALDA DESCARTAVEL** , sinais particulares : ** , local da ocorrência ** , verifica o que, a seguir, descreve, pelo que responde a estes quesitos:

1º Qual a causa da morte? **ASFIXIA POR SUFOCAÇÃO DIRETA (BRONCOASPIRAÇÃO).**
2º Qual o instrumento ou o meio que produziu a morte? **MEIO FÍSICO-QUÍMICO.**
3º Foi ocasionada pelo emprego de veneno, fogo, explosão, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel ou de que possa resultar perigo comum? **SIM, ASFIXIA.**

***** HISTÓRICO - DESCRIÇÃO - DISCUSSÃO - CONCLUSÃO*****

***HISTÓRICO: O corpo que chegou à Secção de Exames Tanatoscópicos do IMLAPC às 13:40 horas do dia 13/09/2009 acompanhava-se de ofício Nº 0302349/2009, da 3º DPPLAN / 2º Chefia / Olinda, datado de 13/09/2009 e assinado pelo Bel. Luiz Henrique Cruz Ferreira, que diz: "... a qual foi encontrada sem vida, dentro de sua residência". DESCRIÇÃO - EXAME EXTERNO: Cadáver de lactente do sexo masculino, bem compleicionado, com resfriamento cutâneo, rigidez cadavérica em involução, midríase paralítica bilateral, livores cadavéricos fixos em dorso e pólo cefálico; presença de secreção hialiana e espumosa fluindo pelas narinas. CAVIDADE TORACO-ABDOMINAL: Após incisão longitudinal mentopubiana com retiradas do plastrão esterno condral, observamos cavidades pleurais e abdominal exangues; presença de secreção hialina e espumosa em brônquios principais (Broncoaspiração); estômago repleto de conteúdo líquido hialino; presença de inúmeras petéquas subpleurais e subpericárdicas. Demais órgãos e tecido da cavidade toraco abdominal não exibiram alterações macroscópicas dignas de nota. CAVIDADE CRANIANA: Após incisão bimastoidea com rebatimento do couro cabeludo, não identificamos hematomas subgaleais ou fraturas de calvária. A craniotomia circular não verificamos hemorragia craniana ou fraturas de base do crânio. DISCUSSÃO / CONCLUSÕES: De acordo com os achados da presente necrópsia, conclui esta perita que a morte foi decorrente de asfixia por sufocação direita (Broncoaspiração). Foi colhida documentação datiloscópica.
Lido e achado correto o médico legista que assina Dr(ª). **LUCIANA PINTO LUCENA – CRM 11833**

Luciana Pinto
Perito

INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL - PERSIVO CUNHA - ESTADO DE PERNAMBUCO

Chefia do Cartório

Dig. LAA-06

Rua Marques do Pombal, nº 455, Santo Amaro – Recife-PE - CEP: 50.100-170.
Fone: (81) 3301-7235 - FAX: (81) 3301-7237 Email: iml@sds.pe.gov.br

ANEXO B - RELATÓRIOS DE INQUÉRITO POLICIAL

POLÍCIA CIVIL DE PERNAMBUCO
GERÊNCIA DE POLICIA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
DIVISÃO DE HOMICIDIOS

RELATÓRIO DE INQUERITO POLICIAL Nº 604 / 2006

Ref.: **Inquérito Policial nº. 604 / 2006.**
Vítima: **RN DE IDENTIDADE DESCONHECIDA.**
Data, hora e local do Fato: **12.08.2006, por volta das 12h, no quintal de uma residência situada no bairro de Campo Grande – Recife – PE.**
DILIGÊNCIAS POLICIAIS.

M.M. JUIZ DE DIREITO

Em 28 de dezembro de 2006, instaurou-se o presente procedimento policial por força de **PORTARIA**, nesta Divisão de Homicídios da Gerência de Polícia da Criança e do Adolescente, porquanto a autoridade tomou conhecimento através da Perícia Tanatoscópica nº. 3715/06, do IML, que noticiou que um recém-nascido foi trazido por uma senhora ao Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros (CISAM). A tal senhora encontrou o bebê dentro de uma mochila escolar, envolto em lençóis úmidos.

Diante das informações contidas no referida Perícia, tomaram-se medidas para que fosse instaurado o presente Inquérito Policial, visando apurar o fato narrado, iniciando-se as ouvidas das testemunhas que forneceram informações para os autos deste procedimento policial, com vistas à individualização da autoria, circunstâncias e motivação delitiva buscada por este procedimento inquisitorial em relação à vítima dos autos, que se encontrava com dois dias de nascida.

POLÍCIA CIVIL DE PERNAMBUCO
GERÊNCIA DE POLICIA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
DIVISÃO DE HOMICIDIOS

CONTINUAÇÃO DO RELATORIO FINAL DO IP Nº. 604 / 2006 FL. 02

Foram tomados os termos de depoimentos e declarações prestados nos autos deste procedimento policial das pessoas de: [redacted] e [redacted] devidamente inseridas no bojo destes autos, convergindo os depoimentos coletados aos autos com o fato que será narrado neste relatório.

Com as ouvidas, coletaram-se as seguintes informações sobre o ocorrido: a tal senhora que constava na Perícia era [redacted] que em agosto de 2006, morava sozinha e, por esse motivo, preferiu desocupar a casa onde morava – na Avenida Professor José dos Anjos – para ir morar com sua mãe juntamente com outros familiares.

No dia 12 de agosto de 2006, por volta do meio-dia, [redacted] foi a casa onde morava para verificar se tudo estava bem. No caminho, precisamente no beco que dá acesso à sua casa, ouviu "uns chiados fininhos tipo um gato miando meio esquisito". Ao procurar saber de onde vinham e o que eram os chiados, viu ao pé de uma palmeira um bebê dentro de uma mochila escolar, envolto em lençóis úmidos, ainda sujo com restos de parto e de sangue.

Rapidamente, [redacted] levou a mochila para casa de sua mãe. Lá encontrou sua irmã [redacted], e juntas votaram à casa em que foi encontrado o bebê, mas não acharam ninguém que pudesse se responsabilizar pelo recém-nascido.

Logo depois, as irmãs levariam o bebê de táxi ao hospital mais próximo, para que ele recebesse os primeiros socorros. Este hospital mais próximo seria o CISAM.

POLÍCIA CIVIL DE PERNAMBUCO
GERÊNCIA DE POLICIA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
DIVISÃO DE HOMICIDIOS

CONTINUAÇÃO DO RELATORIO FINAL DO IP Nº. 604 / 2006 FL. 03

No CISAM, os médicos informaram, posteriormente, às irmãs que o recém-nascido aparentava ter nascido de sete meses e que a genitora dele não teve o cuidado de amarrar o cordão umbilical e, por esse motivo, a criança tinha perdido muito sangue.

A assistente social numa conversa informal perguntou às duas irmãs se elas não gostariam de ficar com o bebê, elas responderam que sim, se fosse possível..

Foi expedida uma Ordem de Serviço, para que soubéssemos se [redacted] ou [redacted] estavam grávidas na época do fato, porque [redacted] tinha um interesse exagerado pelo estado de saúde do recém-nascido, como ela própria fala, em depoimento, que *"que ficou ligando para Maternidade para saber notícias do bebê"* e que *"foi até à Maternidade, pois gostaria de ver o recém-nascido pela última vez, não sendo autorizada voltou para casa"*; contudo – em parte de serviço – policiais desta divisão informaram que tanto [redacted] quanto [redacted] não estavam grávidas, quando encontraram o recém-nascido no ano de 2006. Com isso, foi embora a nossa mais preciosa suspeita.

[redacted] – em depoimento nesta especializada – disse que *"se houvesse alguma mulher grávida na rua onde o bebê foi encontrado, ela saberia, pois não tem como esconder esse fato dos demais moradores"*.

Quanto à motivação do abandono (ou aborto) e sua autoria, por uma questão espaço-temporal, ficamos impossibilitados de esclarecer, haja vista que o fato delituoso se deu no ano de 2006, e não temos maiores detalhes sobre o acontecido, além do depoimento das irmãs [redacted] e [redacted]. Não sabendo, dessa forma, apontar um suspeito, para que conseqüentemente tivéssemos uma indiciada ou um indiciado.

POLÍCIA CIVIL DE PERNAMBUCO
GERÊNCIA DE POLICIA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
DIVISÃO DE HOMICIDIOS

CONTINUAÇÃO DO RELATORIO FINAL DO IP Nº. 604 / 2006 FL. 04

A sociedade continua refém de seus próprios erros, e não se sabe em que circunstâncias, não assume as conseqüências de seus atos. Por isso, a elucidação de um caso de abandono ou de aborto, se não tivermos o auxílio de terceiros, fica difícil ou quase impossível, mesmo porque geralmente a pessoa que abandona um bebê não o faz na área em que mora, temendo represálias.

Do exposto, considerando tudo o que fora adicionado aos autos, nas ouvidas que foram realizadas, fora identificada a conduta típica do crime cometido, mas que devido ao tempo transcorrido tornou-se inviável a indicação da autoria delitiva, motivo pelo qual resolvo encaminhar os autos na forma de DILIGÊNCIA POLICIAL.

Providencie-se, com as cautelas de praxe, mediante comunicação interna, o envio à Coordenação dos Procedimentos Policiais – UNICOPPOL, para os fins legais, observando que a remessa dos autos deverá ser feita para uma das Varas Privativa dos Crimes Praticados Contra Criança e Adolescente.da Comarca de Recife – PE, porquanto a vítima dos autos, na época, era um recém-nascido.

É o Relatório.

Recife, 12 de dezembro de 2008.

Dr. GUSTAVO RAMOS SILVA
Delegada de Polícia

ANEXO C - ALGUNS DADOS E ESTATÍSTICAS

NOFE
Núcleo de Orientação e Fiscalização de Entidades

ESTATÍSTICA JULHO/2008

DADOS PARA DIVULGAÇÃO

FAIXA ETÁRIA	
0 a 3	67
3 a 6	51
6 a 12	109
12 a 18	186
Maior	36
TOTAL	449

TEMPO DE PERM.	
Até 2	332
2 a 5	70
Mais de 5	47
TOTAL	449

PROCESSO	
C/ Sent	45
Andam.	247
N/ Tem	157
TOTAL	449

SEXO	
Masculino	264
Feminino	185
TOTAL	449

RECEBE VISITA	
Sim	189
Não	260
TOTAL	449

ORIGEM	
Recife	298
Outros	151
TOTAL	449

MOTIVOS DE ABRIGAMENTO	
Violência Doméstica	166
Abandono	169
Situação de Rua	78
Ameça	25
Orfandade	5
Abuso Sexual	6
TOTAL	449

DESABRIGAMENTO	
Adoção Nacional	7
Adoção Internacional	0
Guarda	3
Tutela	0
Retorno Familiar	28
Transferência	10
Recambiamento	3
Óbito	0
GPCA	4
Maioridade	1
Evasões	38
TOTAL	94

FLUXO	
Abrigados	449
Desabrigados	94
Permaneceram	355

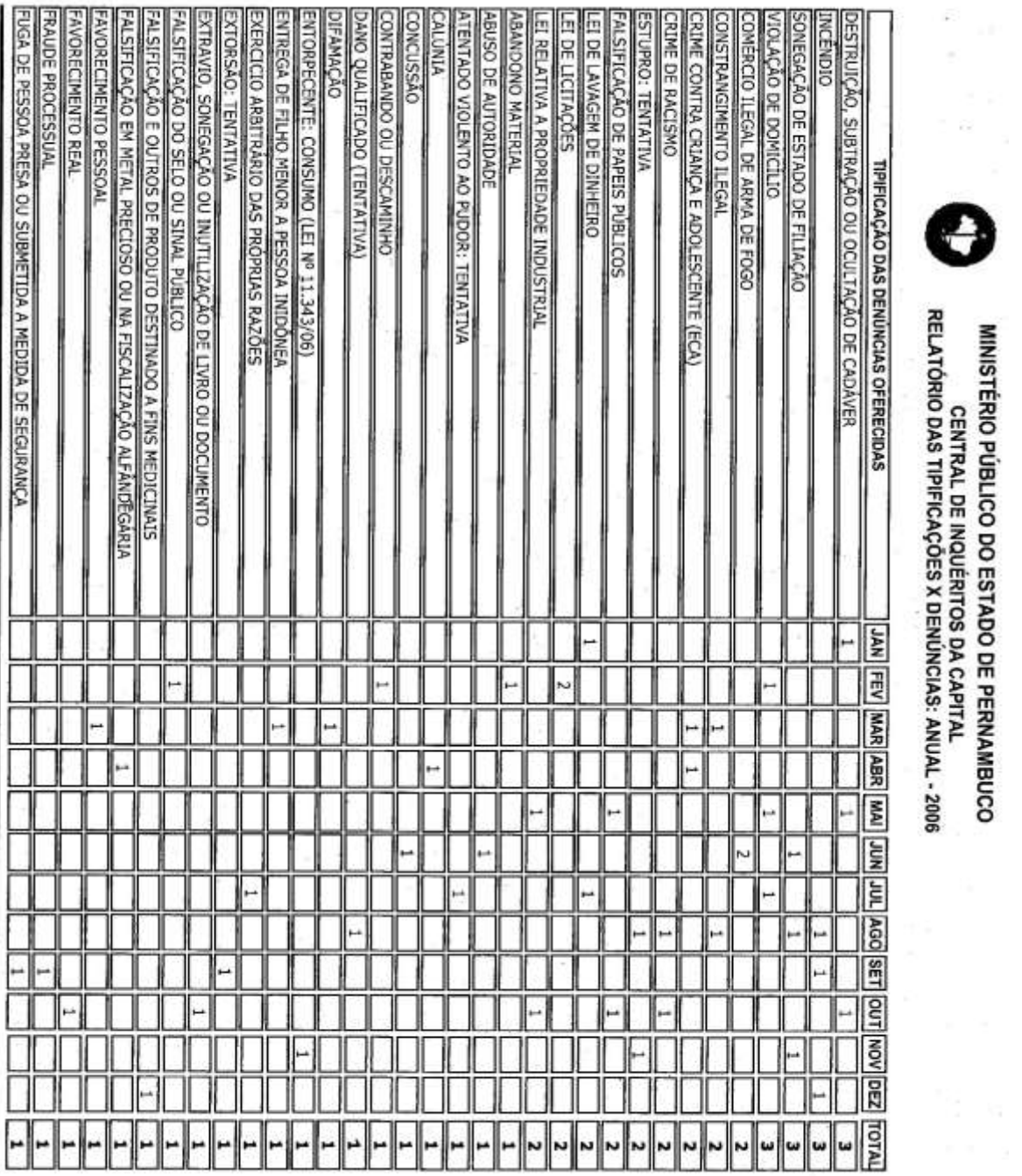
PODER JUDICIÁRIO DO ESTADO DE PERNAMBUCO – CENTRO INTEGRADO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
1ª VARA DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE DA CAPITAL
Rua João Fernandes Vieira,405, Boa Vista. CEP : 50050-200
FONES: (081) 3412.3021 - (081) 3412.3003
e-mail : nofetjpe@hotmail.com

Centro Integrado da Criança e do Adolescente
1ª Vara da Infância e da Juventude
Núcleo de Orientação e Fiscalização de Entidades - N.O.F.E.
Rua João Fernandes Vieira, 405- Boa Vista.
CEP: 50050-200

CATEGORIZAÇÃO DOS MOTIVOS DE ABRIGAMENTO

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	• Maus tratos • Negligência • Cárcere Privado • Uso de drogas (Genitores ou resp.) • Alcoolismo • Atentado violento ao pudor • Prostituição • Situação de violência psicológica • Exploração do trabalho infantil
ABANDONO	Pais (responsáveis) impossibilitados de exercer as funções: • Presos • Hospitalizados • Doença física grave • Doença mental Crianças Perdidas com endereço incerto e não sabido dos genitores.
SITUAÇÃO DE RUA	• Fugas constantes do lar • Vivência de rua • Uso de drogas • Mendicância • Risco Social • Exploração Sexual
VIOLÊNCIA SOCIAL	• Miserabilidade • Mendicância dos genitores
ORFANDADE	• Pai e/ou Mãe falecidos
ABUSO SEXUAL	• Abuso Sexual

ANEXO D – RELATÓRIO DAS TIPIFICAÇÕES *VERSUS* DENÚNCIAS – MPPE



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
CENTRAL DE INQUÉRITOS DA CAPITAL
RELATÓRIO DAS TIPIFICAÇÕES X DENÚNCIAS: ANUAL - 2006

TIPIFICAÇÃO DAS DENÚNCIAS OFERECIDAS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
DESTRUIÇÃO, SUBTRAÇÃO OU OCULTAÇÃO DE CADÁVER	1			1						1			3
INCÊNDIO								1	1			1	3
SONEGAÇÃO DE ESTADO DE FILIAÇÃO					1		1			1			3
VIOLAÇÃO DE DOMICÍLIO		1		1		1							3
COMÉRCIO ILEGAL DE ARMA DE FOGO					2								2
CONSTRANGIMENTO ILEGAL			1				1						2
CRIME CONTRA CRIANÇA E ADOLESCENTE (ECA)			1	1									2
CRIME DE RACISMO							1		1				2
ESTUPRO: TENTATIVA								1		1			2
FALSIFICAÇÃO DE PAPEIS PUBLICOS				1					1				2
LEI DE LAVAGEM DE DINHEIRO	1					1							2
LEI DE LICITAÇÕES		2											2
LEI RELATIVA A PROPRIEDADE INDUSTRIAL				1					1				2
ABANDONO MATERIAL		1											1
ABUSO DE AUTORIDADE					1								1
ATENTADO VIOLENTO AO PUDOR: TENTATIVA						1							1
CALÚNIA			1										1
CONCUSSÃO					1								1
CONTRABANDO OU DESCAMINHO		1											1
DANO QUALIFICADO (TENTATIVA)							1						1
DIFAMAÇÃO			1										1
ENTORPECENTE: CONSUMO (LEI Nº 11.343/06)										1			1
ENTREGA DE FILHO MENOR A PESSOA INIDÔNEA			1										1
EXERCICIO ARBITRÁRIO DAS PRÓPRIAS RAZÕES						1							1
EXTORSÃO: TENTATIVA								1					1
EXTRAVIO, SONEGAÇÃO OU INUTILIZAÇÃO DE LIVRO OU DOCUMENTO									1				1
FALSIFICAÇÃO DO SELO OU SINAL PUBLICO		1											1
FALSIFICAÇÃO E OUTROS DE PRODUTO DESTINADO A FINS MEDICINAIS											1		1
FALSIFICAÇÃO EM METAL PRECIOSO OU NA FISCALIZAÇÃO ALFANDEGARIA			1										1
FAVORECIMENTO PESSOAL			1										1
FAVORECIMENTO REAL										1			1
FRAUDE PROCESSUAL								1					1
FUGA DE PESSOA PRESA OU SUBMETIDA A MEDIDA DE SEGURANÇA									1				1

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
CENTRAL DE INQUÉRITOS DA CAPITAL
RELATÓRIO DAS TIPIFICAÇÕES X DENÚNCIAS: ANUAL - 2007

TIPIFICAÇÃO DAS DENÚNCIAS OFERECIDAS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
SUPRESSÃO DE DOCUMENTO							1	1				1	3
ARMA DE FOGO				1							1		2
CONCUSSÃO	1				1								2
CONSTRANGIMENTO ILEGAL					1				1				2
CORRUPÇÃO PASSIVA										1		1	2
CRIME CONTRA ORDEM ECONÔMICA		1						1					2
DESTRUIÇÃO, SUBTRAÇÃO OU OCULTAÇÃO DE CADÁVER		1			1								2
DIFAMAÇÃO										2			2
EXERCÍCIO ARBITRÁRIO DAS PRÓPRIAS RAZÕES		1						1					2
FUGA DE PESSOA PRESA OU SUBMETIDA A MEDIDA DE SEGURANÇA			1	1									2
INCÊNDIO			1									1	2
PROTEÇÃO DO CONSUMIDOR						1						1	2
SEQUESTRO E CÁRCERE PRIVADO				1				1					2
ABANDONO DE INCAPAZ											1		1
ABANDONO MATERIAL		1											1
ABUSO DE AUTORIDADE						1							1
ADULTÉRIO							1						1
ATENTADO VIOLENTO AO PUDOR: TENTATIVA										1			1
ATO OBSCENO										1			1
CALÚNIA								1					1
COMÉRCIO ILEGAL DE ARMA DE FOGO				1									1
COMUNICAÇÃO FALSA DE CRIME OU CONTRAVENÇÃO							1						1
CRIME CONTRA A ECONOMIA POPULAR												1	1
CRIME CONTRA MEIO AMBIENTE, CONSUMIDOR E BENS DE DIREITO DIVERSOS									1				1
DANO QUALIFICADO (TENTATIVA)										1			1
EMPREGO IRREGULAR DE VERBAS OU RENDAS PÚBLICAS										1			1
ENTORPECENTE: ASSOCIAÇÃO DE 02 OU MAIS PESSOAS					1								1
EXERCÍCIO ILEGAL DA MEDICINA, ARTE DENTÁRIA OU FARMACÊUTICA	1												1
EXPLOSÃO			1										1
FACILITAÇÃO DE CONTRABANDO OU DESCAMINHO								1					1
FAVORECIMENTO DA PROSTITUIÇÃO										1			1
FAVORECIMENTO REAL											1		1
FRUSTRAÇÃO DE DIREITO ASSEGURADO POR LEI TRABALHISTA									1				1

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
CENTRAL DE INQUÉRITOS DA CAPITAL
RELATÓRIO DAS TIPIFICAÇÕES X DENÚNCIAS: ANUAL - 2008

TIPIFICAÇÃO DAS DENÚNCIAS OFERECIDAS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
INJÚRIA				1			1			1	15	1	**19**
FALSIFICAÇÃO EM METAL PRECIOSO OU NA FISCALIZAÇÃO ALFÂNDEGÁRIA										7	7	4	**18**
ESTELIONATO: TENTATIVA	2		1	1	2		1	1	3	4	1	1	**17**
ADULTERAÇÃO DE SINAL IDENTIFICADOR DE VEÍCULO AUTOMOTOR	1	1		1			3	1	3	1	4	1	**16**
FALSIFICAÇÃO DE DOCUMENTO PÚBLICO	2	3	3			4					3	1	**16**
POSSE IRREGULAR DE ARMA DE FOGO DE USO PERMITIDO	3	6	2	2	1					1	1		**16**
VIOLAÇÃO DE DOMICÍLIO	2	1			4	1		2	1		4	1	**16**
CRIME CONTRA O MEIO AMBIENTE		1		2					4	4	3		**14**
OUTRAS SUBSTÂNCIAS NOCIVAS À SAÚDE	1	1	1	2	1	1		1	1	1	2		**12**
CORRUPÇÃO ATIVA	3		1		1		1	2	1	1		1	**11**
EXTORSÃO		1	1					2	1	1	4	1	**11**
FALSIDADE DE ATESTADO MÉDICO		2							1	4	1	2	**10**
LATROCÍNIO	1				1			1		6		1	**10**
COAÇÃO NO CURSO DO PROCESSO	1	1	2		1					2	1		**8**
CRIME CONTRA CRIANÇA E ADOLESCENTE (ECA)	1			1	1	1		1	1	1		1	**8**
DENUNCIAÇÃO CALUNIOSA	1	1	1			1	1			1	1	1	**8**
DESACATO	1					1	1	2		2	1		**8**
DUPLICATA SIMULADA	1	1	2	1		2		1					**8**
PECULATO	1	1	1					1			3		**7**
REPRODUÇÃO OU ADULTERAÇÃO DE SELO OU PEÇA FILATÉLICA			1					1			3	2	**7**
DESOBEDIÊNCIA	1					1		1	1	1	1		**6**
DIFAMAÇÃO										2	3	1	**6**
ESTUPRO: TENTATIVA	1				3			1					**5**
ATENTADO VIOLENTO AO PUDOR: TENTATIVA			1	1						1	1		**4**
CRIME CONTRA O IDOSO								3	1				**4**
FALSIFICAÇÃO E OUTROS DE PRODUTO DESTINADO A FINS MEDICINAIS			1	1					1		1		**4**
INCÊNDIO		2						1			1		**4**
SEQUESTRO E CÁRCERE PRIVADO	1		1					1				1	**4**
ABANDONO MATERIAL							1		1			1	**3**
ATENTADO CONTRA A SEGURANÇA DE SERVIÇO DE UTILIDADE PÚBLICA											3		**3**
CONCUSSÃO			1		1					1			**3**
CORRUPÇÃO DE MENORES (CPB)										3			**3**
CRIME CONTRA ORDEM ECONÔMICA												3	**3**

ANEXO E - RELATÓRIO DE PROCESSOS DISTRIBUÍDOS – 2ª VARA DA INFÂNCIA E JUVENTUDE/TJPE

2ª Vara

Poder Judiciário
Tribunal de Justiça de Pernambuco

Página 001
Emitido em 08/01/2009

Relatório de Processos Distribuídos
Comarca: Recife
Periodo: 08/09/2008 a 08/01/2009

Feito: Ameaça — **Total:** 3
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital — Qtd.: 3

Feito: Atentado Violento Ao Pudor — **Total:** 146
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital — Qtd.: 146

Feito: Auto de Prisão em Flagrante — **Total:** 32
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital — Qtd.: 32

Feito: Ação Penal - Procedimento Ordinário — **Total:** 10
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital — Qtd.: 10

Feito: Carta Precatória — **Total:** 1
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital — Qtd.: 1

Feito: Corrupção de Menores — **Total:** 18
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital — Qtd.: 18

Feito: Estupro — **Total:** 65
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital — Qtd.: 65

Feito: Furto — **Total:** 12
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital — Qtd.: 12

Feito: Homicídio Consumado — **Total:** 11
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital — Qtd.: 11

Feito: Homicídio Culposo — **Total:** 18
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital — Qtd.: 18

Feito: Homicídio Doloso — **Total:** 35
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da — Qtd.: 35

Capital

Feito: Injúria **Total:** 1
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital Qtd.: 1

Feito: Inquérito Policial **Total:** 162
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital Qtd.: 162

Feito: Lei 9.503/97 - Trânsito **Total:** 5
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital Qtd.: 5

Feito: Lesão Corporal **Total:** 28
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital Qtd.: 28

Feito: Lesão Corporal Seguida de Morte **Total:** 1
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital Qtd.: 1

Feito: Maus Tratos **Total:** 10
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital Qtd.: 10

Feito: Outras Diligências **Total:** 1
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital Qtd.: 1

Feito: Outros Crimes **Total:** 12
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital Qtd.: 12

Feito: Pedido de Prisão Preventiva **Total:** 1
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital Qtd.: 1

Feito: Roubo **Total:** 67
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital Qtd.: 67

Feito: Sedução **Total:** 4
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital Qtd.: 4

Feito: Seqüestro ou Cárcere Privado **Total:** 3
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital Qtd.: 3

Feito: Tentativa de Estupro **Total:** 3
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital Qtd.: 3

Feito: Tentativa de Homicidio **Total:** 27
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital Qtd.: 27

Feito: Tentativa de Roubo **Total:** 1
Vara: Segunda Vara dos Crimes contra Criança e Adolescente da Capital Qtd.: 1

Total Geral: 677

102 - Tribunal do Juri

ANEXO F - CRIMES PRATICADOS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

REGISTROS DE CRIMES NA DELEGACIA ESPECIALIZADA E PLANTÃO-GPCA POR TIPO DE CRIME

Abandono de Incapaz	13	32	29	13
Abandono Intelectual	4	4	4	2
Abandono Material	19	13	8	3
Ameaça	563	667	668	143
Atentado Violento ao Pudor	334	294	339	73
Ato Obsceno	11	32	24	6
Calúnia, Difamação e Injúria	623	742	759	234
Cárcere Privado	9	6	10	1
Constrangimento Ilegal	127	129	122	27
Corrupção de Menores	196	101	110	27
Estupro	171	169	153	53
Favorecimento da Prostituição e Prostituição Infantil	21	13	3	0
Fornecer Substância Nociva a Saúde	36	13	13	5
Furto	34	22	20	7
Homicídio	25	18	9	0
Lesão Corporal e Vias de Fato	1.365	1.242	1.198	283
Maus-Tratos	924	673	454	116
Rapto	0	-	0	0
Rapto Consensual	12	-	0	0
Roubo	60	46	62	15
Sedução	10	-	0	0
Sonegação/Subtração de Incapaz	56	48	72	15
Tentativa de Estupro	14	13	12	1
Tentativa de Homicídio	40	26	15	5
Outros	246	349	527	163
TOTAL	**4.913**	**4.652**	**4.611**	**1.192**

(*) Jan a Mar de 2008.

Fonte: http://www.policiacivil.pe.gov.br/gpca/vitim.html

ANEXO G -NOTÍCIAS DE CASOS DE ABANDONO E INFANTICÍDIO NOS ANOS ANTERIORES

22/06/2001
Bebê é abandonado em jardim de prédio no Rio
Fonte: Folha de São Paulo

24/09/2001
Bebê é encontrado em caçamba de carro na zona norte de SP
Fonte: Folha Online

30/10/2002
Lins (SP) registra abandono de recém-nascido após três anos
Fonte: Folha Online

23/11/2002
Dois bebês recém-nascidos são encontrados no lixo em São Paulo
Fonte: Agora São Paulo

12/12/2002
Crianças são abandonadas em casa e bebê morre em MG, diz polícia
Fonte: Folha Online

11/08/2004
Auxiliar salva bebê prematuro deixado em lixo
Fonte: Agora São Paulo

30/09/2004
Polícia encontra feto dentro de saco plástico em MG
Fonte: Folha Online

11/11/2004
Recém-nascido é abandonado em hospital de MG
Fonte: Folha Online

22/11/2004
Jovem é acusada de abandonar filho recém-nascido no quintal de casa
Fonte: Folha Online

21/05/2005
Policial encontra bebê com cerca de três meses no Leblon
Fonte: Folha Online

01/06/2005
Bebê é enterrado no quintal de casa no Recife; pais são suspeitos
Fonte: JC OnLine/Com informações da TV Jornal

18/06/2005

Bebê de oito meses é abandonado na zona norte de São Paulo
Fonte: Folha Online

27/08/2005
Bebê é abandonado em caixa de papelão
Fonte: Agora São Paulo

06/09/2005
Empregada doméstica é presa por tentar envenenar bebê
Fonte: JC OnLine

11/09/2005
Mãe abandona filha de dois dias de idade em quarto de hotel
Fonte: Folha Online

22/11/2005
Bebê é abandonado em ônibus de São Paulo
Fonte: Folha Online

ANEXO H - NOTÍCIAS DOS CASOS DE ABANDONO E INFANTICÍDIO VEICULADO NO BRASIL NO PERÍODO DE 2006-2008

31/01/2006 - 12h50
Homem poderá assumir paternidade de bebê achado boiando em lagoa
Fonte: Folha Online

01/02/2006, às 22h32
Recém-nascida é encontrada embaixo de carro no Maranhão
Fonte: Folha Online

01/02/2006 - 12h25
Polícia prende suspeita de jogar recém-nascida em canal no RS
Fonte: Folha Online

01/02/2006, às 07h31
Bebê é encontrada na calçada em Belo Horizonte
Fonte: Folha Online

08/02/2006, às 16h15
Outra mãe é presa ao abandonar recém-nascida no Rio
Fonte: Diário do Grande ABC

14/02/2006 - 17h22
Mãe abandona filha recém-nascida no interior de São Paulo
Fonte: Folha Online

15/02/2006 - 11h33
Mãe abandona bebê em caixa de papelão na zona sul de São Paulo
Fonte: Folha Online

03/03/2006 - 17h35
PM encontra recém-nascido abandonado em Minas
Fonte: Folha Online

04/03/2006 - 16h25
Soldado encontra recém-nascida abandonada na Grande SP
Fonte: Folha Online

04/03/2006 - 14h08
Homem encontra recém-nascida em cemitério do interior de SP
Fonte: Folha Online

02/04/2006 - 17h32
Recém-nascida é encontrada abandonada em lixeira no interior de SP
Fonte: Folha Online

05/04/2006 - 15h57
Polícia prende mãe suspeita de matar filho recém-nascido em SP

Fonte: Folha Online

10/04/2006 - 08h29
Funcionária encontra bebê abandonado em banheiro da CPTM
Fonte: Agência Folha

13/04/2006 - 16h41
Faxineira encontra recém-nascida abandonada em posto de saúde
Fonte: Folha Online

14/04/2006 - 23h46
Mulher encontra recém-nascida dentro de caixa em Embu
Fonte: Folha Online

23/04/2006 - 09h22
Vigilante encontra bebê recém-nascido no litoral de SP
Fonte: Agência Folha

29/04/2006 - 20h15
Bebê é encontrado morto na periferia do Guarujá
Fonte: Folha Online

09/05/2006, às 20h01
Mãe é presa sob acusação de tentar matar recém-nascido de fome
Fonte: Do JC OnLine/Com informações da TV Jornal

10/05/2006 - 23h21
Polícia prende acusada de matar filha recém-nascida em São Paulo
Fonte: Folha Online

19/05/2006 - 12h39
Polícia encontra duas crianças deixadas em lixeira em MG
Fonte: Folha Online

22/05/2006 - 14h09
PM encontra recém-nascida abandonada em Belo Horizonte
Fonte: Folha Online

25/05/2006 - 20h52
Mulher abandona bebê próximo a viaduto no centro de São Paulo
Fonte: Folha Online

26/05/2006 - 14h25
Policiais encontram recém-nascido abandonado em Belo Horizonte
Fonte: Folha Online

19/06/2006, às 16h24
Recém-nascida é encontrada morta em quintal de casa abandonada
Fonte: Do JC OnLine/Com informações de Cidades/JC

29/06/2006 - 20:54
Recém-nascido é localizado em córrego na Zona Leste de São Paulo
Fonte: Diário do nordeste

01/08/2006, às 22h01
Bebê é abandonado no banco de uma praça em Ribeirão Preto
Fonte: Diário do Grande ABC

17/08/2006 - 12h55
Dono de bar encontra bebê abandonado em banheiro em São Paulo
Fonte: Folha Online

22/09/2006 - 08h51
Polícia encontra bebê em caixa de papelão no centro de São Paulo
Fonte: Agência Folha

25/09/2006 - 09h21
Gêmeas de 8 meses morrem envenenadas pela própria mãe
Fonte: Folha de S.Paulo, no Rio

11/09/2006
Bebê de dois meses é deixado na rua
Fonte: JC

10/10/2006, às 09h01
Bebê é encontrado enterrado em toca de tatu em Curitiba
Fonte: Agência Estado

10/11/2006, às 11h59
Recém-nascido é atirado de prédio em Salvador
Fonte: Agência Estado

10/11/2006, às 16h05
Bebê é abandonado no lixo na Grande São Paulo
Fonte: Diário do Grande ABC

15/01/2007, às 07h09
Casal é preso por suspeita de negligência em Araçoiaba
Fonte: JC

22/01/2007 - 11h22
Polícia prende suspeita de ter matado e enterrado filho após o parto
Fonte: Folha Online

31/01/2007, às 18h48
Recém-nascido é abandonado dentro de mochila em São Paulo
Fonte: Agência Estado

03/02/2007 - 10:39
Bebê é encontrado morto em terreno baldio
Fonte: Diário do nordeste

05/02/2007 - 00h47
Bebê é abandonado em terreno baldio no interior de SP
Fonte: Agência Folha

08/02/2007 - 15:51
Bebê é encontrado morto em uma lixeira
Fonte: Diário do nordeste

22/02/2007 - 10h59
Bebê é abandonado dentro de saco plástico em trilha no interior de SP
Fonte: Folha Online

09/03/2007 - 17h47
Bebê de poucas horas de vida é encontrado no interior de SP
Fonte: Folha Online

02/04/2007 - 17:51
Bebê é achado na porta de açougue em Sorocaba-SP
Fonte: Diário do nordeste

04/04/2007 - 06h36
Recém-nascida é abandonada em terreno baldio de SP
Fonte: Folha Online

30/04/2007 - 15:00
Bebê enterrado vivo é salvo por parentes
Fonte: Diário do nordeste

19/05/2007 - 11h22
Recém-nascido é abandonado em Belo Horizonte
Fonte: Folha Online

02/06/2007 - 10:25
Após mentir, mãe assume ter ocultado corpo de bebê
Fonte: Diário do nordeste

12/06/2007 - 22:29
Mãe que matou recém-nascida em Maranguape recebe alta
Fonte: Diário do nordeste

12/06/2007 - 14h22
GCM encontra bebê em lixo de mercado municipal em São Paulo
Fonte: Folha Online

03/07/2007 - 16h01
PM encontra bebê abandonado em rua da região central de São Paulo
Fonte: Folha Online

05/07/2007 - 10h42
Menino recém-nascido é encontrado em bueiro no interior de SP
Fonte: Folha Online

13/07/2007 - 17h02
Mãe abandona recém-nascida em motel de Mato Grosso
Fonte: Folha Online

14/07/2007 - 13h26
PM encontra bebê recém-nascido abandonado em rua de SP
Fonte: Folha Online

16/07/2007 - 16:57
Corpo de recém-nascido é encontrado em saco de lixo
Fonte: Diário do nordeste

30/07/2007 - 18:18
Mãe sai para boate e bebê morre sozinho em casa
Fonte: Diário do nordeste

16/08/2007 - 13h32
Mãe abandona bebê em terreno baldio após parto em Minas
Fonte: Folha Online

21/08/2007 - 15:09
Mãe mata filha de 8 meses para se vingar do marido
Fonte: Diário do nordeste

29/08/07 - 16h35 - Atualizado em 30/08/07 - 14h15
Irmãs encontram bebê em caixa de sapatos
Fonte: Folha Online

09/09/2007 - 19h18
Bebê é encontrado abandonado debaixo de carro no Rio
Fonte: Folha Online

Crueldade
Bebê abandonado em mata fechada de Camaragibe
Publicado em 21.09.2007, às 07h55
Fonte: Do JC OnLine/Com informações da Rádio Jornal/TV Jornal

30/09/2007 - 19h36
Bebê jogado em rio é resgatado com vida em Minas
Fonte: Folha Online

02/10/07 - 16h42 - Atualizado em 03/10/07 - 09h21
Recém-nascido é encontrado em lixeira em Taboão da Serra
Fonte: Folha Online

02/10/2007 - 18h59
Bebê é encontrado abandonado em lata de lixo na Grande São Paulo
Fonte: Folha Online

06/10/2007 - 19h24
Recém-nascido é encontrado morto em Itapetininga
Fonte: Folha Online

07/10/2007 - 17h57
Recém-nascida é abandonada em porta de casa em Ibirité (MG)
Fonte: Folha Online

10/10/2007 - 16:46
Corpo de bebê é encontrado em depósito de lixo em MG
Fonte: Diário do nordeste

10/10/2007 - 15:00
Bebê é encontrado morto em depósito de lixo na BA
Fonte: Diário do nordeste

Outro caso
10/10/2007
Bebê localizado atrás de um carro na Estação da Lapa (BA)
Fonte: Diário do nordeste

13/10/2007 - 14h31
Mãe é suspeita de jogar filhas em cisterna em Santo Hipólito (MG)
Fonte: Folha Online

14/10/2007 - 13h33
Bebê é encontrado morto dentro de armário em Atibaia (SP)
Fonte: Folha Online

18/10/2007 - 15h22
Polícia prende suspeita de jogar bebê no lixo em Monte Sião (MG)
Fonte: Folha Online

05/11/2007, às 12h36
Mais duas crianças recém-nascidas são abandonadas em Pernambuco
Fonte: JC OnLine/Com informações da TV Jornal

30/11/2007 - 16:00
Recém-nascido é achado em lata de lixo em Jacareí-SP
Fonte: Diário do nordeste

01/12/2007

Mãe confessa o assassinato de bebê de 11 dias
Fonte: JC

10/12/2007 - 03h39
Bebê é abandonado em escadaria de igreja na zona leste de SP
Fonte: Agência Folha

14/01/2008 - 16h55
Bebê é encontrado em caixa de sapato em Itu (SP)
Fonte: Folha Online

14/01/2008 - 16h55
Outro caso
Em São Paulo, um morador da cidade de São Miguel Arcanjo (interior) encontrou um menino recém-nascido na porta de sua casa na manhã de domingo (3).
Fonte: Folha Online

16/01/2008 - 20h05
Bebê é abandonado na calçada em Londrina (PR)
Fonte: Folha Online

25/01/2008 - 14h47
Recém-nascido é encontrado embrulhado em jornais em São Paulo
Fonte: Folha Online

05/02/2008 - 19h03
Recém-nascida é abandonada em terminal de ônibus de Florianópolis (SC)
Fonte: Folha Online

07/02/2008 - 15h48
Mãe abandona filho de três meses em bar de Franca (SP)
Fonte: Folha Online

26/02/2008 - 17:07
Polícia procura mãe de bebê abandonado em hospital
Fonte: Diário do nordeste

26/02/2008 - 14h01
Recém-nascida encontrada em lixeira em São Gabriel (RS) permanece internada
Fonte: Folha Online

05.03.2008, às 08h00
Corpo de bebê jogado em matagal no Agreste
Fonte: Do JC

14/03/2008 - 01h48
Bebê é abandonado em caixa de papelão em rua na zona sul de SP
Fonte: Folha Online

22/03/2008 - 17h58

Menino de 1 ano é abandonado em Ribeirão das Neves (MG)
Fonte: Folha Online

24/03/2008 - 10h02
Polícia encontra recém-nascido abandonado em calçada em Canoas (RS)
Fonte: Folha Online

29/03/2008 - 09h53
Mulher abandona recém-nascido em prédio de Brasília; câmeras flagram ação
Fonte: Folha Online

05/04/2008 - 19h20
Bebê é abandonado em banheiro em Embu-Guaçu (SP)
Fonte: Folha Online

05/04/2008 - 19h20
Em outro bar, na Lapa (zona oeste de São Paulo), outra criança --uma menina de 45 dias-- foi abandonada
Fonte: Folha Online

17/05/2008 - 13h37
Bombeiros encontram bebê abandonado em frente a quartel no RJ
Fonte: Folha Online

01/06/2008 - 10h06
PM encontra bebê dentro de carro abandonado na zona sul de SP
Fonte: Folha Online

11/07/2008 - 17h17
Recém-nascida é abandonada em pesqueiro na zona rural de Valinhos (SP)
Fonte: Folha Online

21/07/2008
Bebê abandonado é encontrado em terreno baldio em Montes Claros, norte de Minas
Fonte: G1 Globo

23/07/2008
Cadela encontra bebê abandonado no centro-oeste de Minas
Fonte: G1 Globo/Rede integração

28/07/2008 - 17h32
Menina é abandonada dentro de saco de lixo em Salvador (BA)
Fonte: Folha Online

30/07/2008
Corpo de bebê é achado no Lixão da Muribeca
Fonte: Do JC

31/07/2008, às 15h54
Bebê é abandonado na Zona Rural de Santa Maria da Boa Vista
Fonte: Do JC OnLine

13/08/08 - 22h06 - Atualizado em 13/08/08 - 22h14
Recém-nascido é abandonado em lava-rápido no Recife
Fonte: G1 Globo

10/09/08 - 11h28 - Atualizado em 10/09/08 - 14h25
Bebê recém-nascido é encontrado em lixeira de igreja
Fonte: G1 Globo

29/09/2008, às 16h35
Bebê com dois dias de vida é abandonado no PR
Fonte: AE

02/10/08 - 15h32 - Atualizado em 02/10/08 - 15h34
Bebê é abandonado em bolsa de viagem em frente a galpão em SC
Fonte: G1 Globo

04/10/2008 - 13h02
Bebê abandonado é achado em rua do Rio
Fonte: Folha Online

05/10/2008 - 20h16
Bebê é encontrado morto dentro de sacola no rio em Amparo (SP)
Fonte: Folha Online

15/10/2008 - 09h49
Bombeiros encontraram o corpo de um recém-nascido em um rio na cidade de Cascavel (PR)
Fonte: Folha Online

15/10/2008 - 13h45
Polícia prende suspeita de tentar matar o filho recém-nascido em Salvador
Fonte: Folha Online

15/10/2008 - 09h49
Pescador encontra bebê morto em represa na zona sul de São Paulo
Fonte: Folha Online

20/10/2008
Mais um bebê abandonado no Rio
Fonte: G1 Globo

04/11/08 - 05h55
Bebê retirado da maternidade pela mãe foi morto a pauladas
Fonte: Gazeta Rádios e Internet

08/11/08 - 18h12 - Atualizado em 08/11/08 - 18h25
Bebê é abandonado ao lado de prédio em Salvador
Fonte: G1 Globo

30/11/2008 - 19h28
Recém-nascido é encontrado em lixeira no Guarujá
Fonte: Folha Online

02/12/2008 - 14h12
Recém-nascido é encontrado em fossa em Planaltina de Goiás (GO)
Fonte: Folha Online

15/12/2008
Passa bem bebê abandonado em rua de Senador Camará, Zona Oeste do Rio
Fonte: G1 Globo

16/12/08 - 19h09 - Atualizado em 16/12/08 - 19h09
Professora encontra bebê abandonado no Maranhão
Fonte: G1 Globo

16/12/08 - 19h09 - Atualizado em 16/12/08 - 19h09
Em Três Lagoas (MS), uma outra criança foi abandonada pela mãe
Fonte: G1 globo

27/12/08 - 14h00 - Atualizado em 27/12/08 - 14h00
Bebê abandonado no interior de SP passa bem
Fonte: G1 Globo

ANEXO I - GUIAS E MANUAIS SOBRE MATERNIDADE

23/08/2007 - 10h19

Guia traz orientações e cuidados para crianças de até cinco anos de idade

da Folha Online

Antigamente acreditava-se que os bebês vinham a este mundo com mentes sem nenhum pensamento, experiência ou habilidades. O ultra-som, a fetologia (estudo dos fetos) e outros campos da medicina, mostram que não é bem assim.

Reprodução

Hoje é possível visualizar a criança, dentro da barriga da mãe, enfiando o polegar na boca. Eles são capazes de uma enorme variedade de expressões faciais, como bocejar.

Outros experimentos revelam que o bebê reconhece e reage à música e outros sons. Com cerca de 35 semanas de gestação, os médicos acreditam que o feto já é um recém-nascido.

O volume "Os Incríveis Primeiros Anos", da **Publifolha**, ajuda a esclarecer sobre os processos normais de desenvolvimento da criança em seus cinco primeiros anos de vida. O livro aborda aspectos como a aquisição de movimentos, a personalidade, as emoções e como o seu bebê começa a raciocinar e a pensar.

- Leia um trecho do livro que ensina como manter a criança segura

Cada capítulo do título começa com uma compreensão dos estágios. O quadro "Participação dos Pais" traz demonstrações de atividades para explorar ao máximo as habilidades adquiridas do bebê, enquanto "Hora de ir ao médico", "Dando um empurrãozinho" e "Fique por dentro" fornece informações relevantes sobre comportamento e fatores que favorecem ou comprometem o desenvolvimento. No final da publicação, o leitor encontra informações úteis como tabelas de peso e de altura, cronograma de vacinas, dentição entre outras.

"Os Incríveis Primeiros Anos" teve consultoria de médicos pediatras, é repleto de ilustrações e engloba as diversas fases da vida dos pequenos.

"Os Incríveis Primeiros Anos"
Autor: Martin Ward Platt
Editora: Publifolha
Páginas: 240
Quanto: R$ 59,90
Onde comprar: Nas principais livrarias, pelo telefone 0800-140090 ou pelo site da Publifolha

http://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/ult10037u322225.shtml

27/12/2008 - 06h00

PUBLIFOLHA: Livros orientam futuras mamães a lidar com a maternidade

da **Folha Online**

A **Livraria da Folha** selecionou uma lista de livros que ajudam as futuras mamães a entender cada passo da gravidez e do ato de ser mãe.

- **Conheça também livros que ajudam a cuidar de bebês e de filhos pequenos**

Divulgação

- **"Ser Mãe"** - Saiba como é a maternidade em diferentes culturas do mundo e conheça sugestões para a mãe moderna --desde cuidados com o corpo da gestante até o plantio de uma árvore para comemorar o nascimento do bebê, o uso do Feng Shui e o planejamento do quarto da criança. Saiba mais e leia trecho do livro: Colostro contém anticorpos e vitaminas essenciais para recém-nascidos.

- **"A Arte de Ter Filhos"**, de Véronique Vienne, trata dos desafios de trazer uma criança ao mundo. Leia um trecho do livro.

- O título **"Totalmente Grávida"**, de Luli, apresenta questões comuns às gestantes como a percepção da gravidez, a expectativa, a visão de si, a barriga e as mudanças no cotidiano. Conheça mais.

- Com muito humor o livro **"Dicas para mães de primeira viagem"** apresenta orientações práticas para cuidar da família, lidar com o companheiro e adaptar-se à vida de mãe. Saiba mais.

Divulgação

- O livro "Concepção e Gravidez depois dos 35 anos", de Laura Goetzl e Regine Harford, aborda os problemas emocionais e práticos que envolvem a gravidez para as mulheres mais velhas. Saiba mais aqui

- **"O Livro de Receitas da Grávida Saudável"** - Escrito especialmente para mulheres grávidas, o livro apresenta 60 receitas fáceis de fazer de pratos saborosos e criativos para todas as refeições. Traz informações sobre os benefícios da alimentação saudável e uma tabela nutricional dos ingredientes. Explica quais são as vitaminas essenciais para a formação do feto, para o melhor desenvolvimento da criança e os alimentos que ajudam a reduzir o enjôo durante a gravidez. Leia trecho

- **"Fique em Forma Depois da Gravidez"** - Este livro traz orientações e um programa de exercícios seguro, eficaz e agradável -que favorece a qualidade dos movimentos em vez da quantidade-, propiciando resultados duradouros para o bem-estar físico e mental. Essencial às mães que desejam recuperar a energia e a vitalidade após o parto, "Fique em Forma Depois da Gravidez" contém sugestões de dietas nutritivas para quem ainda está amamentando. Saiba mais sobre o livro

- **"Mãe é mãe"**, de Judith Brito, conta com texto envolvente dois momentos da experiência da maternidade, aos 23 e aos 43 anos. Leia mais.

http://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/ult10037u353560.shtml

26/03/2008 - 08h00

Livro ajuda a encarar gravidez numa boa

da **Folha Online**

Divulgação

Livro trata de maneira bem-humorada as fases da gravidez

Nada de depressão durante a gravidez e, se duvidar, o efeito se estende ao pós parto. O livro "Totalmente Grávida" da **Publifolha** acompanha, de maneira divertida, o decorrer da gravidez, com texto e ilustrações da cartunista Luli. A autora, que tem um filho pequeno, baseia-se em suas experiências reais para escrever o livro de mensagens curtas e diretas.

O livro fala de questões comuns às gestantes como a percepção da gravidez, a expectativa, a visão de si, a barriga e as mudanças no tratamento cotidiano. É interessante para jovens e descoladas futuras mamães que querem rir um pouco enquanto esperam a chegado do bebê.

- Ouça o comentário da autora Luli sobre o livro.

Em um dos trechos, a autora escreve: "Mesmo no conforto e segurança do nosso doce lar, todos agem como se estivessem numa floresta selvagem, cheia de perigos que podem saltar a qualquer instante por detrás de um móvel ou de um eletrodoméstico. Na rua, então, nem se fale...". O livro começa, em um paralelo ao Gênesis, com um "no princípio, somos apenas a cama, os travesseiros, os lençóis e nós dois". No final, a conta muda e quem conhece o final da história sabe que não se agrega apenas mais um item, mas tudo o que a nova vida exige.

"Totalmente Grávida"
Autor: Luli
Editora: Publifolha
Páginas: 96
Quanto: R$ 16,90
Onde comprar: nas principais livrarias, pelo telefone 0800-140090 ou pelo site da Publifolha

http://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/ult10037u351945.shtml

12/12/2007 - 00h42

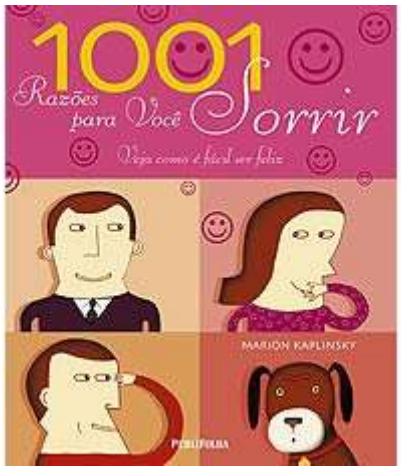
Livros ensinam a encarar maternidade com leveza e bom humor e a proteger os filhos

da **Folha Online**

Há mães de todas as alturas, cores, idades, mas, no fundo, todas elas acabam se revelando de um único tipo: a mãe coruja. Não é à toa que o animal alado seja o símbolo da sabedoria e representação da deusa Minerva, ou Palas Athena, conforme a tradição greco-romana. Veja abaixo uma lista de livros que ensinam a cuidar melhor dos filhos, rir situações inusitadas da gravidez, criar receitas caseiras para toda a família ou encontrar inspiração na difícil e maravilhosa tarefa de ser mãe.

Leitores da **Folha Online** ganham 15% de desconto no site da Publifolha, até dia 08 de fevereiro, nos mais de 650 títulos da editora e das editoras parceiras. Veja como usar seu cupom e saiba a data de validade.

Reprodução



Livro traz uma seleção de idéias, citações, anedotas e trocadilhos para descontrair

1. **"365 Beijos para Mães Queridas"** faz de todos os dias o dia das mães. Da coleção "1001", os livros "1001 Pérolas de Sabedoria" e "1001 Razões para você sorrir" inspiram mães reflexivas ou bem-humoradas.

2. **"Concepção e Gravidez depois dos 35 anos"** e **"A Arte de Ter Filhos"** falam dessa fase tão especial da vida da mulher.

3. **"Totalmente Grávida"** e **"Dicas para mães de primeira viagem"** falam da gravidez com bom humor.

4. **"Mãe é mãe"**, de Judith Brito, conta com texto envolvente dois momentos da experiência da maternidade, aos 23 e aos 43 anos.

5. A **"Série Johnson's Saúde e Carinho"** traz oito volumes que abordam desenvolvimento do bebê da gravidez aos três anos de idade. Os livros contam com a consultoria da médica pediatra Renata Dejtiar Waksman e da enfermeira obstetra Mônica Antunes Portella Gazmenga e acompanham cada fase mês a mês e esclarece as dúvidas de pais de qualquer idade. Leia mais sobre a coleção.

6. **"Linguagem do Bebê"** mostra como se comunicar com bebês recém-nascidos e até mesmo antes do nascimento através de exercícios e brincadeiras. Veja técnicas para ajudar o bebê a se acalmar

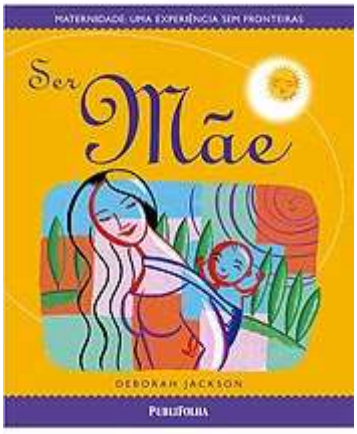
Divulgação

7. A **"Agenda do Bebê"** ajuda a acompanhar o desenvolvimento da criança do nascimento ao primeiro de vida

8. **"A Saúde de Nossos Filhos"** traz tudo sobre a saúde, a segurança dos filhos, em um guia completo que acompanha orienta os pais sobre o desenvolvimento dos filhos até a adolescência.

9. **"Ser Mãe"** mostra como povos de todos os continentes lidam o nascimento, as dores do bebê e outros acontecimentos cotidianos de maneira prática e mágica ao mesmo tempo.

Divulgação



Capa do livro "Ser Mãe", da Publifolha

10. O **"Livro das Graças"** e **"Nossa Senhora"** atendem às mães devotas. Ambos foram escritos pela jornalista Carolina Chagas, que também assina o título "Frei Galvão" e outros livros sobre a vida dos santos da igreja Católica.

Capa de "Concepção e gravidez depois dos 35 anos", da *Publifolha,*

11. **"Segredos de Chefs"** serve para quem não dispensa um bom almoço de domingo na companhia dela, mas também para aqueles que gostam de mostrar seus dotes culinários às mamães. Elas merecem!

12. **"Crianças e Adolescentes Seguros"** ajuda a prevenir acidentes e violências e ensina como agir em emergências. Traz orientações, esclarecimentos e recomendações fundamentais para quem lida com crianças e adolescentes. Saiba mais sobre o livro .

http://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/ult10037u353051.shtml

13/04/2007 - 19h39

Publicação traz dicas para mães novatas

da **Folha Online**

Divulgação

Livro traz dicas para mamães
de primeira viagem

Ser mãe de primeira viagem não é fácil. A psicóloga Ive Naomi Sassano, 26, mãe de Lara, 3, que o diga. "Se eu soubesse de como era antes, não teria ficado tão angustiada", afirma. Sassano comenta que no primeiro ano de Lara, sentiu que não era mais dona de seu corpo, pois ainda amamentava Lara. "Eu sentia que era dela, mas a gente tem que ter bom humor para lidar com isso".

De uma forma engraçada, o "Dicas Para Mães de Primeira Viagem" da **Publifolha** aborda algumas das vivências que as inexperientes mamães podem viver de maneira leve, irônica e engraçada.

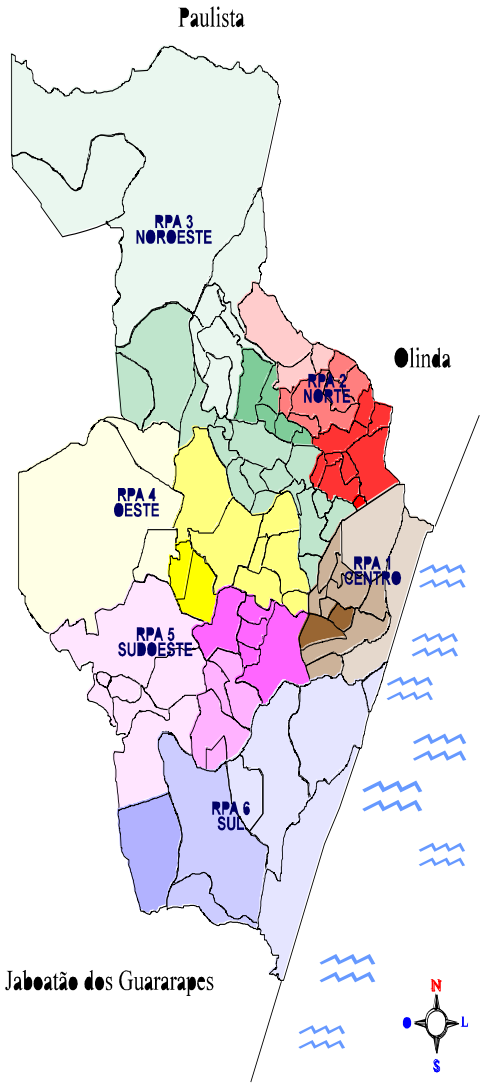
O livro começa com uma introdução sobre a nova vida da mãe, a seguir dá dicas para a mulher que acabou de se tornar mãe, depois fala do pai da criança, afinal de contas ele também interpreta um novo papel na vida, agora, a três. Por fim, o livro lista provas de resistência e fecha com um glossário de termos para as novas mães. Totalmente ilustrado e com frases curtas, é ótimo para se ler nos raros momentos de distração após a vinda do bebê. Tudo, para encarar a nova vida sem estresse, ou melhor, para se divertir com o novo estresse.

"Dicas Para Mães de Primeira Viagem"
Autor: Simon Brett
Editora: Publifolha
Páginas: 96
Quanto: R$ 17,90

http://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/ult10037u351946.shtml

ANEXO J - DIVISÃO DO RECIFE POR REGIÃO POLITICAMENTE ADMINISTRATIVA – RPA

RPA-1 CENTRO	RPA-2 NORTE	RPA-3 NOROESTE
Microrregião 1.1	**Microrregião 2.1**	**Microrregião 3.1**
Recife Santo Amaro	Arruda Campina do Barreto Campo Grande Encruzilhada Hipódromo Peixinhos Ponto de Parada Rosarinho Torreão	Aflitos Alto do Mandú Apipucos Casa Amarela Casa Forte Derby Dois Irmãos Espinheiro Graças Jaqueira Monteiro Parnamirim Poço Santana Sítio dos Pintos Tamarineira
Microrregião 1.2	**Microrregião 2.2**	**Microrregião 3.2**
Boa Vista Cabanga Ilha do Leite Paissandú Santo Antônio São José Soledade	Água Fria Alto Santa Terezinha Bomba do Hemetério Cajueiro Fundão Porto da Madeira	Alto José Bonifácio Alto José do Pinho Mangabeira Morro da Conceição Vasco da Gama
Microrregião 1.3	**Microrregião 2.3**	**Microrregião 3.3**
Coelhos Ilha Joana Bezerra	Beberibe Dois Unidos Linha do Tiro	Brejo da Guabiraba Brejo de Beberibe Córrego do Jenipapo Guabiraba Macaxeira Nova Descoberta Passarinho Pau Ferro
RPA-4 OESTE	**RPA-5 SUDOESTE**	**RPA-6 SUL**
Microrregião 4.1	**Microrregião 5.1**	**Microrregião 6.1**
Cordeiro Ilha do Retiro Iputinga Madalena Prado Torre Zumbi	Afogados Bongi Mangueira Mustardinha San Martin	Boa Viagem Brasília Teimosa Imbiribeira IPSEP Pina
Microrregião 4.2	**Microrregião 5.2**	**Microrregião 6.2**
Engenho do Meio Torrões	Areias Caçote Estância Jiquiá	Ibura Jordão
Microrregião 4.3	**Microrregião 5.3**	**Microrregião 6.3**
Caxangá Cidade Universitária Várzea	Barro Coqueiral Curado Jardim São Paulo Sancho Tijipió Totó	Ibura de Cima / COHAB



ANEXO K - PROCESSOS, INQUÉRITOS E LAUDOS (NÚMEROS DE IDENTIFICAÇÃO)

Processos

486.2006.000170-2 SDS (2006)

441.2007.000688-5 SDS (2007)

001.2007.038292-2 SDS (2007)

235.2008.000370-3 SDS (2008)

449.2008.000294-4 SDS (2008)

Inquéritos

203/2008 SDS (2008)

199/2008 SDS (2008)

325/07 SDS (2007)

018/2007 SDS (2007)

118/07 SDS (2007)

441/2006 SDS (2006)

604/2006 SDS (2006)

Laudos Tanatoscópicos

439/06 SDS (2006)

572/08 SDS (2008)

2779/08 SDS (2008)

0754/09 SDS (2009)

4499/09 SDS (2009)